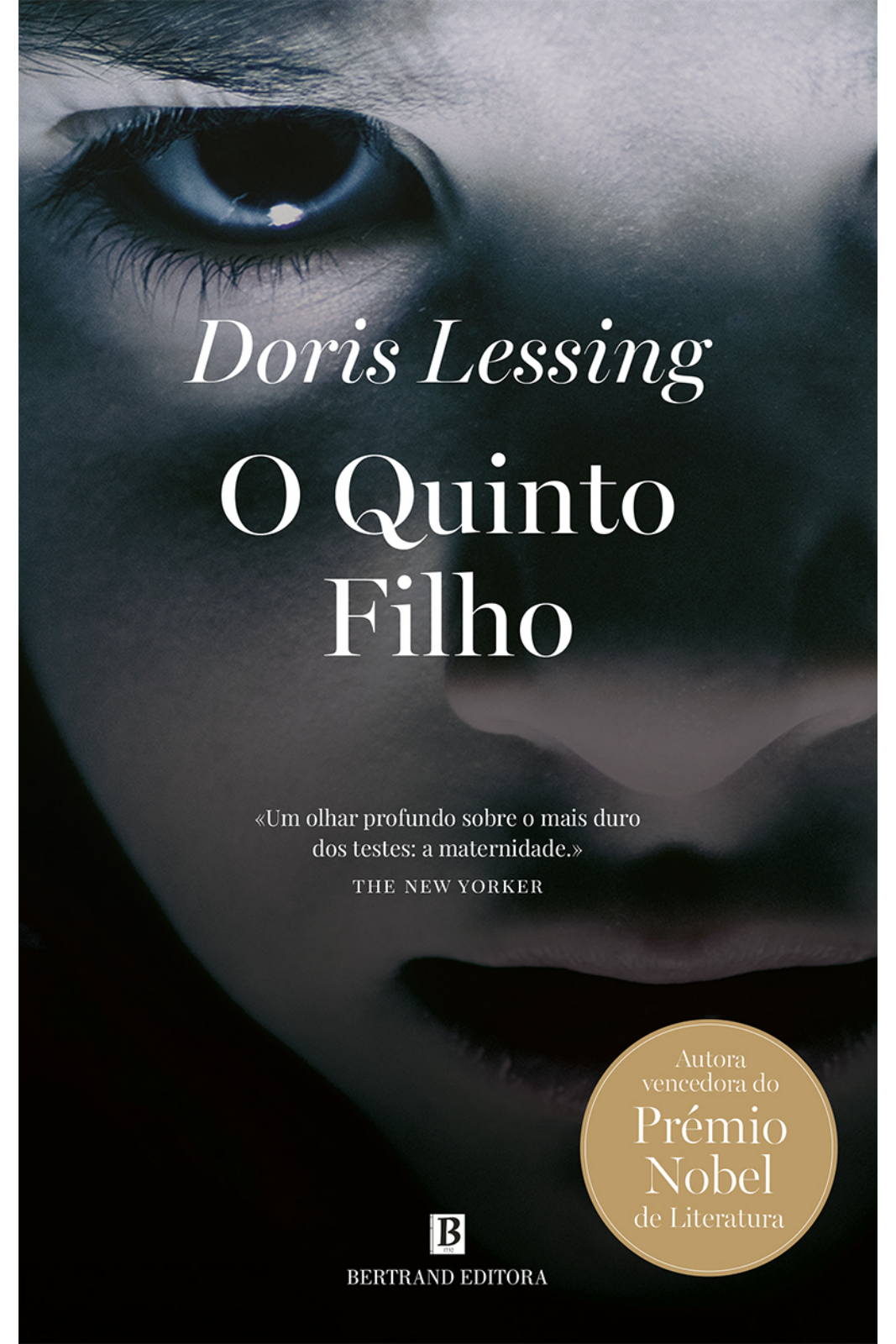




Doris Lessing

O Quinto Filho

«Um olhar profundo sobre o mais duro
dos testes: a maternidade.»

THE NEW YORKER

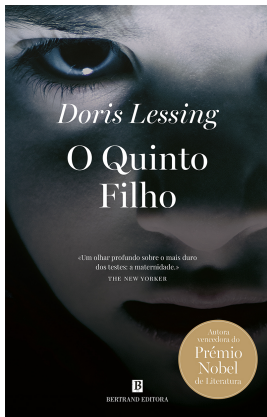
Autora
vencedora do
**Prémio
Nobel**
de Literatura



BERTRAND EDITORA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Doris Lessing nasceu em 1919 em Kermanshah, no atual Irão, filha de pais ingleses, e, aos cinco anos de idade, mudou-se com a família para a Rodésia do Sul, hoje Zimbabué. De 1949 até à data da sua morte, viveu em Londres. Foi uma das mais importantes escritoras do século XX, tendo sido galardoada com o Prémio Nobel da Literatura em 2007. Ao atribuir o prémio, a Academia Sueca descreveu a autora como uma «contadora épica da experiência feminina, que, com ceticismo, ardor e uma força visionária, submeteu uma civilização dividida ao escrutínio». Maria Teresa Horta diria: «Temia que se cumprisse o destino de outras notáveis mulheres como Virginia Woolf e Marguerite Yourcenar, que morreram sem receber o Nobel, mas felizmente assim não acontece e foi uma excelente escolha da Academia.»

Escreveu cerca de sete dezenas de livros ao longo de uma carreira que cobriu quase oitenta anos. Levando constantemente o romance a ultrapassar os limites das convenções, Lessing não teve medo de explorar temas considerados tabu em obras provocadoras e inventivas, sempre influentes, que vão desde o romance, conto e ficção científica à autobiografia, teatro, poesia e ensaio. O seu primeiro romance, *A Erva Canta*, foi publicado em 1950, e a sua reputação internacional floresceu desde então.

Five, coleção de romances curtos, valeu-lhe o Prémio Somerset Maugham em 1954. A tradução francesa de *O Caderno Dourado* (1962) venceu o Prémio Médicis em 1976. Lessing foi ainda nomeada por três vezes para o Booker Prize, pelas obras *Briefing for a Descent into Hell* (1971), *As Experiências Sirianas* (1981) e *A Boa Terrorista* (1985). Em 1991, recebeu o título de Distinguished Fellow in Literature, da School of English and American Studies, atribuído pela Universidade de East Anglia, e, em 1995, o título de Doutora Honoris Causa, atribuído pela Universidade de Harvard. Em 2001, foi galardoada com o Prémio Princesa das Astúrias de Letras e o Prémio David Cohen de Literatura, e recebeu o título de Companion of Honour da Royal Society for Literature britânica. Morreu em 2013, aos 94 anos.

Título: O Quinto Filho

Título original: The Fifth Child

1.ª edição em papel: abril de 2024

Autor: Doris Lessing

Tradução: Cristina Rodriguez

Revisão: Susana Malagueiro

Design da capa: Ana Monteiro

Imagens da capa: Trevillion Images

© 1988, Doris Lessing

Todos os direitos reservados.

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-4712-3

Harriet e David conheceram-se numa festa de empresa, à qual nenhum dos dois tivera muita vontade de ir, e ambos perceberam de imediato que era por qualquer coisa daquele género que tinham estado à espera. Conservadores, antiquados, para não dizer obsoletos, tímidos, difíceis de agradar: era isto que as outras pessoas lhes chamavam, mas eram intermináveis os adjetivos não afetuosos a que tinham direito. Defendiam teimosamente uma ideia segura de si próprios: de que eram vulgares, tinham direito a sê-lo, e de que não deviam ser criticados por exigência emocional e abstinência só porque essas qualidades estavam fora de moda.

Nessa célebre festa apinhavam-se cerca de duzentas pessoas numa sala comprida, enfeitada e solene que durante trezentos e trinta e quatro dias do ano era a sala de reuniões da administração. Três empresas associadas, todas relacionadas com a construção civil, davam a sua festa de fim de ano. Era uma festa barulhenta. O ritmo ensurdecador de um pequeno conjunto fazia estremecer as paredes e o chão. A maior parte das pessoas dançava, bem juntas devido à falta de espaço; os pares saltavam ou rodopiavam no mesmo lugar como se estivessem em cima de mesas giratórias invisíveis. As mulheres estavam bem vestidas, dramáticas, estranhas, cheias de cor: *Olhem para mim! Olhem para mim!* Alguns homens exigiam igual atenção. Encostadas às paredes pressionavam-se algumas pessoas que não dançavam, e entre elas encontravam-se Harriet e David, sozinhos, de copo na mão, observadores.

Ambos tinham pensado que os rostos dos dançarinos, as mulheres mais do que os homens, mas os homens também, tanto podiam estar distorcidos devido a gritos e esgares de dor como agora devido ao prazer e à alegria. Havia uma excitação forçada na cena... mas estes pensamentos, bem como muitos outros, eles não esperavam partilhar com mais ninguém.

Na outra ponta da sala — se alguém realmente a visse por entre tanta gente desejosa de atrair o olhar —, Harriet era uma mancha em pastel. Como num quadro impressionista, ou num truque fotográfico, ela parecia uma rapariga diluída no ambiente que a rodeava. Estava de pé junto a um grande vaso de plantas e folhas secas, e o seu vestido era vagamente florido. O olho focalizador viu então cabelo escuro encaracolado, fora de moda... olhos azuis, suaves mas pensativos... lábios firmemente fechados, demasiado até. De facto, todos os seus traços eram fortes e bons, e tinha uma constituição sólida. Uma jovem saudável, mas talvez mais à vontade num jardim?

David estivera durante uma hora sempre no mesmo sítio a beber moderadamente, os seus olhos azul-acinzentados demorando-se nesta figura, naquele casal, observando como as pessoas se juntavam e se separavam, em ricochete umas contra as outras. Para Harriet, ele não tinha o ar de alguém solidamente implantado: dir-se-ia quase pairar, equilibrar-se na ponta dos pés. Era um jovem magro — parecia mais novo do que era —, tinha um rosto redondo e cândido e um cabelo castanho macio por onde as raparigas ansiavam fazer escorregar os dedos, mas depois aquele seu olhar contemplativo impunha-se e elas desistiam. Ele fazia-as sentirem-se pouco à vontade. Mas não a Harriet. Ela sabia que o olhar de afastamento observador dele espelhava o seu. Calculou que o ar de humor dele era

forçado. Ele tecia mentalmente comentários semelhantes acerca dela: ela parecia não gostar daquelas festas tal como ele. Ambos haviam descoberto quem o outro era. Harriet trabalhava no departamento de vendas de uma empresa que fabricava e fornecia materiais de construção; David era arquiteto.

Então o que é que havia nestes dois que os tornava extravagantes e exóticos? Era a atitude deles para com o sexo! Decorriam os anos 60! David tivera uma ligação longa e difícil com uma rapariga por quem estava relutantemente apaixonado: ela era o que ele não queria numa rapariga. Costumavam gracejar acerca da atração entre os opostos. Ela troçava por ele pretender modificá-la: «Acho que tu imaginas que vais atrasar os ponteiros do relógio, começando por mim!» Desde que se haviam separado, bastante infelizes, ela tinha dormido — David assim supunha — com toda a gente na Sissons Blend & Co. Ele não ficaria surpreendido se com as raparigas também. Ela estava lá naquela noite, de vestido escarlate com renda preta, uma adaptação engraçada de um traje de flamenco. A sua cabeça emergia de forma surpreendente desta combinação. Estava mesmo à moda dos anos 20, com o seu cabelo preto esticado e apertado numa travessa na base da nuca, dois brincos pretos e brilhantes nas orelhas e uma madeixa de cabelo preto na testa. Da outra ponta da sala, onde rodava com o seu par, enviou acenos e beijos frenéticos a David, e ele correspondeu com um sorriso amigável: não havia ressentimentos. Quanto a Harriet, era virgem. «Uma virgem, *agora*», poderiam guinchar as suas amigas. «És maluca?» Ela não se considerava uma virgem, se isto significasse uma condição fisiológica a defender, mas antes qualquer coisa como um presente embrulhado em vários papéis extremamente bonitos para se oferecer,

com discrição, à pessoa certa. As suas próprias irmãs riam-se dela. As raparigas que trabalhavam no escritório olhavam com um humor intencional quando ela repetia: «Desculpem, mas não gosto de andar a dormir por aí, não é o meu género.» Ela sabia que era comentada como um assunto sempre interessante, e geralmente de forma desagradável. Com o mesmo desprezo insensível que as boas mulheres da geração da sua avó deviam ter usado, dizendo: «Ela é perfeitamente imoral, sabem», ou «Não é melhor do que devia ser», ou «Ela nem respeita o nome», e depois (a geração da sua mãe) «Ela é maluca por homens», ou «É uma ninfomaníaca», assim como as raparigas esclarecidas de agora diriam umas para as outras: «Deve ter sido qualquer coisa na infância que a fez ficar assim, coitada.»

E, de facto, já por várias vezes ela se sentira desafortunada ou de algum modo deficiente, porque os homens com quem saía, para ir a um restaurante ou ao cinema, consideravam a sua recusa como sintoma de um problema patológico ou mesquinho. Durante algum tempo tinha saído com uma amiga mais nova do que as demais, mas depois esta tornara-se «como todas as outras», tal como Harriet desesperadamente a definia, definindo-se a si própria como uma pessoa deslocada. Passava muitas noites sozinha, e quase todos os fins de semana ia para casa da mãe, que dizia: «Bem, és antiquada e pronto. Muitas raparigas gostariam de o ser, se pudessem.»

Estes dois excêntricos, Harriet e David, abandonaram ao mesmo tempo os seus respetivos cantos para se dirigirem um ao outro: isto iria ser tão importante para eles como a célebre festa de empresa iria fazer parte da sua história. «Sim, exatamente ao mesmo tempo...» Tiveram de empurrar pessoas já apertadas contra as paredes, mantendo

os copos acima das cabeças para os afastarem do caminho dos dançarinos. E assim se encontraram juntos por fim, sorrindo — talvez com um pouco de ansiedade. Ele pegou-lhe na mão e a custo saíram daquela sala para a seguinte, que era a sala do bar e também estava cheia de pessoas barulhentas, através dessa passaram para um corredor, povoado aqui e ali de pares abraçados, e depois abriram a primeira porta cujo puxador chiou. Era um escritório com uma secretária, cadeiras duras e um sofá. Silêncio... bem, quase. Suspiraram. Pousaram os copos. Sentaram-se em frente um do outro, de modo a poderem olhar-se tanto quanto desejassem, e depois começaram a conversar. Conversaram como se isso fosse o que sempre fora negado a ambos, como se estivessem esfomeados de conversa. E continuaram ali sentados, juntos, a conversar, até que o barulho começou a decrescer nas salas para lá do corredor; e então, calmamente, foram para o apartamento dele, que ficava ali perto. Deitaram-se na cama de mãos dadas e conversaram, por vezes beijaram-se, depois dormiram. Ela mudou-se para casa dele quase de imediato, pois o que ganhava só lhe dava possibilidades para pagar um quarto num grande andar comunitário. Já tinham decidido casar-se na primavera. Porquê esperar? Tinham sido feitos um para o outro.

Harriet era a mais velha de três filhas. Fora só depois de ter saído de casa, aos dezoito anos, que compreendera quanto devia à sua infância, pois muitos dos seus amigos tinham pais divorciados, seguiam vidas incertas e fortuitas e tendiam a ser, como se costuma dizer, perturbados. Harriet não era perturbada e sempre soubera o que queria. Tinha sido uma boa aluna na escola e seguira um curso de artes, tomando-se desenhadora gráfica, o que parecia ser uma maneira agradável de passar o tempo até se casar. A

questão de ser ou não ser uma mulher com carreira nunca a preocupara, embora estivesse preparada para a discutir: não gostava de parecer mais excêntrica do que aquilo que tinha de ser. A sua mãe era uma mulher satisfeita que tinha tudo o que razoavelmente podia querer, pelo menos era isso que lhe parecia a ela e às filhas. Os pais de Harriet acreditavam que a vida familiar era a base de uma família feliz.

As origens de David eram uma questão totalmente diferente. Os seus pais haviam-se divorciado quando tinha sete anos. Ele gracejava, demasiadas vezes, dizendo que tinha dois conjuntos de pais: fora daquelas crianças com um quarto em duas casas em que toda a gente se preocupa com os problemas psicológicos. Não tinha havido choque ou rancor, embora existisse bastante mal-estar ou até mesmo infelicidade — isto no caso das crianças. O segundo marido da mãe, o outro pai de David, era um académico, um historiador, e vivia numa grande casa em mau estado em Oxford. David gostava deste homem, Frederick Burke, que era amável, apesar de distante, tal como a mãe, que era amável e distante. O seu quarto nesta casa tinha sido o seu lar — era, na sua imaginação, o seu verdadeiro lar agora, embora dentro em pouco, com Harriet, ele fosse construir outro, uma extensão e amplificação deste. Era um grande quarto nas traseiras da casa que dava para um jardim mal tratado; um quarto velho, cheio da sua infância, e bastante frio, à maneira inglesa. O seu pai verdadeiro casara com uma mulher do mesmo género que ele: era barulhenta, amável, competente, com o bom humor cínico dos ricos. James Lovatt era um construtor de barcos, e, quando David concordava em visitá-lo, o lugar que lhe era destinado tanto podia ser um beliche num iate como um quarto («Este é o teu quarto, David!») numa *villa* do sul de

França ou das Índias Ocidentais. Mas ele preferia o seu velho quarto em Oxford. David crescera com uma forte exigência quanto ao seu futuro: para os seus filhos tudo seria diferente. Ele sabia o que queria e o género de mulher de que precisava. Se, pelo seu lado, Harriet visse o seu futuro à moda antiga, em que um homem lhe entregaria as chaves do seu reino, onde ela iria encontrar tudo o que a sua natureza exigisse, e isto como um direito natural para o qual, de início inconscientemente mas depois com determinação, se encaminhara, recusando confusões e dramas, então ele via o seu futuro como algo a alcançar e a defender. A sua mulher teria de ser como ele nisto: ela deveria saber onde reside a felicidade e como mantê-la. Ele tinha trinta anos quando conheceu Harriet e sempre trabalhara da forma disciplinada e persistente de um homem ambicioso; mas aquilo por que trabalhava era por um lar.

Não era possível encontrar o género de casa que queriam, para a vida que queriam, em Londres. De qualquer forma, não tinham a certeza se Londres era o mais indicado — não, não era, preferiam uma cidadezinha com um ambiente próprio. Passaram os fins de semana à procura em cidades dos arredores de Londres, e rapidamente encontraram uma grande casa vitoriana com um grande jardim por tratar. Perfeito! Mas para um casal jovem era absurdo, uma casa com três andares, um sótão, muitos quartos, corredores, patamares... Com muito espaço para crianças, de facto.

Mas eles queriam ter muitos filhos. De um modo algo desafiador, devido à enormidade das suas exigências quanto ao futuro, ambos anunciaram que não se importariam de ter muitos filhos. «Mesmo quatro, ou cinco...» «Ou seis», disse David. «Ou seis», acrescentou

Harriet, rindo até às lágrimas, com alívio. Tinham-se rido, rolando na cama, beijado, e estavam exuberantes porque isto, o ponto sobre o qual ambos tinham esperado e até preparado para aceitar uma recusa ou um compromisso, acabara por não constituir perigo nenhum. Mas enquanto Harriet pôde dizer a David e David a Harriet «Pelo menos seis filhos», não podiam dizer isto a mais ninguém. Mesmo com o salário bastante razoável de David, mais o de Harriet, a hipoteca desta casa estaria para além das suas possibilidades. Mas iriam arranjar-se de qualquer maneira. Ela trabalharia durante dois anos, iria todos os dias para Londres com David nos transportes, e depois...

Na tarde em que a casa passou a pertencer-lhes, ficaram de mãos dadas no pequeno alpendre da entrada, com os pássaros a cantarem à sua volta no jardim, onde os ramos das árvores ainda estavam pretos e brilhantes devido à chuva fria do princípio da primavera. Abriram a porta da frente, os seus corações batendo em surdina de felicidade, e ficaram numa sala muito grande em frente de escadas com um ar resistente. Um antigo proprietário encarara a casa como eles. As paredes tinham sido deitadas abaixo para transformar esta sala num espaço que ocupava quase todo o piso térreo. Metade era a cozinha, demarcada do resto apenas por uma parede baixa que iria levar livros, a outra metade tinha imenso espaço para sofás, cadeiras, todo o espanejamento e conforto de uma sala de família. Entraram devagar, suavemente, mal respirando, sorrindo e olhando um para o outro e sorrindo ainda mais porque ambos tinham lágrimas nos olhos. Prosseguiram ao longo das tábuas despidas que em breve teriam tapetes em cima e depois lentamente subiram as escadas cujos varões de latão aguardavam a passadeira. No patamar viraram-se para se maravilharem com a grande sala que iria ser o coração do

seu reino. Continuaram a subir. O primeiro andar tinha um grande quarto — o deles —, e dando para este um quartinho mais pequeno, que seria para cada novo bebé. Havia mais quatro quartos razoáveis neste andar. Subindo outro lanço de escadas já mais estreitas havia mais quatro quartos através de cujas janelas, como nas dos quartos em baixo, se podiam ver árvores, jardins, relvados — todas as perspectivas dos subúrbios agradáveis. E por cima deste andar havia um sótão enorme, ideal para as crianças quando chegassem à idade dos mágicos jogos secretos.

Desceram lentamente as escadas, um lanço, dois, passando por quartos e quartos que imaginavam cheios de crianças, parentes, convidados, e voltaram ao seu quarto. Fora ali deixada uma grande cama, que tinha sido feita especialmente para o casal a quem haviam comprado a casa. Levá-la, dissera o agente, significaria desmanchá-la, e de qualquer forma os donos da cama iam viver para o estrangeiro. David e Harriet deitaram-se lado a lado e olharam para o quarto. Estavam calados, assustados com o que iam empreender. Sombras de um lilaseiro, com um sol molhado por trás dele, parecia delinear sedutoramente na vastidão do teto todos os anos que iriam viver naquela casa. Voltaram as cabeças para as janelas onde o cimo do lilaseiro ostentava os seus botões vigorosos, prestes a rebentarem em flor. Depois olharam um para o outro. As lágrimas corriam-lhes pelas faces. Fizeram amor, ali, na cama deles. Harriet quase gritou: «Não, pára! O que é que estamos a fazer?» Então não tinham decidido não ter filhos durante dois anos? Mas estava dominada pela intenção dele — sim, era isso, ele estava a fazer amor com uma intensidade deliberada, concentrada, fixando-a nos olhos, o que a fez aceitá-lo, aceitar que ele tomasse posse do futuro nela. Não tinha contracetivos com ela. (Ambos, é claro, não

confiavam na pílula.) Ela estava no auge da fertilidade. Mas fizeram amor, com esta deliberação solene. Uma vez. Duas vezes. Mais tarde, quando o quarto ficou escuro, fizeram novamente amor.

— Bem — disse Harriet em voz baixa, pois estava assustada e determinada a não o demonstrar. — Tenho a certeza de que já está!

Ele riu. Um riso alto, descuidado, sem escrúpulos, muito diferente do do David modesto, humorístico, judicioso. Agora o quarto estava bastante escuro, parecia vasto, como uma gruta negra sem fim. Um ramo de árvore arranhava algues uma parede próxima. Havia um cheiro a terra molhada de chuva fria e a sexo. David estava deitado, sorrindo para si próprio, e quando sentiu o olhar dela voltou a cabeça ligeiramente, e o seu sorriso incluiu-a a ela. Mas segundo as suas condições; os olhos brilharam-lhe com pensamentos que ela não podia adivinhar. Ela sentiu que não o conhecia.

— David — disse ela rapidamente, para quebrar o encanto.

Mas o braço dele apertou-se à sua volta, prendendo-lhe o antebraço com uma mão que ela não imaginava que pudesse ser tão forte, tão insistente. Este aperto significava: «Não fales.»

Ficaram ali deitados, juntos, enquanto a normalidade lentamente regressava, e então puderam virar-se um para o outro e beijar-se com aqueles pequenos beijos confiantes do quotidiano. Levantaram-se e vestiram-se no escuro frio: a eletricidade ainda não estava ligada. Desceram em silêncio as escadas da casa de que haviam tomado posse tão completamente e foram até à grande sala familiar, seguindo depois para o jardim misterioso e escondido que ainda não era bem deles.

— Então? — disse Harriet com humor quando entraram no carro dele para regressarem a Londres. — E como é que vamos pagar tudo isto se eu ficar grávida?

Aí está: como é que iam pagar? Harriet ficou mesmo grávida naquela tarde de chuva no quarto deles. Passaram por muitos maus momentos, pensando na escassez dos seus recursos e na sua própria fragilidade. Pois em alturas assim, quando o suporte material não é suficiente, é como se estivéssemos a ser julgados: Harriet e David consideravam-se a si próprios sem recursos e desadaptados, sem nada a que se agarrarem exceto às suas obstinadas convicções, que as outras pessoas sempre haviam julgado erradas.

David nunca recebera dinheiro do pai e da madrastra abastados, que apenas lhe tinham pago a sua educação. (E a educação da sua irmã Deborah; mas ela preferira o estilo de vida do pai tal como ele preferira o da mãe, e por isso não se encontravam muitas vezes. As diferenças entre irmão e irmã pareciam-lhe resumidas a isto — que ela havia escolhido a vida dos ricos.) Ele não queria pedir dinheiro. Os seus pais ingleses — que era como considerava a sua mãe e o marido dela — tinham pouco dinheiro por serem académicos sem ambições.

Uma tarde, estes quatro — David e Harriet, a mãe de David, Molly, e Frederick — estiveram na sala familiar junto às escadas e inspecionaram o novo reino. Agora já havia uma mesa muito grande, que facilmente acomodaria quinze ou vinte pessoas, ao fundo da cozinha; havia também dois sofás enormes e alguns cadeirões comprados em segunda mão num leilão local. David e Harriet ficaram juntos, sentindo-se ainda mais exageradamente excêntricos, e muito mais novos, face a estas duas pessoas mais velhas que os julgavam. Molly e Frederick eram grandes e

descuidados, com muitos cabelos brancos e usando roupas confortáveis que desprezavam a moda de forma complacente. Pareciam espantalhos benevolentes, mas *não* estavam a olhar um para o outro da forma que David tão bem conhecia.

— Ora vamos lá — disse ele com ar de humor, incapaz de suportar a tensão —, podem falar.

E pôs o braço à volta de Harriet, que estava pálida e tensa devido aos enjoos matinais e também porque tinha passado uma semana a esfregar chãos e a lavar janelas.

— Vocês vão montar um hotel? — perguntou Frederick, determinado a não fazer um julgamento.

— Quantos filhos é que pensam ter? — perguntou Molly, com um riso breve que significava não haver razão para protestar.

— Muitos — disse David, suavemente.

— Sim — acrescentou Harriet. — Sim.

Ela não se apercebia, contrariamente a David, como estes dois pais estavam preocupados. Embora perseguindo, como todos os do seu género, uma aparência de inconformidade, eles eram na realidade a essência da convenção e não gostavam de manifestações com ar de exagero, de excesso. Esta casa era isso mesmo.

— Vamos, nós oferecemos o jantar, se houver um hotel decente — disse a mãe de David.

Durante aquela refeição discutiram-se outros assuntos, e depois do café Molly observou:

— Já te apercebeste de que vais ter de pedir a ajuda do teu pai?

David pareceu retrair-se e sofrer, mas tinha de encarar isso: o importante era a casa e a vida que nela iria ser vivida. Uma vida que — ambos os pais o souberam pelo seu olhar de convicção determinada, que julgaram cheio de

presunção da juventude — iria anular, absolver, cancelar todas as deficiências da vida deles, de Molly e de Frederick, e da vida de James e de Jessica também.

Quando se separaram no escuro parque de estacionamento do hotel, Frederick disse:

— Quanto a mim, vocês estão os dois loucos. Bom, obstinados.

— Sim — continuou Molly. — Vocês ainda não pensaram bem. Filhos... ninguém que ainda não os tenha tido sabe o trabalho que dão.

Aqui David riu-se, fazendo uma referência, já antiga, que Molly admitiu e encarou com um riso consciente:

— Tu não és maternal — disse David. — Não tens feito para isso, mas Harriet tem.

— Muito bem — respondeu Molly —, a vida é vossa.

Telefonou a James, o primeiro marido, que andava num iate perto da ilha de Wight. A conversa entre eles terminou com:

— Penso que devias vir e ver por ti.

— Muito bem, irei — concordou ele, muito mais com o que não fora dito do que com o que se dissera: a sua dificuldade em aguentar a linguagem estrangeira da mulher era a razão principal de ter ficado contente por deixá-la.

Pouco depois desta conversa, David e Harriet mais uma vez se encontraram contemplando a casa, desta vez do lado de fora e com os pais de David, o outro par. Jessica estava no meio da relva, ainda coberta de detritos de madeira do inverno e de uma primavera ventosa, e inspecionava criticamente a casa. Para ela era sombria e detestável, tal como Inglaterra. Ela tinha a mesma idade de Molly, mas parecia vinte anos mais nova por ser magra e morena, e dir-se-ia que a sua pele, mesmo quando estava limpa,

brilhava do bronzeador. Tinha cabelo louro, curto e brilhante, e as suas roupas eram resplandecentes. Enterrou os tacões dos sapatos verde jade no relvado e olhou para o marido, James.

Ele já tinha dado uma volta à casa e agora dizia, tal como David esperara:

— É um bom investimento.

— Sim — respondeu David.

— Não está muito cara. Suponho que seja por ser muito grande para a maior parte das pessoas. Acho que o relatório do fiscal não apresentou problemas, pois não?

— Não — contestou David.

— Nesse caso, assumo a responsabilidade da hipoteca. Quanto tempo é que demora a pagar?

— Trinta anos — disse David.

— Nessa altura já estarei morto, espero eu. Bom, também não vos dei nada que se parecesse com um presente de casamento.

— Vais ter de fazer o mesmo à Deborah — lembrou Jessica.

— Já fizemos muito mais pela Deborah do que pelo David — disse James. — De qualquer forma, temos dinheiro para isso.

Ela riu-se e encolheu os ombros: a maior parte era dela. Aquela facilidade com o dinheiro, que caracterizava a vida deles, já David sentira e rejeitara com orgulho, preferindo a parcimónia da casa de Oxford — embora nunca tivesse pronunciado essa palavra em voz alta. A vida dos ricos era estonteante e demasiado fácil, mas agora ele iria ficar-lhe devedor.

— E quantos filhos é que vocês estão a pensar ter, se me permitem a pergunta? — inquiriu Jessica, parecendo um periquito empoleirado na relva molhada.

— Muitos — respondeu David.

— Muitos — disse Harriet.

— Antes vocês do que eu — exclamou Jessica.

E, com isto, estes pais de David abandonaram o relvado e depois Inglaterra, aliviados.

Então entrou em cena Dorothy, a mãe de Harriet. Não ocorreu a David nem a Harriet pensar ou dizer: «Meu Deus, que aborrecido, andarem sempre a aparecer mães», pois se tinham escolhido a vida familiar então o seguimento lógico seria Dorothy ir constantemente ajudar Harriet, enquanto ia insistindo que possuía uma vida própria à qual tinha de voltar. Era viúva, e esta sua vida própria consistia principalmente em visitar as filhas. A casa de família fora vendida, e ela tinha um pequeno apartamento, não muito bonito, mas não era pessoa de se queixar. Quando viu o tamanho e o potencial da casa nova ficou mais silenciosa do que o costume durante alguns dias. Não fora fácil para ela educar três filhas. O seu marido fora químico industrial, não muito mal pago, mas nunca tinha havido muito dinheiro. Ela sabia quanto custava, sob todos os aspetos, uma família, mesmo pequena.

Tentou fazer alguns reparos acerca deste assunto certa noite ao jantar. David, Harriet, Dorothy. David chegara tarde a casa: o comboio atrasara-se. Andar de transportes públicos não iria ser muito divertido, seria até o pior de tudo, para toda a gente, mas claro que em particular para David, pois levava cerca de duas horas por dia para ir e vir do trabalho. Esta seria uma das suas contribuições para o sonho.

A cozinha já se assemelhava ao que iria ser: a mesa grande, com pesadas cadeiras de madeira à volta — agora só quatro, mas já se encontravam mais numa longa fila junto à parede, à espera de convidados e crianças por

nascer —, um grande fogão, um Aga, e um armário antigo com canecas e chávenas penduradas. As jarras estavam cheias de flores do jardim, onde o verão tinha revelado uma plenitude de rosas e lírios. Eles estavam a comer um tradicional *pudding* inglês, feito por Dorothy; lá fora, o outono estabelecia-se em folhas esvoaçantes, que por vezes batiam nas vidraças com ligeiros baques, e no som de um vento que se levantava. Mas as cortinas estavam corridas, cortinas floridas, quentes e grossas.

— Sabem — disse Dorothy. — Tenho andado a pensar em vocês os dois.

David pousou a colher para ouvir, como nunca teria feito com a sua mãe não mundana ou com o seu pai mundano.

— Não acredito que vocês tenham de fazer tudo tão à pressa... Não, deixem-me explicar. A Harriet só tem vinte e quatro anos... ainda nem tem vinte e cinco. Tu, David, acabaste de fazer trinta. E correm como se pensassem que se não agarrarem tudo ainda o perdem. Bom, pelo menos é essa a impressão com que fico ao ouvi-los falar.

David e Harriet estavam a ouvir: os olhos deles encontraram-se, franzidos, pensativos. Dorothy, aquela mulher grande, completa, caseira, com os seus modos decididos, as suas atitudes pensadas, não devia ser ignorada; eles reconheciam o que lhe era devido.

— É verdade que sinto isso — disse Harriet.

— Claro, rapariga, eu sei. Ontem vocês estavam a falar em ter outro bebé já a seguir. Na minha opinião, vão-se arrepender.

— Tudo *podia* muito bem arranjar-se — contestou David com teimosia.

Esta sua convicção, algo que vinha do seu íntimo, tal como as duas mulheres sabiam, não diminuía com as

notícias que irrompiam da rádio. Más notícias, vindas de todo o lado: ainda nada do que em breve se tornariam, mas já bastante ameaçadoras.

— Pensem nisso — disse Dorothy. — Gostaria que o fizessem. Às vezes, vocês assustam-me, e nem sei bem porquê.

Harriet retorquiu furiosamente:

— Talvez devêssemos ter nascido noutro país. Já viu que ter seis filhos noutro lugar do mundo seria normal e nada chocante: *eles* não os fazem sentir-se criminosos.

— Somos nós que somos anormais, aqui na Europa — acrescentou David.

— Disso não sei — retorquiu Dorothy, tão obstinada como qualquer de eles os dois —, mas se vocês tivessem seis, ou oito, ou dez (não, eu sei o que estás a pensar, Harriet, eu conheço-te, não é?), e se estivessem noutra parte do mundo, como no Egipto ou na Índia ou noutro lado qualquer, metade morreria e também não teria a mínima educação. Vocês querem as duas coisas. Na aristocracia está bem, eles podem ter filhos como coelhos, e espera-se que os tenham, mas têm dinheiro para isso. E os pobres podem ter filhos e metade deles morrer, mas também se espera que isso aconteça. Mas as pessoas como nós, no meio, têm de se acautelar com os filhos que têm para poderem cuidar deles. Parece-me que não pensaram bem nisso... Bem, eu vou fazer o café, vocês vão para a sala e sentem-se.

David e Harriet passaram pela larga abertura na parede que demarcava a cozinha e foram para o sofá da sala, onde se sentaram de mãos dadas, um jovem frágil, obstinado e bastante perturbado e uma mulher enorme, resplandecente, desajeitadamente enternecedora. Harriet estava grávida de oito meses, e a sua gravidez não tinha sido fácil. Não tivera

nada de realmente sério, mas sofrera de muitos enjoos, dormira mal com indigestões e estava desapontada consigo própria. Eles interrogavam-se porque é que as pessoas os andavam sempre a criticar. Dorothy trouxe o café, pousou-o e disse:

— Eu lavo a loiça. Deixa-te estar sentada.

E voltou para o lava-loiças.

— Mas é o que eu sinto — desabafou Harriet, perturbada.

— Sim.

— Devemos ter filhos enquanto podemos — acrescentou Harriet.

Da cozinha, Dorothy comentou, rindo-se:

— No princípio da última guerra, as pessoas diziam que era uma irresponsabilidade ter filhos, mas nós tivemos, não foi?

— Então aí tem — exclamou David.

— E cuidámos deles — continuou Dorothy.

— Bom, de certeza que eu estou aqui — disse Harriet.

O primeiro bebé, Luke, nasceu na cama grande, assistido principalmente pela parteira, estando também presente o Dr. Brett. David e Dorothy seguraram nas mãos de Harriet. Não será preciso dizer que o médico queria que Harriet fosse para o hospital, mas ela fora inflexível, embora ele não a tenha aprovado.

Foi numa noite fria e ventosa, logo a seguir ao Natal. O quarto estava quente e maravilhoso. David chorou, Dorothy chorou, Harriet riu e chorou. A parteira e o médico tinham um certo ar de festividade e triunfo. Todos beberam champanhe e deitaram um bocadinho na cabeça do pequeno Luke. Estava-se em 1966.

Luke era um bebé fácil. Dormia muito tranquilamente no quartinho ao lado do quarto grande e era alimentado ao

peito com prazer. Que felicidade! Quando David saía de manhã para apanhar o comboio para Londres, Harriet ficava sentada na cama a dar de mamar ao bebé e a beber o chá que David lhe levara. Quando ele se inclinava para lhe dar um beijo de despedida e para afagar a cabeça de Luke, fazia-o com uma possessividade ardente, que Harriet gostava e compreendia, pois não era ela nem o bebé que estavam a ser possuídos, mas sim a felicidade. A dela e a dele.

Naquela Páscoa houve a primeira das festas de família. Os quartos tinham sido mobilados de forma adequada, se bem que superficialmente, e foram preenchidos com as duas irmãs de Harriet, Sarah e Angela, os seus maridos e filhos; com Dorothy, no seu elemento; e, por pouco tempo, com Molly e Frederick, que admitiram que se estavam a divertir, mas que a vida de família àquela escala não era para eles.

Os conhecedores do ambiente inglês terão por esta altura percebido que naquele padrão poderoso, embora não registado em sítio algum, do sistema de classes inglês, Harriet se situava bastante mais abaixo do que David. Nuns escassos cinco segundos de encontro entre um dos Lovatt ou dos Burke com um dos Walker, a situação notava-se, embora não fosse comentada — pelo menos verbalmente. Os Walker não ficaram surpreendidos por Frederick e Molly dizerem que só iam permanecer dois dias; nem por eles terem mudado de ideias quando James Lovatt apareceu. Tal como muitos casais forçados a divorciarem-se por incompatibilidade, Molly e James gostavam de se encontrar quando sabiam que tinham de se separar em breve. Na verdade, todos se divertiram, concordando que a casa fora feita para aquilo. À volta da grande mesa familiar, onde se podiam acomodar muitas cadeiras, as pessoas sentavam-se

durante longas refeições agradáveis ou iam até lá nos intervalos para beberem café ou chá e para conversarem. E rirem... Ao ouvirem os risos, as vozes, as conversas, os sons das crianças a brincar, Harriet e David, no seu quarto, ou talvez descendo as escadas, procuravam a mão um do outro, sorriam e respiravam felicidade. Ninguém sabia, nem mesmo Dorothy — muito menos Dorothy —, que Harriet estava de novo grávida. Luke tinha três meses. Ninguém pensava que ela ficasse grávida pelo menos antes de um ano. Mas assim era. «Há qualquer coisa de progenitivo neste quarto, juro», dissera David, rindo. Sentiam-se agradavelmente culpados. Deitaram-se na cama ouvindo Luke a fazer os seus ruídos de bebé no quarto ao lado e decidiram não dizer nada até que toda a gente se tivesse ido embora.

Quando disseram a Dorothy, ela ficou muito silenciosa e depois observou:

— Bom, vão precisar de mim, não é?

Precisavam. Esta gravidez, tal como a outra, foi normal, mas Harriet sentiu-se mal e enjoada e pensou para si própria que, embora não tivesse mudado de ideias quanto a ter cerca de seis filhos (ou oito ou dez), seria muito melhor fazer um bom intervalo entre este e o próximo.

Durante o resto do ano era agradável ter Dorothy em casa: ajudou a tomar conta de Luke e fez cortinas para os quartos no terceiro andar.

Nesse Natal, Harriet estava enorme, novamente no seu oitavo mês, e ria-se do seu tamanho e falta de agilidade. A casa estava cheia. Todas as pessoas que lá tinham estado na Páscoa foram outra vez. Era reconhecido que Harriet e David tinham um dom para estas reuniões. Também foi uma prima de Harriet com três crianças, pois ouvira falar da maravilhosa festa da Páscoa que durara uma semana, e

um colega de David com a mulher. Este Natal durou dez dias, e uma festa seguia-se à outra. Luke estava no seu berço lá em baixo, e toda a gente andava de volta dele, as crianças mais velhas pegando-lhe ao colo como se fosse um boneco. Deborah, a irmã de David, uma rapariga fria e atraente que podia muito bem ser filha de Jessica em vez de Molly, chegou para uma breve estada. Não era casada, embora tivesse tido, como ela dizia, tentativas próximas. No seu estilo, ela era tão afastada das pessoas da casa, todos basicamente britânicos — como eles se definiam em relação a ela —, que estas diferenças se tornaram uma piada corrente. Ela tivera sempre uma vida de rica, considerara irritante a generosidade gasta da casa da mãe, detestava muita gente junta, mas admitiu que achava aquela festa interessante.

Havia doze adultos e dez crianças. Os vizinhos convidados apareceram, mas a sensação de proximidade familiar era forte e excluía-os. E Harriet e David exultavam pelo facto de a sua obstinação, aquilo que toda a gente criticara e de que se rira, se ter transformado naquele milagre: serem capazes de unir todas aquelas pessoas tão diferentes e fazê-las sentirem-se bem umas com as outras.

A segunda criança, Helen, nasceu, tal como Luke, na grande cama, com as mesmas pessoas presentes, e mais uma vez o champanhe ungiu a cabeça do bebé e toda a gente chorou. Luke foi transferido do quarto de bebé para o outro a seguir no corredor, e Helen ocupou o lugar dele.

Embora Harriet estivesse cansada — na verdade, esgotada —, a festa da Páscoa realizou-se. Dorothy estava contra.

— Estás *cansada*, rapariga, até à exaustão — disse ela; mas depois, vendo a cara de Harriet, acrescentou: — Bom, está bem, mas lembra-te de que tu não vais fazer nada.

As duas irmãs e Dorothy encarregaram-se de fazer as compras e a comida, o trabalho mais duro.

Lá em baixo, no meio de toda a gente — pois a casa estava novamente cheia —, havia duas criaturinhas, Helen e Luke, de cabelito muito louro, olhos azuis e rostos rosados. Luke cambaleava por todo o lado, ajudado por todos, e Helen estava no berço.

Nesse verão — estava-se em 1968 —, a casa ficou cheia até ao sótão, sendo quase toda a gente da família. A casa ficava a uma distância muito conveniente de Londres, por isso as pessoas iam com David de manhã e voltavam com ele à tardinha, fazendo ainda uma caminhada a pé de uns bons vinte minutos.

As pessoas iam e vinham, diziam que era por dois dias e acabavam por ficar uma semana. E como é que tudo aquilo era pago? Bom, claro que todos contribuíam, mas não chegava; porém, todas as pessoas sabiam que o pai de David era rico. Se ele não tivesse pago a hipoteca, nada daquilo poderia ter acontecido. O dinheiro era sempre apertado. Fizeram-se economias: uma grande arca frigorífica comprada em segunda mão tinha armazenado fruta de verão e vegetais. Dorothy, Sarah e Angela fizeram conservas de fruta, compota e *chutney*. Cozeram pão, e toda a casa cheirava a pão fresco. Isto era a felicidade, à moda antiga.

No entanto, havia uma nuvem. Sarah e o marido, William, tinham um casamento infeliz, discutiam, depois faziam as pazes, mas ela estava grávida do quarto filho e não era possível o divórcio.

O Natal, tão maravilhoso como um festival, veio e passou. Depois a Páscoa... por vezes todos eles se interrogavam onde é que toda a gente estava instalada.

A nuvem na felicidade da família, que era a discórdia

entre Sarah e William, desapareceu para ser absorvida por algo pior. O novo bebê de Sarah tinha a síndrome de Down, e já não se punha a questão de eles se separarem. Dorothy comentava de vez em quando que era uma pena não poder desdobrar-se em duas, pois Sarah precisava tanto dela como Harriet, ou até mais; e de facto teve mesmo de ir algumas vezes ver a sua Sarah, que estava aflita, enquanto Harriet não.

Jane nasceu em 1970, quando Helen tinha dois anos. Demasiado cedo, repreendeu Dorothy, qual era a pressa?

Helen mudou-se para o quarto de Luke, e este para o outro quarto a seguir. Jane fazia os seus ruídos de contentamento no quarto do bebê, e as outras duas crianças iam para a grande cama familiar fazer as suas festas e brincadeiras, ou iam ter com Dorothy à cama dela e brincavam aí.

Felicidade. Uma família feliz. Os Lovatt eram uma família feliz. Era o que tinham escolhido e o que mereciam. Frequentemente, quando Harriet e David estavam deitados de frente um para o outro, parecia que se abriam grandes portas nos seus corações e que se derramava de lá de dentro um intenso alívio, uma gratidão, que ainda os espantava a ambos: a paciência para o que agora parecia um longo período de tempo não fora fácil, apesar de tudo. Tinha sido difícil preservar a crença neles próprios quando a tendência daqueles tempos, os vorazes e egoístas anos 60, fora no sentido de os condenar, de os isolar, de menosprezar o melhor deles próprios. E, afinal, tinham razão ao insistirem em manter aquela sua teimosa individualidade, a qual escolhera, e tão obstinadamente, o melhor — isto.

Fora daquele lugar afortunado, a família, abatiam-se as tempestades do mundo. Os bons velhos tempos tinham

acabado completamente. A firma de David fora atingida, e ele não recebera a promoção que esperava; mas tivera sorte, pois outros tinham perdido os seus empregos. O marido de Sarah estava desempregado. Sarah gracejava com amargura que ela e William atraíam toda a pouca sorte do clã.

Harriet disse a David, em privado, que não acreditava que fosse pouca sorte: a infelicidade de Sarah e William e as suas discussões tinham provavelmente atraído a criança mongoloide — sim, sim, ela sabia muito bem que não se devia chamar-lhes mongoloides. Mas a menina parecia-se um bocadinho com Gengiscão, não era? Um Gengiscão bebé, com o pequeno rosto achatado e os olhos rasgados... David não gostava desta faceta de Harriet, um fatalismo que parecia não se conjugar com as outras coisas dela, e disse que achava isso um pensamento histérico tolo: Harriet amouu, e tiveram de fazer as pazes.

A cidadezinha onde viviam transformara-se durante os cinco anos que lá tinham morado. Incidentes brutais e crimes que outrora chocariam toda a gente eram agora lugar-comum. Havia bandos de jovens que frequentavam certos cafés e becos e que não tinham respeito por ninguém. A casa ao lado já fora assaltada três vezes; a dos Lovatt ainda não, talvez porque estava sempre lá gente. No fim da rua havia uma cabina telefónica que fora destruída tantas vezes que as autoridades tinham desistido: ficara ali sem préstimo. Nesse tempo, Harriet nem sonhava em andar de noite sozinha, mas antigamente nem lhe teria ocorrido não ir onde lhe apetecesse a qualquer hora do dia ou da noite. Esses acontecimentos representavam uma separação horrível: cada vez mais parecia que Inglaterra era habitada por dois povos em vez de um, dois povos inimigos, que se odiavam um ao outro, que não ouviam o que cada um

dizia. Os Lovatt começaram a ler os jornais e a ver os noticiários da televisão, embora não tivessem vontade de fazer nem uma coisa nem outra. Pelo menos deviam saber o que se passava fora da sua fortaleza, do seu reino, no qual três preciosas crianças eram criadas e onde tantas pessoas iam para mergulharem em segurança, conforto, amabilidade.

O quarto bebê, Paul, nasceu em 1973, entre um Natal e uma Páscoa. Harriet não estava muito bem: as suas gravidezes continuavam a ser desconfortáveis e cheias de problemas menores — nada de grave, mas ela estava cansada.

As festividades da Páscoa foram as melhores de sempre: aquele ano era o melhor de todos os seus anos, e, olhando para trás, parecia que o ano inteiro tinha sido uma celebração, renovado por uma fonte de terna hospitalidade cujos guardiões eram Harriet e David. Começara no Natal, quando Harriet estava tão grávida que toda a gente tomava conta dela, revezando-se na tarefa de confeccionar refeições magníficas, envolvidos com o bebê vindouro... sabendo que a Páscoa estava a chegar, depois o longo verão, depois o Natal outra vez...

A Páscoa durou três semanas, todas as férias escolares. A casa estava a abarrotar. As três crianças tinham os seus próprios quartos, mas ficaram todas juntas quando foram precisas as camas; o que eles adoraram, é claro.

— Porque é que não os hão de deixar dormir sempre juntos? — perguntaram Dorothy e os outros. — Um só quarto para umas coisinhas tão pequeninas...

— É importante — disse David, com convicção. — Cada um deve ter o seu próprio quarto.

A família trocou olhares como o fazem as famílias quando tropeçam em membros que os contradizem, e

Molly, que tanto se sentia apoiada como ao mesmo tempo criticada, disse, com a intenção de fazer humor:

— Toda a gente! Toda!

Esta cena tinha lugar ao pequeno-almoço — ou, melhor, a meio da manhã — na sala da família, durante uma refeição que continuava indefinidamente. Todos os adultos, quinze, ainda se encontravam à volta da mesa. As crianças brincavam por entre os sofás e as cadeiras da sala de estar. Molly e Frederick estavam sentados lado a lado, como sempre, mantendo o seu ar de julgar tudo pela perspectiva de Oxford, pelo que, ali, eram muitas vezes gozados, embora eles não parecessem importar-se e estivessem alegremente na defensiva. Molly escrevera novamente ao pai de David, James, dizendo-lhe que ele precisava de «desenterrar» mais dinheiro, pois o jovem casal não conseguia aguentar as finanças. Ele enviara um cheque generoso e depois ele próprio fora lá. Estava sentado em frente da ex-mulher e do marido; como sempre, aqueles dois tipos de pessoas examinavam-se mutuamente, espantando-se como é que alguma vez tinham podido viver um com o outro. Ele parecia estar vestido para uma ocasião desportiva: de facto, em breve iria fazer esqui, tal como Deborah, que estava com o seu arzinho de ave exótica que tinha poisado num lugar estranho e ali ficara por curiosidade — ela não iria admitir que era por admiração. Dorothy também lá estava, servindo chá e café. Angela estava sentada ao pé do marido; as suas três crianças brincavam com as outras. Angela, eficiente, cativa («uma mulher de ferro», como lhe chamava Dorothy, não pronunciando o «graças a Deus»), deu a entender que sentia que as suas duas irmãs absorviam Dorothy e não lhe deixavam nada para si. Ela era como uma pequena raposa, bonita e esperta. Sarah, o marido de Sarah, primos, amigos

— a grande casa tinha pessoas encafuadas em todos os cantos, até mesmo nos sofás da sala. Há muito que o sótão se tornara um dormitório atafalhado de colchões e sacos-camas onde se podiam acomodar quantas crianças fosse necessário. Enquanto estavam ali sentados na grande sala quente e confortável — com uma lareira a queimar a lenha que fora apanhada por todos na véspera, na floresta onde tinham ido passear —, nos quartos do andar de cima ecoavam vozes e música. Algumas das crianças mais velhas estavam a ensaiar uma canção. Naquela casa — e isto definia-a aos olhos de todos, que admiravam o que eles próprios não conseguiam — não se via muito televisão.

O marido de Sarah, William, não estava sentado à mesa, mas sim recostado na parede divisória, e essa pequena distância expressava o que ele sentia ser a sua relação com a família. Já por duas vezes que tinha deixado Sarah e havia voltado, mas era evidente para todos que esse processo iria continuar. Ele arranajara um emprego, não muito bom, numa imobiliária: o problema é que se sentia angustiado pela sua inépcia física, e a filha mais nova, o bebé com a síndrome de Down, aterrava-o. No entanto, estava bem casado com Sarah. Faziam um bonito par: ambos altos, bem constituídos, morenos como dois ciganos, sempre com roupas coloridas. Mas a infeliz bebé estava nos braços de Sarah, tapada de forma a não incomodar ninguém, e William olhava para todos menos para a sua mulher.

Em vez disso, observava Harriet, que estava sentada a amamentar Paul, com dois meses de idade, numa cadeira grande que era a dela por ser confortável para essa função. Parecia exausta. Jane não dormira de noite por causa dos dentes e quisera a mamã e não a avozinha.

Ela não mudara muito pelo facto de ter dado à luz

quatro crianças. Estava sentada à cabeceira da mesa com a gola da blusa puxada para um lado, mostrando parte de um seio branco venado de azul, onde a cabecinha de Paul se movia de forma enérgica. Tinha os lábios fechados com firmeza, como era sua característica, e observava tudo: era uma jovem saudável, atraente, cheia de vida. Mas cansada... As crianças apareceram a correr das suas brincadeiras para lhe chamar a atenção, e ela ficou irritada de repente, reagindo com brusquidão:

— Porque é que vocês não vão brincar lá para cima, para o sótão?

Isto não parecia dela — mais uma vez os adultos trocaram olhares e encarregaram-se de afastar o barulho das crianças. Por fim, foi Angela que saiu com elas.

Harriet estava preocupada porque tinha reagido com mau humor.

— Estive a pé toda a noite... — começou ela.

Mas William interrompeu-a, assumindo a liderança, expressando o que todos eles sentiam, e Harriet sabia-o; mesmo sabendo porque é que tinha de ser William, marido e pai delinquente.

— E agora vamos a isto, cunhada Harriet — anunciou ele, afastando-se da sua parede, de mão erguida, como um chefe de banda. — Quantos anos tens? Não, não me digas, eu sei, e tiveste quatro filhos em seis anos...

Olhou em volta para se certificar de que todos estavam com ele: estavam, e Harriet apercebia-se disso. Ela sorriu ironicamente.

— Sou uma criminosa — disse ela —, é o que eu sou.

— Faz uma pausa, Harriet. É só isso que te pedimos — prosseguiu ele, parecendo cada vez mais galhofeiro, cómico, como era seu costume.

— Fala o pai de quatro crianças — disse Sarah,

embalando ternamente a sua pobre Amy, desafiando-os a dizerem alto o que deviam estar a pensar: que ela iria desviar-se para o apoiar, ao seu marido insatisfeito, em frente de todos.

Ele olhou para ela agradecido, enquanto os seus olhos evitavam a trouxa patética que ela protegia.

— Sim, mas pelo menos foram distribuídos por dez anos — disse ele.

— Nós vamos fazer uma pausa — anunciou Harriet; e acrescentou, parecendo desafiá-los: — Pelo menos durante três anos.

Toda a gente trocou olhares. Ela pensou que a estavam a condenar.

— Eu disse-vos — exclamou William —, estes loucos vão continuar.

— Claro que estes loucos vão continuar — confirmou David.

— Eu já vos tinha dito — comentou Dorothy. — Quando Harriet mete uma ideia na cabeça, o melhor é não se cansarem.

— Igualzinha à mãe — disse Sarah, desolada.

Isto referia-se ao facto de Dorothy ter decidido que Harriet precisava mais dela do que Sarah, apesar da criança deficiente. «Tu és muito mais forte do que ela, Sarah», sentenciara Dorothy. «Harriet sempre teve o problema de ter mais olhos que barriga.»

Dorothy encontrava-se perto de Harriet, com a pequena Jane, indiferente devido à má noite que passara, dormitando nos seus braços. Estava sentada muito direita, rígida; os seus braços eram firmes, os seus olhos não perdiam fosse o que fosse.

— Porque não? — contestou Harriet; depois sorriu para a mãe: — Como é que eu poderia ser melhor?

— Eles vão ter mais quatro filhos — informou Dorothy, apelando para os outros.

— Meu Deus — exclamou James, admirado, mas apreensivo. — Bom, tudo bem, desde que eu tenha muito dinheiro.

David não gostou disto: corou e não olhou para ninguém.

— Não fiques assim, David — disse Sarah, tentando não parecer triste: ela precisava desesperadamente de dinheiro, mas era David, que tinha um bom emprego, quem recebia tantos extras. — Vocês não vão mesmo ter mais quatro filhos, pois não? — inquiriu ela, suspirando.

E todos sabiam que o que pretendia dizer era: mais quatro desafios ao destino. Ela pôs suavemente a mão em cima da cabeça de Amy, que estava a dormir envolvida num xaile, protegendo-a do mundo.

— Vamos, sim — confirmou David.

— Sim, claro que vamos — corroborou Harriet. — Isto é o que todos querem realmente, mas nós não sofremos da lavagem ao cérebro. As pessoas querem mesmo viver assim.

— As famílias felizes — criticou Molly.

Ela defendia uma vida onde a domesticidade tinha o seu lugar: uma base para o que era importante.

— Nós somos o centro desta família — disse David. — Nós, mãe, eu e a Harriet. Não tu.

— Deus não o permita — exclamou Molly, com o seu rosto largo, sempre muito colorido, ainda mais corado, pois ficara aborrecida.

— Pronto, está bem — disse o filho. — Nunca foi o teu estilo.

— De certeza que nunca foi o meu — interpôs James —, e não vou pedir desculpa por isso.

— Mas tu foste um pai maravilhoso, súper — chilreou

Deborah. — E a Jessica uma supermãe.

A sua mãe verdadeira ergueu as pesadas sobancelhas.

— Parece-me que nunca deste muitas hipóteses à Molly — fez notar Frederick.

— Mas está sempre tanto fr-i-i-o em Inglaterra — resmungou Deborah.

James, na sua roupa clara, muito clara, um cavalheiro bem conservado vestido para um verão meridional, produziu aquele suspiro irónico dos mais velhos perante a falta de tato dos jovens e lançou um olhar à ex-mulher e ao seu marido a pedir desculpa por Deborah.

— De qualquer forma — insistiu ele —, *não* é o meu estilo. Estás muito enganada, Harriet. O contrário é que é verdade. Lavam o cérebro das pessoas para que elas acreditem que a vida familiar é o melhor. Mas isso já faz parte do passado.

Se não gosta, então porque é que está aqui? — perguntou Harriet, de uma maneira demasiado agressiva para esta ligeira cena matinal. Depois corou e exclamou: — Não, não queria dizer isso!

— Não, claro que não querias dizer isso — disse Dorothy. — Estás muito cansada.

— Estamos aqui porque é encantador — respondeu uma prima de David que era estudante.

Ela tinha uma vida familiar infeliz, ou pelo menos complicada, e resolvera passar ali as férias, ficando os pais muito contentes por ela poder conhecer a verdadeira vida familiar. Chamava-se Bridget.

David e Harriet estavam a trocar longos olhares de apoio, como tantas vezes faziam, e não tinham ouvido a rapariguinha, que agora olhava para eles com ar patético.

— Vá lá, vocês os dois — disse William —, digam à Bridget que ela é bem-vinda.

— O quê? O que é que se passa? — perguntou Harriet.

William esclareceu:

— Tem de ser dito à Bridget que ela é bem-vinda. Bem... a todos nós também, de vez em quando... — acrescentou ele, na sua maneira brincalhona, não podendo deixar de lançar um olhar à sua mulher.

— Claro que és bem-vinda, Bridget — disse David.

Olhou para Harriet, que concordou imediatamente:

— Mas é claro que sim.

Ela queria dizer: «São coisas que nem é preciso falar»; e o peso de milhares de discussões matrimoniais estava por trás, levando a que Bridget olhasse de David para Harriet, e vice-versa, e depois para toda a família em volta, dizendo:

— Quando eu casar, é isto que vou fazer. Vou ser como a Harriet e o David e ter uma grande casa e muitos filhos... e todos vocês serão bem-vindos.

Ela tinha quinze anos, era uma rapariguinha morena e gorduchinha que em breve, todos o sabiam, iria desabrochar e tornar-se bonita. Disseram-lhe isso.

— É natural — comentou Dorothy, tranquilamente. — Nunca tiveste um verdadeiro lar, por isso lhe dás valor.

— Há qualquer coisa errada nessa lógica — retorquiu Molly.

A rapariguinha olhou em volta da mesa, um pouco perdida.

— A minha mãe quer dizer que só podes dar valor a uma coisa se tiveres passado por ela — explicou David. — Mas eu sou a prova viva de que isso não é assim.

— Se estás a dizer que não tiveste um lar como deve ser — ripostou Molly —, isso é absurdo.

— Tiveste dois — disse James.

— Tinha o meu quarto — respondeu David. — O *meu quarto*, que era o lar.

— Bom, suponho que devemos estar agradecidos por essa concessão. Não sabia que sentias carências — retorquiu Frederick.

— Nunca senti: tinha o meu quarto.

Decidiram encolher os ombros e rir.

— Vocês ainda nem sequer pensaram no problema que vai ser a educação de todos eles — disse Molly. — Tanto quanto nos apercebemos...

E agora eis que aparecia aquele ponto de divergência que a vida nesta casa com tanto êxito suavizara. Nem era preciso dizer que David andara em escolas particulares.

— O Luke vai entrar para a escola local este ano — informou Harriet. — E a Helen irá para o ano.

— Bom, se isso vos serve — comentou Molly.

— As minhas três filhas andaram em escolas oficiais — disse Dorothy, não deixando passar a observação.

Mas Molly não aceitou o desafio e fez notar:

— Bom, a não ser que o James dê uma ajuda...

Desta maneira tornava claro que ela e Frederick não poderiam ou não iriam contribuir.

James não disse nada. Nem sequer se dignou olhar ironicamente.

— Ainda faltam cinco ou seis anos para termos de nos preocupar com a fase seguinte da educação do Luke e da Helen — argumentou Harriet, parecendo novamente muito irritada.

Molly insistiu:

— Nós inscrevemos o David nas escolas quando ele nasceu. E a Deborah também.

— Bem — comentou Deborah —, será que com as minhas escolas finas sou melhor do que a Harriet ou qualquer outra pessoa?

— É um ponto a considerar — observou James, que

pagara as escolas finas.

— Não muito bom — respondeu Molly.

William suspirou, caricaturando:

— Somos todos uns carenciados. Pobre William. Pobre Sarah. Pobre Bridget. Pobre Harriet. Diga-me, Molly, se eu tivesse andado em escolas finas conseguiria agora arranjar um emprego decente?

— A questão não é essa — respondeu Molly.

— Ela quer dizer que seria mais feliz desempregado ou numa porcaria de emprego se tivesses tido uma boa educação — comentou Sarah.

— Lamento — discordou Molly —, mas a educação oficial é horrorosa. E está cada vez pior. A Harriet e o David têm quatro filhos para educar. E vão ter mais alguns, aparentemente. Como é que sabem se o James vai poder ajudá-los? Pode acontecer qualquer coisa no mundo.

— Acontece a toda a hora — disse William, de forma agreste, mas rindo-se para suavizar.

Harriet agitou-se na cadeira, incomodada, afastou Paul, escondendo o seio com uma habilidade notada e admirada por todos, e disse:

— Não quero falar mais nisso. Está uma manhã agradável...

— Claro que vos ajudo, dentro de limites — informou James.

— Oh, James... obrigada... obrigada... — disse Harriet.
— Oh, céus... porque é que não vamos até à floresta?... Podíamos fazer um piquenique...

A manhã passara lentamente. Era meio-dia. O sol batia nas pontas das cortinas vermelhas, tornando-as de um laranja intenso, formando losangos cor de laranja vibrantes na mesa por entre chávenas, pires, um cesto de fruta. As crianças tinham vindo do cimo da casa e estavam no

jardim. Os adultos foram vê-las pelas janelas. O jardim continuava por arranjar, nunca havia tempo para isso. A relva tinha bocados viçosos e havia brinquedos espalhados. As aves cantavam nos arbustos, ignorando as crianças. A pequena Jane, que estava sentada ao lado de Dorothy, foi cambaleando para o exterior para se juntar aos outros. Um grupo de crianças brincava ruidosamente, mas ela ainda era muito pequena, saía e entrava acidentalmente no jogo, nesse mundo privado de uma criança de dois anos. Eles adaptaram habilmente o jogo para ela. Na semana anterior, domingo de Páscoa, tinha havido ovos pintados escondidos por todo o jardim. Fora um dia maravilhoso, com as crianças a trazerem todos os ovos mágicos que Harriet, Dorothy e Bridget, a estudante, tinham passado metade da noite a decorar.

Harriet e David estavam juntos à janela, ela com o bebê nos braços. David pôs um braço em volta dela. Trocaram um breve olhar, meio culpado devido aos irreprimíveis sorrisos nos seus rostos, que calcularam ir provavelmente exasperar os outros.

— Vocês os dois são incorrigíveis — comentou William. — Não há nada a fazer — disse para os outros. — Mas quem é que se queixa? Eu não! Porque é que não vamos todos ao piquenique?

A festa da casa encheu cinco carros, com as crianças metidas entre as pernas ou sentadas ao colo dos adultos.

No verão foi a mesma coisa: durou dois meses, e mais uma vez a família veio e foi e voltou novamente. A rapariguinha estudante ficou lá o tempo todo, pobre Bridget, aderindo rapidamente àquele milagre da família; tal como, na verdade, acontecera com Harriet e David. Mais de uma vez — ao verem a cara da rapariga, reverente, até admirada, sempre a observar como se temesse perder

alguma revelação de bondade ou graça no momento em que desviasse a atenção — se viram a eles próprios. Viam-se até com um certo embaraço. Era demais... excessivo... Claro que deviam dizer-lhe: «Olha lá, Bridget, não esperes assim tanto. A vida não é assim!» Mas a vida é assim, se se escolher bem: então porque é que sentiam que ela não podia ter o que eles possuíam em abundância?

Ainda antes de aquela multidão se juntar para o Natal de 1973, Harriet estava grávida outra vez, para grande aflição sua e de David. Como é que podia ter acontecido? Haviam sido cuidadosos, especialmente devido à sua determinação em não terem mais filhos durante uns tempos. David tentou gracejar:

— É este quarto, juro que é um criador de bebés!

Tinham adiado a comunicação a Dorothy. Aliás, ela não estava lá, porque Sarah dissera que era injusto que Harriet tivesse a ajuda toda. Mas Harriet não conseguia desenvencilhar-se. Uma após outra, tivera três raparigas para a ajudar; elas tinham acabado a escola e não encontravam trabalho com facilidade. Não eram grande coisa. Harriet achava que tomava mais conta delas do que ao contrário. Iam trabalhar ou não conforme a disposição e sentavam-se a beber chá com as amigas enquanto Harriet trabalhava. Ela andava desvairada, exausta, irritada; perdia a cabeça; desatava a chorar... David viu-a sentada à mesa da cozinha com a cabeça nas mãos, murmurando que aquele novo feto a estava a envenenar. Paul choramingava no seu berço, ignorado. David tirou uma licença de quinze dias no escritório para ficar em casa a ajudar. Eles sabiam quanto deviam a Dorothy, mas agora percebiam-no melhor — e quando ela soubesse que Harriet estava novamente grávida iria ficar muito zangada, e com razão.

— Vai ser mais fácil quando começar o Natal —

chorava Harriet.

— Não debes estar a falar a sério — disse David, furioso. — Claro que eles não podem vir neste Natal.

— Mas é tão fácil quando as pessoas estão cá, toda a gente me ajuda.

— Vamos a casa de um deles só por esta vez — discordou David.

Mas esta ideia não durou nem cinco minutos: nenhuma das outras casas podia acomodar seis pessoas a mais.

Harriet estava deitada na cama a chorar.

— Mas eles têm de vir, não os afastes. Oh, David, por favor... Pelo menos, não penso tanto nisto.

Ele sentou-se no seu lado da cama a observá-la, angustiado, crítico, e tentando não o ser. De facto, ele gostaria de não ter a casa cheia de gente durante três semanas, um mês: saía muito caro, e eles tinham sempre pouco dinheiro. Ele trouxera trabalho extraordinário do escritório, e agora ali estava, feito ama-seca.

— Tens de arranjar alguém que te ajude, Harriet. Tens de tentar manter uma delas.

Ela rebentou de indignação com a crítica.

— Não é justo! Não és tu quem está aqui metido com elas! Não prestam para nada! Não acredito que qualquer uma dessas raparigas tenha trabalhado uma hora que fosse na vida.

— Ajudaram alguma coisa, mesmo que tenha sido só a lavar a roupa.

Dorothy telefonou a dizer que tanto Sarah como Harriet tinham de se arranjar sem ela, porque precisava de descansar. Ia voltar ao seu apartamento para fazer o que lhe apetecesse durante algumas semanas. Harriet desatou a chorar, incapaz de dizer fosse o que fosse. Dorothy não conseguiu que ela lhe contasse o que é que estava mal, e,

assim sendo, condescendeu:

— Muito bem, suponho que tenho de ir.

Ela sentou-se à mesa grande com David, Harriet e as quatro crianças e olhou severamente para Harriet. Soubera que a filha estava grávida outra vez cerca de meia hora depois de ter chegado. Eles viam na sua cara zangada que tinha coisas terríveis para dizer: «Sou vossa criada, faço o trabalho de uma criada nesta casa»; ou: «Vocês são os dois uns egoístas, uns irresponsáveis.» Estas palavras estavam no ar, mas não foram pronunciadas: eles sabiam que, se ela comesse, as coisas não acabariam assim.

Dorothy estava sentada à cabeceira da mesa — no lugar ao pé do fogão —, mexendo o seu chá, atenta ao pequeno Paul, que estava rabugento na sua cadeira e queria ser mimado. Ela também parecia cansada e tinha o cabelo grisalho despenteado: tinha ido ao seu quarto para se arranjar e fora engolida pelos abraços de Luke, Helen e Jane, que tinham saudades dela e sabiam que a irritação e a impaciência reinantes em casa acabariam doravante.

— Vocês sabem que toda a gente está à espera de vir cá no Natal — começou ela, *não* olhando para eles.

— Sim, sim, sim — aclamaram Luke e Helen, fazendo disso cantiga e dança e correndo à volta da cozinha. — Quando é que eles vêm? O Tony vem? O Robin vem? A Anne vem?

— Sentem-se — ordenou David, brusco e frio.

Eles olharam para ele espantados e magoados, mas sentaram-se.

— É uma loucura — exclamou Dorothy.

Estava corada com o chá quente e com todas as coisas que se estava a esforçar por não dizer.

— Claro que tem de vir toda a gente — respondeu Harriet, a chorar e correndo para fora da cozinha.

— É muito importante para ela — disse David, em tom de desculpa.

— E para ti não é?

Este comentário foi sarcástico.

— A questão é esta: não me parece que a Harriet esteja em si — explicou David, mantendo o olhar no de Dorothy para a obrigar a encará-lo.

Mas ela não o fez.

— O que é que isso quer dizer, que a minha mãe não está em si? — perguntou Luke, que tinha seis anos, pronto a fazer um jogo de palavras, até mesmo um trocadilho, mas mostrando-se perturbado.

David esticou um braço, e Luke foi ter com o pai, aconchegou-se e olhou para cima, para a cara dele.

— Está tudo bem, Luke — acalmou-o David.

— Vocês têm de arranjar alguém para ajudar — disse Dorothy.

— Já tentámos.

David explicou o que se passara com as três raparigas simpáticas mas indiferentes.

— Não me admira. Quem é que quer trabalhar honestamente hoje em dia? — replicou Dorothy. — Mas vocês precisam de arranjar alguém. E também posso dizer-te que não esperava acabar os meus dias como criada da Sarah e vossa.

Então, Luke e Helen olharam com incredulidade para a avó e desataram a chorar. Depois de uma pausa, Dorothy controlou-se e começou a consolá-los.

— Pronto, já passou, já passou — disse ela. — Agora vou deitar o Paul e a Jane. Vocês os dois, Luke e Helen, já sabem deitar-se sozinhos. Depois vou lá dar-vos as boas-noites. E depois a avozinha vai para a cama. Estou cansada.

As crianças, obedientes, foram para cima.

Harriet já não desceu naquela noite; o marido e a mãe sabiam que ela estava maldisposta. Estavam habituados a isso... mas não ao mau temperamento, às lágrimas, à irritação.

Quando as crianças já estavam na cama, David fez algum do trabalho que levava para casa e depois preparou uma sanduíche; Dorothy, que tinha descido para fazer chá, juntou-se-lhe. Desta vez não trocaram irritações: ficaram juntos num silêncio camarada, como dois veteranos de campanhas enfrentando julgamentos e dificuldades.

Depois David subiu para o grande quarto em penumbra, onde as luzes da janela superior de uma casa vizinha, a cerca de trinta metros de distância, projetavam clarões e sombras no teto. Ficou a olhar para a grande cama onde Harriet estava deitada. A dormir? O pequeno Paul adormecera junto a ela, destapado. David inclinou-se com cuidado, embrulhou Paul no seu cobertor e levou-o para o quarto ao lado. Viu os olhos de Harriet brilharem enquanto seguia os seus movimentos.

Meteu-se na cama e, como sempre, estendeu o braço para que ela pudesse encostar a cabeça e apertar-se contra ele.

— Sente isto — disse ela, guiando-lhe a mão para a barriga.

Tinha quase três meses de gravidez.

Este novo bebé ainda não demonstrara sinais de vida independente, mas agora David sentiu um pontapé sob a sua mão, um movimento bastante forte.

— Será que tem mais tempo do que pensavas?

Sentiu outra vez o esticão e nem queria acreditar.

Harriet encontrava-se novamente a chorar, e ele sentiu, sabendo é claro que estava a ser injusto, que ela estava a quebrar as regras de um contrato mútuo: lágrimas e

tristezas nunca tinham figurado na agenda deles!

Ela sentiu-se rejeitada. Eles sempre tinham gostado de ficar deitados a sentir a nova vida, acolhendo-a. Por quatro vezes, ela esperara pelos primeiros movimentos, primeiro facilmente confundíveis, mas depois seguros; a sensação era a de um peixe a expelir uma bolha; as pequenas respostas aos movimentos dela, aos seus toques e até mesmo — ela estava convencida disso — aos seus pensamentos.

Naquela manhã, deitada no escuro antes de as crianças terem acordado, ela sentira um batimento na barriga, a pedir atenção. Não querendo acreditar, semierguera-se olhando para a barriga ainda lisa, embora macia, e sentira a batida imperativa, como um pequeno tambor. Mantivera-se em movimento todo o dia como que para não sentir aquelas exigências do novo ser, diferentes em tudo do que conhecera antes.

— Será melhor ir ao doutor Brett para confirmar as datas — disse David.

Harriet não disse nada, parecendo-lhe que era irrelevante: mas não sabia porque é que sentia isso.

No entanto, foi ao Dr. Brett.

Ele disse:

— Bom, talvez eu tenha falhado um mês, mas, se assim foi, foste muito descuidada, Harriet.

Esta repreensão era a que toda a gente lhe andava a fazer, e ela irritou-se:

— Qualquer pessoa pode errar.

Ele franziu a testa quando sentiu os movimentos enfáticos na barriga dela e comentou:

— Bom, não há nada de muito errado *nisto*, ou há?

Contudo, ele não parecia muito seguro. Era um homem já de certa idade, atormentado, que, segundo ela ouvira,

tinha um casamento difícil. Ela sempre se sentira bastante superior em relação a ele. Agora estava à sua mercê e olhava para aquela cara profissional reticente enquanto estava deitada ali, sob as suas mãos, desejando que ele dissesse mais qualquer coisa. O quê? *Uma explicação.*

— Vais precisar de ter calma — disse ele, voltando-se.

Nas suas costas, ela murmurou:

— Tem calma tu!

Mas depois repreendeu-se: «Sua *vaca* maldisposta.»

Toda a gente que chegava para o Natal era informada de que Harriet estava grávida: fora um erro, mas agora estavam realmente contentes.

— Mas falem por vocês — disse Dorothy.

As pessoas andavam atarefadas, mais do que nunca. Harriet não cozinhava; não limpava, não fazia nada. Tinha de ser servida.

Cada pessoa que chegava ficava admirada ao ouvir a novidade e depois gracejava. Harriet e David entravam na sala cheia de família a conversar, que ao notar a sua presença se calava. Tinham estado a ser condenados. A família dava total crédito a Dorothy pela manutenção de todo o trabalho da casa. A pressão no salário de David — que, afinal, já não era muito alto — foi mencionada. Disseram-se piadas acerca da provável reação de James ao saber a notícia. Depois começou a troça. Teceram elogios à fertilidade de David e Harriet e gracejaram acerca das influências do quarto. Eles responderam às piadas com alívio. Mas toda esta brincadeira tinha uma certa aspereza, e as pessoas olhavam agora de forma diferente para o casal Lovatt. A qualidade paciente, insistente e calma que os tinha aproximado, que dera origem àquela casa e juntara todas aquelas pessoas diferentes de várias partes de Inglaterra e até do mundo — James vinha das Bermudas,

Deborah dos Estados Unidos, e até Jessica prometera fazer uma visita breve —, essa qualidade, o que quer que fosse, essa exigência da vida, que fora encarada no passado com respeito (de má vontade ou deliberadamente), mostrava agora o seu reverso: em Harriet, deitada na cama, pálida e insociável, que descia de vez em quando à sala determinada a entrar na festa, mas falhando e voltando para cima; na paciência penosa de Dorothy, que trabalhava de manhã à noite e muitas vezes até bastante tarde; e na impertinência e chamadas de atenção das crianças, em particular do pequeno Paul.

Conseguiram outra rapariga da vila, encontrada pelo Dr. Brett. Era, como as outras três, simpática, preguiçosa, não vendo nada para fazer a não ser que lhe chamassem diretamente a atenção, incomodada com a quantidade de trabalho que davam quatro crianças. No entanto, gostava de ver as pessoas sentarem-se por ali a conversar, do ambiente sociável, e dentro de pouco tempo começou a comer com eles e a sentar-se a conversar; achava normal ser servida por eles. Toda a gente sabia que ela iria encontrar uma desculpa para se ir embora quando aquela festa encantadora acabasse.

O que aconteceu, bastante mais cedo do que o normal. Jessica não foi a única (nas suas roupas claras de verão que não faziam qualquer concessão ao inverno britânico exceto num casaco de malha leve) a lembrar-se de outras pessoas a quem tinha prometido ir visitar. Jessica foi-se embora, e com ela Deborah. Seguiu-se James. Frederick tinha de acabar um livro. A rapariguinha extasiada, Bridget, encontrou Harriet deitada, com as mãos a pressionar a barriga, as lágrimas a correrem-lhe pela cara, gemendo com uma dor que não especificava — e ficou tão chocada que também chorou e disse que sempre soubera que era

bom demais para durar; voltou para casa da mãe, que tinha acabado de se casar novamente e na verdade não a queria.

A rapariga que fora para ajudar voltou para casa, e David procurou uma ama com experiência em Londres. Não tinha dinheiro para isso, mas James prometera que pagava. Até Harriet ficar melhor, dissera ele. Invulgarmente irritadiço, tornava claro que pensava que Harriet tinha escolhido aquela vida e agora não devia esperar que toda a gente fosse pagar as contas.

Mas eles não conseguiam encontrar uma ama. Todas queriam ir para o estrangeiro com famílias que só tivessem um bebé, ou dois, ou ficar em Londres. Aquela cidadezinha, as quatro crianças e outra para nascer não as seduzia.

Em vez disso, Alice, uma prima de Frederick, uma viúva com dificuldades, foi ajudar Dorothy. Alice era desembaraçada, espalhafatosa e nervosa como um pequeno *terrier* cinzento. Tinha três filhos já adultos e netos, mas dizia que não queria ser um incómodo para eles, um reparo que levou Dorothy a fazer comentários secos, que Harriet sentiu como acusações. Dorothy não estava contente por ter uma mulher da mesma idade dela a partilhar a autoridade, mas não podia ser de outra forma. Harriet parecia incapaz de fazer muita coisa.

Ela voltou ao Dr. Brett, pois não conseguia dormir ou descansar por causa da energia do feto, que parecia tentar rasgar o caminho para fora da sua barriga.

— Olhe só para isto — disse ela quando a barriga se elevou, convulsiva, e baixou. — *Cinco meses!*

Ele fez os testes habituais e respondeu:

— É muito grande para cinco meses, mas mesmo assim normal.

— Já alguma vez teve um caso assim? — sondou Harriet, cortante.

O médico lançou-lhe um olhar aborrecido.

— Claro que já vi bebês enérgicos — rematou ele.

— Com cinco meses? Assim? — perguntou ela.

Ele recusou-se a olhar para Harriet, que sentia que ele não estava a ser totalmente honesto.

— Vou dar-te um sedativo — disse ele.

Era um sedativo para ela. Mas ela pensou logo nele como algo para acalmar o bebê.

Agora, receosa de pedir ao Dr. Brett, ela mendigava tranquilizantes aos amigos e às irmãs. Não disse a David quantos andava a tomar, e esta era a primeira vez que ela lhe escondia alguma coisa. Depois de os tomar, o feto ficava calmo cerca de uma hora, e ela conseguia então descansar dos constantes pontapés que recebia, tão fortes que quase a faziam gritar de dor. À noite, David ouvia-a gemer ou choramingar, mas não lhe oferecia o seu apoio, pois parecia que nesses dias ela não conseguia encontrar ajuda nos braços à sua volta.

— Meu Deus! — exclamava ela, ou grunhia, ou gemia, e depois de repente sentava-se, rebojava para fora da cama e saía do quarto a correr, dobrada, como que fugindo da dor.

Ele tinha deixado de lhe pôr a mão na barriga, da antiga forma companheira, pois o que sentia estava para além da sua compreensão. Não era possível que um ser tão pequenino tivesse tanta força; mas no entanto tinha. E nada do que ele dizia parecia alcançar Harriet, a qual, ele sentia, estava possessa, afastara-se completamente dele, naquela batalha com o feto que ele não podia partilhar.

Ele acordava de noite e via-a andar de um lado para o outro do quarto, no escuro, hora após hora. E quando por fim ela se deitava, regularizando a sua respiração, em breve havia de recomeçar, soltando uma exclamação; então, sabendo que ele estava acordado, ela ia para a

grande sala familiar, onde podia dar largas passadas, gemendo, praguejando, chorando, sem ser observada.

Como as férias da Páscoa se aproximavam e as duas velhas mulheres faziam reparos acerca de terem a casa pronta, Harriet disse:

— Eles não podem vir. É impossível virem.

— Estão a contar vir — observou Dorothy.

— Cá nos arranjaremos — retorquiu Alice.

— Não — exclamou Harriet.

Houve lamentações e protestos das crianças, mas Harriet não cedeu. Isto fez com que Dorothy ainda protestasse mais. Ali estava ela, com Alice, duas mulheres capazes, com o trabalho todo, e o mínimo que Harriet podia fazer...

— Tens a certeza de que não queres que eles venham? — perguntou David, a quem as crianças tinham suplicado que a fizesse mudar de ideias.

— Oh, façam o que quiserem — respondeu Harriet.

Mas, quando a Páscoa chegou, provou-se que ela tinha razão: não foi um êxito. O seu rosto crispado, abstrato, quando se sentava à mesa, rigidamente direita, preparada para o pontapé ou para o murro seguintes, fazia parar a conversa, estragava o divertimento, os bons tempos.

— O que é que tens aí? — perguntou William, trocista, mas pouco à vontade, vendo a barriga de Harriet a revolver-se. — Um pugilista?

— Só Deus sabe — respondeu Harriet, com amargura e muito séria. — Como é que vou aguentar até julho? — perguntou ela numa voz baixa e estarrecida. — Não consigo! Simplesmente não consigo!

Todos eles, incluindo David, julgaram que ela estava apenas exausta pelo facto de aquele bebé vir cedo demais. Tinham de ser indulgentes. Sozinha na sua provação — e

ela sabia que tinha de ser assim e não culpava a sua família por não aceitar o que ela lentamente era forçada a aceitar —, tornou-se silenciosa, taciturna, desconfiada em relação aos outros e aos pensamentos deles acerca dela. A única coisa que a ajudava era manter-se em movimento.

Se uma dose de um qualquer sedativo mantinha o inimigo — era assim que ela agora designava aquela coisa selvagem dentro dela — sossegado durante uma hora, então ela aproveitava todo esse tempo para dormir, agarrando no sono, segurando-o, bebendo-o, antes de saltar da cama com um enjoo e um esticão que a faziam sentir-se mal. Limpava a cozinha, a sala, as escadas, lavava janelas, esfregava armários, todo o seu corpo energeticamente negando a dor. Insistia para que a mãe e Alice a deixassem trabalhar, e quando elas diziam que não era preciso esfregar a cozinha outra vez ela respondia:

— A cozinha não precisa, mas preciso eu.

Quando chegava a hora do pequeno-almoço, ela podia já ter trabalhado três ou quatro horas e parecia atormentada. Levava David à estação e as duas crianças mais velhas à escola, depois estacionava o carro algures e caminhava. Quase que corria por ruas que mal via, hora após hora, até perceber que causava comentários. Então conduzia até fora da cidade e caminhava ao longo da estrada, apressadamente, às vezes a correr. As pessoas que passavam nos carros voltavam-se, admiradas por verem aquela mulher tão apressada, pálida, de cabelo ao vento, boca aberta, arquejando, de braços cruzados na testa. Se paravam para lhe oferecer ajuda, ela abanava a cabeça e corria.

O tempo passou. Passou realmente, embora ela estivesse sujeita a um tempo diferente daqueles que a rodeavam — e também não era o tempo da mulher grávida, que é lento,

um calendário do crescimento do ser oculto. O tempo dela era resistência, contenção da dor. Fantasmas e quimeras habitavam o seu cérebro. Ela pensava: «Quando os cientistas fazem experiências, cruzando duas espécies de animais de tamanhos diferentes, suponho que é isto o que a pobre mãe sente.» Imaginava seres patéticos, atamancados, horrivelmente reais para ela, os produtos de um *Grand Danois* ou de um *Borzoi* com um pequeno *Cocker Spaniel*; um leão com um cão; um grande cavalo de tiro com um pequeno burro; um tigre com uma cabra. Às vezes pensava que tinha cascos a cortarem a sua tenra carne interior, ou então garras.

De tarde, ela ia buscar as crianças à escola e, mais tarde, David à estação. Andava à volta da cozinha enquanto jantavam, encorajava as crianças a verem televisão e depois subia ao terceiro andar, onde galgava o corredor de ponta a ponta.

A família ouvia os seus passos velozes e pesados, lá em cima, mas não ousava trocar olhares.

O tempo passou. Passou realmente. O sétimo mês foi melhor, e isto devido à quantidade de drogas que ela tomava. Aterrada pela distância que crescera entre ela e o marido, e os filhos, e a mãe, e Alice, Harriet planeou então o seu dia para uma só coisa: tinha de parecer estar normal entre as quatro horas, quando Helen e Luke acabavam a escola, e as oito ou nove, quando eles iam para a cama. As drogas pareciam não estar a afetá-la muito: ela queria era que passassem por ela e chegassem ao bebé, o feto — aquele ser com quem estava fechada numa luta pela sobrevivência. E durante aquelas horas ele estava sossegado, ou então, se mostrava sinais de ir despertar e lutar contra ela, ela tomava outra dose.

Oh, como todos estavam ansiosos por tê-la de volta na

família, normal, ela mesma: eles ignoravam, porque ela assim queria, a sua tensão, o seu cansaço.

David punha os braços em volta dela e dizia:

— Oh, Harriet, estás *mesmo* bem?

«Ainda faltam dois meses.»

— Sim, sim, estou. A sério.

E silenciosamente dirigia-se ao ser encolhido nas suas entranhas: «Agora calas-te, senão tomo outro comprimido.» Parecia-lhe que ele a ouvia e a percebia.

Uma cena na cozinha: o jantar da família. Harriet e David lideravam nos topos da mesa. Luke e Helen estavam juntos de um lado. Alice segurava o pequeno Paul, que nunca tinha carinhos suficientes, pois eram muito poucos os que recebia da mãe. Jane estava sentada ao pé do lugar de Dorothy, que estava junto ao fogão, segurando a concha da sopa. Harriet olhou para a sua mãe, uma mulher grande e saudável de cinquenta anos, com os seus cachos de caracóis cinzento-metálico, a sua face fresca e rosada, os seus grandes olhos azuis «como chupa-chupas» — uma brincadeira da família —, e pensou: «Sou tão forte como ela. Vou sobreviver.» Depois sorriu para Alice, magra, vigorosa, forte, enérgica, e pensou novamente: «Olha bem para estas mulheres mais velhas, sobreviveram a tudo.»

Dorothy serviu a sopa de legumes. Depois sentou-se, descontraída, com o seu prato. Passou-se o pão, um grande cesto de pão.

A felicidade voltara e sentava-se à mesa com eles — e a mão de Harriet, sem ser vista, debaixo da mesa, mantinha-se sobre o inimigo: «Tu estás quieto.»

— Uma história — pediu Luke. — Uma história, papá.

Quando tinham escola no dia seguinte, as crianças jantavam cedo e iam logo para a cama. Mas às sextas e sábados comiam com os adultos e um deles contava uma

história durante a refeição.

Aqui, na cozinha hospitaleira, o ar estava quente e cheirava a sopa. Lá fora estava uma noite tormentosa. Maio. As cortinas não estavam corridas. Um ramo atravessava-se em frente da janela: um ramo de primavera, cheio de floração prístina, pálida ao crepúsculo, mas o vento que batia nas vidraças vinha lá do sul, de algum icebergue ou campo de neve. Harriet estava a mexer a sopa com a colher e a partir bocadinhos de pão lá para dentro. O seu apetite era enorme, insaciável — tão grande que ela tinha vergonha e assaltava o frigorífico quando ninguém a podia ver. Costumava interromper as suas peregrinações noturnas para comer qualquer coisa que encontrasse. Tinha mesmo esconderijos, como as reservas de um alcoólico, só que eram de comida: chocolates, pão, tortas...

David começou:

— Duas crianças, um rapaz e uma rapariga, partiram um dia para uma aventura na floresta. Penetraram bastante na floresta. Lá fora estava calor, mas debaixo das árvores fazia frio. Viram um veado deitado, a descansar. Os pássaros esvoaçavam e cantavam para eles...

David parou para comer sopa. Helen e Luke estavam sentados com os olhos no rosto dele, imóveis. Jane também ouvia, mas de forma diferente. Tinha quatro anos de idade, por isso olhava para ver como é que os outros reagem à história e imitava-os, fixando os olhos no pai.

— Os pássaros cantam para nós? — perguntou Luke, duvidoso, franzindo as sobrancelhas; tinha um rosto forte, severo, e, como sempre, queria saber a verdade. — Quando nós estamos no jardim e os pássaros estão a cantar, é para nós que cantam?

— Claro que não, parvo — disse Helen. — Era uma floresta mágica.

— Claro que cantam para vocês — ripostou Dorothy com firmeza.

As crianças, com a fome já mais aquietada, estavam de colher na mão, com os olhos muito abertos para o pai. O coração de Harriet oprimiu-se perante aquela total confiança deles, aquele abandono. A televisão estava ligada: uma voz profissional, fria, falava de uns assassínios num subúrbio de Londres. Harriet arrastou-se para a desligar, voltou pesadamente e serviu-se de mais sopa, que atafulhou de pão... Ela ouvia a voz de David, hoje a voz do contador da história, mas já tantas vezes que fora a dela própria, a de Dorothy...

— Quando as crianças ficaram com fome, encontraram um arbusto coberto de doces de chocolate. Depois descobriram um lago de sumo de laranja. Tinham sono. Deitaram-se debaixo de um arbusto perto do veado simpático. Quando acordaram disseram obrigado ao veado e prosseguiram.

» De repente, a menina deu-se conta de que estava sozinha. Ela e o irmão tinham-se perdido um do outro. Ela queria voltar para casa, mas não sabia qual o caminho a seguir. Então pôs-se à procura doutro veado simpático, ou duma andorinha, ou dum passarinho qualquer que lhe dissesse onde é que ela estava e lhe indicasse o caminho para sair da floresta. Vagueou durante um grande bocado e depois ficou novamente com sede. Inclinou-se numa lagoa pensando se seria sumo de laranja mas era água, água clara e pura da floresta, e sabia a plantas e a pedras. Bebeu com as mãos...

Neste ponto, as duas crianças mais velhas agarraram nos seus copos e beberam. Jane entrelaçou os dedos para formar uma taça.

— Então, a menina sentou-se ali junto da lagoa. Em

breve seria escuro. Inclinou-se para a lagoa para ver se havia algum peixe que lhe pudesse dizer o caminho para sair da floresta, mas viu uma coisa que não esperava. Era o rosto de uma menina que olhava diretamente para ela, um rosto como nunca tinha visto na vida. Esta estranha menina estava a sorrir, mas era um sorriso maldoso, não era amigo, e a nossa menina pensou que a outra ia sair da água e arrastá-la lá para dentro...

Houve uma inspiração pesada de Dorothy, chocada, que sentia que aquela história era demasiado assustadora para a hora de dormir.

Mas as crianças estavam petrificadas pela atenção. O pequeno Paul, choramingando ao colo de Alice, fez com que Helen lhe dissesse:

— Está sossegado, cala-te!

— A Phyllis, era esse o nome da nossa menina, nunca vira olhos tão assustadores...

— É a Phyllis da minha creche? — perguntou Jane.

— Não — respondeu Luke.

— Não — respondeu Helen.

David tinha parado, aparentemente à procura de inspiração. Estava com a testa franzida, de olhar abstrato, como se tivesse uma dor de cabeça. Quanto a Harriet, queria gritar: «Pára! Pára com isso! Estás a falar de mim! É isso o que vocês sentem por mim!» Não podia acreditar que David não visse isso.

— O que é que aconteceu depois? — perguntou Luke.

— O que é que aconteceu exatamente?

— Espera — retorquiu David. — Deixa-me acabar a minha sopa...

Comeu.

— Eu sei o que aconteceu — disse Dorothy com firmeza. — A Phyllis decidiu abandonar aquela lagoa má

imediatamente. Correu por um caminho até que esbarrou com o irmão, que andava à procura dela. Deram as mãos e correram para fora da floresta até chegarem sãos e salvos a casa.

— Foi isso, exatamente — confirmou David.

Estava a sorrir, pesaroso, mas parecia divertido.

— E foi isso mesmo, mesmo, o que aconteceu, papá? — perguntou Luke, ansioso.

— Absolutamente — confirmou David.

— Quem era a menina na lagoa, quem era ela? — perguntou Helen, olhando do pai para a mãe.

— Oh, apenas uma menina mágica — disse David, ao acaso. — Não faço ideia. Materializou-se, apenas.

— O que é *materializou-se*? — perguntou Luke, dizendo a palavra com dificuldade.

— São horas de ir para a cama — ordenou Dorothy.

— Mas o que é *materializou-se*? — insistiu Luke.

— Ainda não comemos pudim — gritou Jane.

— Não há pudim, há fruta — informou Dorothy.

— O que é *materializou-se*, papá? — persistiu Luke, ansiosamente.

— É quando uma coisa aparece de repente num sítio onde antes não estava.

— Mas porquê? Porque é que é assim? — lamuriava Helen, perturbada.

Dorothy disse:

— Meninos, lá para cima.

Helen levou uma maçã, Luke outra, e Jane tirou um bocado de pão do prato da mãe com um sorriso rápido, consciente, travesso. Não tinha ficado perturbada com a história.

As três crianças foram ruidosamente para cima, e o bebé Paul procurou-os, excluído, com a sua carita pronta a

chorar.

Alice levantou-se rapidamente com ele e foi atrás das crianças, dizendo:

— Ninguém me contou histórias quando eu era pequena!

Era difícil dizer se isto era uma queixa ou um «e foi melhor assim».

De repente, Luke apareceu no patamar.

— Vêm todos para as férias de verão?

David olhou preocupado para Harriet, depois desviou o olhar. Dorothy olhava com persistência para a filha.

— Sim — respondeu Harriet, frouxamente. — Claro que sim.

Luke gritou para cima:

— Ela disse: «Claro que sim!»

— Vais ter o bebé recém-nascido — advertiu Dorothy.

— É contigo e com Alice — retorquiu Harriet. — Se vocês acham que não conseguem aguentar, então digam.

— Parece-me que eu aguento — contestou Dorothy, secamente.

— Sim, eu sei — disse David, rapidamente. — És maravilhosa.

— E vocês não sabem o que teriam feito...

— Isso não — cortou David; e para Harriet: — Será muito melhor adiarmos as coisas e tê-los cá todos no Natal...

— As crianças vão ficar desapontadas — lembrou Harriet.

Isto não se parecia com a sua antiga insistência: foi dito de maneira apática e indiferente. O marido e a mãe examinaram-na com curiosidade — e Harriet sentiu a inspeção deles, desprendida, pouco amável. Disse com um tom triste:

— Bom, talvez este bebé nasça mais cedo. Claro que tem de nascer. — Riu-se, sarcasticamente, e de repente levantou-se, exclamando: — Tenho de me mexer, tenho mesmo — e começou no seu caminhar de um lado para o outro, obstinado, doloroso, horas e horas, para cima e para baixo.

Quando tinha oito meses de gravidez, Harriet foi ao Dr. Brett e pediu-lhe que provocasse o parto.

Ele olhou de forma crítica para ela e comentou:

— Pensei que eras contra isso.

— E sou, mas isto é diferente.

— Que eu veja não.

— É porque não quer. Não é você que carrega este... — cortou o «monstro», com medo de o antagonizar. — Olhe — continuou ela, tentando parecer calma, embora a sua voz estivesse zangada e acusadora —, o senhor diria que eu sou uma mulher irracional, histérica, difícil? Apenas uma mulher patética e histérica?

— Eu diria que estás completamente esgotada, arrasada. Nunca achaste a gravidez fácil, pois não? Já te esqueceste? Já estiveste aqui sentada por quatro vezes, com toda a espécie de problemas, e, mérito teu, conseguiste aguentar sempre tudo muito bem.

— Mas não é a mesma coisa, é *absolutamente* diferente, não percebo como é que não consegue ver isso. Não vê?

Ela espetou a barriga, que estava a elevar-se, sentia-o bem, ferverilhando de excitação enquanto ela estava ali sentada.

O médico olhou com ar duvidoso para a barriga, suspirou e receitou-lhe mais sedativos.

Não, ele não conseguia ver. Ou melhor, não queria — era essa a questão. Não era só ele, eram todos — não *queriam* ver como era diferente.

E, enquanto caminhava e corria pelos caminhos campestres, ela fantasiava que agarrava numa grande faca de cozinha, cortava a própria barriga e tirava a criança — então, quando ficassem de olhos nos olhos, depois daquela longa guerra cega, o que é que ela veria?

Daí a pouco tempo, quase com um mês de antecedência, começaram as dores. Uma vez iniciado, o trabalho de parto dela processava-se sempre muito rapidamente. Dorothy telefonou para David, que estava em Londres, e levou Harriet imediatamente para o hospital. Pela primeira vez, e para surpresa de todos, ela tinha insistido em ir para o hospital. Quando lá chegou, teve dores extremamente violentas, piores do que de qualquer das vezes anteriores. O bebé parecia estar a lutar para sair. Ela sabia que estava magoada, que por dentro devia ser uma enorme nódoa negra... e nunca ninguém iria saber.

Quando chegou por fim o momento em que se pôde entregar ao esquecimento, ela gritou:

— Graças a Deus! Graças a Deus que tudo acabou finalmente!

Ouviu uma enfermeira dizer:

— Este é mesmo rijinho! Olhem para ele!

Depois, a voz de uma mulher dizia:

— Senhora Lovatt, senhora Lovatt, está a ouvir-nos? Vamos, volte a si! O seu marido está aqui, minha querida! Tem um bebé saudável!

— Um autêntico lutadorzinho — comentou o Dr. Brett.
— Veio a lutar com o mundo inteiro.

Ela soergueu-se com dificuldade, porque a parte inferior do seu corpo estava demasiado dorida para se poder mexer. Puseram-lhe o bebé nos braços, um bebé de cinco quilos; os outros não tinham ultrapassado os três quilos e duzentos. Era um bebé musculoso, amarelado, comprido. Parecia que

estava a tentar pôr-se de pé, empurrando os pés contra ela.

— E um rapazinho bem engraçado — comentou David, parecendo desanimado.

Não era um bebé bonito. Nem sequer parecia um bebé. Tinha ombros fortes e encurvados como se estivesse agachado. A testa era inclinada desde as sobrancelhas até ao alto da cabeça. O cabelo tinha um formato invulgar: nascia na parte superior da cabeça e ia até à testa em forma de cunha ou triângulo, virado para a frente, eriçado, forte e amarelado, enquanto o cabelo dos lados e de trás crescia para baixo. As mãos eram grossas e pesadas, com almofadas de músculos nas palmas. Ele abriu os olhos e fixou diretamente o rosto da mãe. Eram olhos focalizadores verde-amarelados, como bocados de pedra-sabão. Ela há muito que esperava encontrar o olhar do ser que, tinha a certeza, estivera a tentar magoá-la, mas não houve qualquer reconhecimento. E o coração dela encolheu-se de pena por ele: pobre animalzinho, com uma mãe que não gostava nada dele... Mas ouviu-se a si própria dizer nervosamente, embora tentasse rir:

— É como um duende, ou um gnomo, ou qualquer coisa assim...

E acarinhou-o, para se reconciliarem. Mas ele era rígido e pesado.

— Então, Harriet — disse o Dr. Brett, zangado com ela.

Ela pensou: «Já passei por isto quatro vezes com o maldito Dr. Brett e ele sempre foi maravilhoso, mas agora parece um mestre-escola.»

Harriet destapou um seio e ofereceu o mamilo ao filho. As enfermeiras, o médico, a mãe e o marido ficaram a observar com os sorrisos que aquele momento impunha. Mas não havia qualquer atmosfera de festa, de realização, não havia champanhe; pelo contrário, havia uma tensão,

uma apreensão entre todos. O bebê teve um reflexo de sucção forte e depois as suas gengivas duras apertaram o mamilo, e ela encolheu-se. O bebê olhou para ela e então mordeu com força.

— Bom — disse Harriet, tentando rir e afastando-o.

— Experimente mais um bocadinho — insistiu a enfermeira.

Ele não estava a chorar. Harriet manteve-o afastado, desafiando a enfermeira com os olhos para que o levasse. A enfermeira, com os lábios apertados em sinal de reprovação, levou o bebê, que foi colocado sem um protesto no berço. Ele não tinha chorado desde que nascera, apenas soltara um primeiro rugido de protesto, ou talvez de surpresa.

As quatro crianças foram levadas à enfermaria para verem o novo irmão. As duas outras mulheres que partilhavam o quarto com Harriet tinham-se levantado e haviam levado os seus bebês para a sala de visitas, mas Harriet recusara-se a sair da cama. Ela disse aos médicos e às enfermeiras que precisava de tempo para recuperar das suas feridas internas; disse isto em forma quase de desafio, descuidadamente, indiferente aos seus olhares críticos.

David estava aos pés da cama, com o pequeno Paul ao colo. Harriet ansiava por este bebê, esta criancinha de quem tinha sido tão prematuramente separada. Adorava o olhar dele, o seu rosto pequenino e cómico, com olhos azuis suaves — como campainhas, pensou ela —, e as suas perninhas macias... era como se ela estivesse a deslizar as suas mãos ao longo delas, apertando depois os seus pezinhos com a palma das mãos. Um bebê autêntico, um filho autêntico...

As três crianças mais velhas olharam para baixo, para o recém-nascido, que era tão diferente deles todos: de uma

matéria diferente, assim parecia a Harriet. Em parte porque ela ainda estava a reagir ao olhar dele com a memória da sua diferença no útero, mas em parte também devido à sua massa pesada, amarelada. E depois havia ainda aquela cabeça, em declive para trás desde o alto das sobrancelhas.

— Vamos chamar-lhe Ben — disse Harriet.

— Vamos? — perguntou David.

— Sim, condiz com ele.

Luke de um lado e Helen do outro agarraram nas mãozinhas de Ben e disseram:

— Olá, Ben! Olá, Ben!

Mas o bebé não olhou para eles.

Jane, que tinha quatro anos, agarrou num dos pés dele com uma mão, depois com as duas, mas ele afastou-a com um pontapé vigoroso.

Harriet deu consigo a pensar: «Gostaria de saber como seria a mãe, aquela que acolhesse este... alienígena.»

Ficou uma semana na cama — isto é, até sentir que podia enfrentar a luta que a esperava — e depois foi para casa com o seu novo filho.

Nessa noite, no grande quarto do casal, ela sentou-se encostada a um monte de almofadas a dar de mamar ao bebé. David observava.

Ben chupava com tanta força que esvaziou o primeiro seio em menos de um minuto. Sempre que um seio estava quase vazio, ele costumava apertar as gengivas com força, e por isso ela tinha de o afastar antes de ele o poder fazer. Parecia que ela o estava a privar rudemente do seio, e ela ouviu a respiração de David alterar-se. Ben rugiu com raiva, agarrou-se como uma sanguessuga ao outro mamilo e chupou tanto que ela sentiu como se todo o seio estivesse a desaparecer pela garganta dele abaixo. Desta vez, deixou-o estar no mamilo até ele apertar as gengivas com força, e

então ela gritou afastando-o.

— É extraordinário — comentou David, dando-lhe o apoio de que ela precisava.

— Pois *é*. *Não é* absolutamente nada vulgar.

— Mas ele está bem, é só...

— Um lindo bebê, normal e saudável — ripostou Harriet com azedume, citando o pessoal do hospital. David ficou silencioso. Era aquela raiva, aquela amargura dela que ele não conseguia perceber.

Harriet segurava Ben no ar. Ele estava a brigar, a lutar, a espernear, chorando na sua forma característica, que era um rugido ou um urro, enquanto ficava amarelado de raiva — e não vermelho como um bebê normal quando está zangado.

Quando ela o endireitou para que ele arrotasse, parecia que ele estava de pé nos braços dela, e ela sentiu-se enfraquecer de medo ao pensar que toda aquela força estivera dentro dela tão recentemente, e ela à sua mercê. Durante meses, ele lutara para sair, tal como agora lutava para se tornar independente do domínio dela.

Quando o deitou no berço, o que a ela sempre lhe agradava porque lhe doíam muito os braços, ele berrou toda a sua fúria, mas depressa sossegou, embora desperto, totalmente alerta, com os olhos concentrados e todo o corpo encolhendo-se e esticando-se com um forte movimento de empurrão dos calcanhares e da cabeça a que ela estava bem habituada: fora isso que a fizera sentir-se dilacerada quando ele estava dentro dela.

Harriet voltou para a cama. David estendeu o braço de forma que ela se pudesse deitar perto dele, aconchegada, mas ela sentiu-se traiçoeira e falsa, pois ele não haveria de gostar do que ela estava a pensar.

Ela depressa ficou exausta de dar de mamar a Ben. Não

que ele não estivesse a crescer, antes pelo contrário. Tinha mais um quilo do que à nascença ao atingir um mês, o que equivalia a uma semana de vida se tivesse nascido dentro do tempo.

O peito doía-lhe. Produzindo mais leite do que nunca, os seios dela ficavam inchados como dois balões prestes a rebentar muito antes da altura da mamada seguinte. Mas Ben estava sempre a rugir por mais, e quando ela lhe dava de mamar ele espremia até à última gota em dois ou três minutos. Ela sentia o leite a ser puxado em torrentes. Agora, ele tinha começado a fazer uma coisa diferente: costumava interromper a sua feroz sucção várias vezes durante a mamada e juntar as gengivas naquele movimento de prensão que a fazia gritar de dor. Os seus olhinhos frios pareciam maldosos a Harriet.

— Vou dar-lhe biberão — disse ela a Dorothy.

Dorothy observava aquela batalha com o mesmo olhar com que todos, segundo parecia a Harriet, observavam Ben: estava absolutamente parada e atenta, fascinada, quase hipnotizada, embora também revelasse uma certa repugnância, e talvez medo...

Harriet esperava que a mãe protestasse, dizendo: «Mas ele ainda só tem cinco semanas», mas o que Dorothy disse foi:

— Sim, tem de ser, senão ficas doente. — Pouco depois, ao ver Ben rugir, revirar-se e lutar, comentou: — Em breve estarão cá todos para o verão.

Falava de uma maneira nova nela, como que ouvindo o que dizia e com receio do que poderia dizer. Harriet percebeu isso, pois era como também se sentia não dizendo absolutamente nada. É assim que falam as pessoas cujos pensamentos decorrem secretamente em canais que preferem que os outros não conheçam.

Nesse mesmo dia, Dorothy foi ao quarto onde Harriet dava de mamar a Ben e viu-a afastar a criança do seio, que tinha nódoas negras em volta do mamilo. Disse:

— Desmama-o! Desmama-o já! Comprei os biberões e o leite. Estou agora a esterilizá-los.

— Sim, desmama-o — concordou David imediatamente.

Harriet dera de mamar aos outros quatro filhos durante meses, e raramente houvera um biberão em casa.

Os adultos, Harriet, David, Dorothy e Alice, estavam à volta da mesa grande, com as crianças já na cama, e Harriet experimentou dar um biberão a Ben. Ele esvaziou-o num ápice, enquanto o seu corpo se encolhia e esticava, levando os joelhos à barriga e distendendo-os em seguida como uma mola, e depois rugiu para o biberão vazio.

— Dá-lhe outro — disse Dorothy, começando a preparar outro biberão.

— Mas que apetite — exclamou Alice, tentando a todo o custo fazer conversa mas parecendo assustada.

Ben esvaziou o segundo biberão; segurava-o com as duas mãos, sozinho. Harriet mal precisava de lhe tocar.

— Bebê de Neanderthal — disse Harriet.

— Ora, ora, pobrezinho — retorquiu David pouco à vontade.

— Oh, meu Deus, David — reagiu Harriet —, será antes pobre Harriet.

— Está bem, está bem, desta vez os genes vieram com qualquer coisa especial.

— Mas o quê? A questão é essa — disse Harriet. — *O que é que ele é?*

Os outros três não disseram nada, ou antes, com o seu silêncio disseram que preferiam não enfrentar as implicações daquela questão.

— Muito bem — aquiesceu Harriet —, digamos que tem

um apetite saudável, se isso faz toda a gente feliz.

Dorothy tirou a criatura belicosa dos braços de Harriet, que se recostou exausta na cadeira. O rosto de Dorothy transformou-se quando sentiu o peso desajeitado da criança, a intransigência, e mudou de posição de maneira que as pernas dardejantes de Ben não a atingissem.

Em pouco tempo, Ben já comia o dobro do que o recomendado para a sua idade, ou estádio: dez biberões ou mais por dia.

Apanhou uma infeção de leite, e Harriet levou-o ao Dr. Brett.

— Um bebé alimentado ao peito não devia apanhar infeções — disse ele.

— Ele não é alimentado ao peito.

— Isso nem parece teu, Harriet! Quantos meses é que ele tem?

— Dois meses — respondeu Harriet.

Depois abriu o vestido e mostrou os seios, que ainda produziam leite, como se respondessem ao apetite insaciável de Ben: tinham nódoas negras em toda a volta dos mamilos.

O Dr. Brett olhou para os pobres seios em silêncio, enquanto Harriet observava o seu rosto de médico decente e preocupado confrontado com um problema que o ultrapassava.

— Bebé maroto — concedeu ele.

Harriet deu uma gargalhada de espanto.

O Dr. Brett corou, encarou-a por instantes confirmando a reprovação, e depois desviou o olhar.

— Tudo o que preciso é de uma receita para a diarreia — disse Harriet; e acrescentou deliberadamente, fixando-o, querendo que ele olhasse para ela: — Afinal, eu não quero matar o brutozinho mau.

Ele suspirou, tirou os óculos e limpou-os lentamente. Estava de testa franzida, mas não a reprová-la. Disse:

— Não é anormal alguém desgostar-se de um filho. Vejo isso a toda a hora.

Harriet não disse nada, mas sorria desagradavelmente e sabia-o.

— Deixa-me vê-lo...

Harriet tirou Ben do carrinho e deitou-o em cima da marquesa. Ele virou-se imediatamente de barriga para baixo e tentou pôr-se de gatas. E realmente conseguiu-o por instantes antes de cair.

Ela olhou fixamente para o Dr. Brett, mas ele dirigiu-se à secretária para escrever uma receita.

— É óbvio que não se passa nada de mal com o bebé — notou ele, com o mesmo tom desconcertado e ofendido que Ben fazia suscitar.

— Já viu alguma vez um bebé de dois meses fazer isto? — perguntou ela.

— Não. Tenho de admitir que não. Bom, vai-me mantendo informado.

As notícias de que o novo bebé tinha nascido bem e de que estava tudo em ordem, o que queria dizer que Harriet também estava bem, espalharam-se pela família. Muitos escreveram e telefonaram, dizendo que estavam ansiosos pelas férias de verão. Diziam:

— Estamos ansiosos por ver o novo bebé.

Diziam:

— O pequeno Paul ainda é tão delicioso como antes?

Chegaram trazendo vinho e produtos estivais de todo o país, e toda a gente ajudava a enfrascar doces de frutas e a fazer compotas e *chutneys* com Alice e Dorothy. Uma multidão de crianças brincava no jardim ou era levada para a floresta para fazer piqueniques. O pequeno Paul, tão

meigo e engraçado, estava sempre ao colo de alguém, e o seu riso ouvia-se em todo o lado: era esta a sua verdadeira natureza, ensombrada por Ben e as suas exigências.

Devido à casa estar tão cheia, as crianças mais velhas dormiam num só quarto. Ben já ficava num berço com uma alta vedação de madeira, onde passava o tempo a segurar-se até à posição de sentado, caindo, rolando, segurando-se outra vez... Este berço foi colocado no quarto onde estavam as crianças mais velhas, na esperança de que Ben se tornasse social, simpático, junto dos irmãos. Mas não resultou. Ele ignorou-os, não respondeu às suas aproximações, e o seu choro — ou antes, os seus urros — fez com que Luke lhe gritasse um «Cala-te!», tendo depois desatado a chorar pela sua própria crueldade. Helen, na idade de afagar os bebés, tentou pegar em Ben, mas ele era demasiado pesado. Depois, todas as crianças mais velhas da casa foram levadas para o sótão, onde podiam fazer o barulho que queriam, e Ben foi para o quarto dele, «o quarto dos bebés» — e de lá ouviam os seus grunhidos, urros e berros de frustração quando tentava uma proeza de força e caía.

Claro que o novo bebé foi passado por toda a gente que pediu para lhe pegar ao colo, mas era doloroso ver como os rostos das pessoas se transformavam quando elas eram confrontadas com aquele fenómeno. Ben era rapidamente devolvido. Um dia, Harriet foi à cozinha e ouviu a sua irmã Sarah dizer a uma prima:

— Aquele Ben arrepia-me. Parece um gnomo ou um duende ou uma coisa assim. Preferia mil vezes ter a pobre Amy.

Isto encheu Harriet de remorsos; pobre Ben, a quem ninguém conseguia amar. Ela certamente não conseguia! E David, o bom pai, mal lhe tocava. Ela então levantou Ben

do berço, muito mais parecido com uma gaiola, pô-lo na cama grande e sentou-se ao lado dele.

— Pobre, pobre Ben — cantarolava ela em voz baixa, embalando-o.

Ele agarrou-lhe a camisa com as duas mãos, puxou-se para cima e ficou de pé na coxa dela, magoando-a com os seus pezinhos rijos. Ela tentou mimá-lo, convencê-lo a ser meigo com ela... Em breve desistiu, colocando-o no seu berço ou gaiola... Ele soltou um ronco de frustração porque tinha sido deitado, e ela estendeu-lhe as mãos.

— Pobre Ben, querido Ben.

Ele agarrou-lhe as mãos e ergueu-se, ficando de pé, grunhindo e berrando de triunfo. Quatro meses de idade... Era como um anãozinho zangado e hostil.

Ela fez questão de estar com ele todos os dias, quando as outras crianças não andavam por perto: levava-o para a cama grande para que ele tivesse um pouco de carinho e de brincadeira, como sempre fizera com todos os outros. Ele nunca, nem uma única vez, cedeu a um momento de ternura. Resistiu, rebelou-se, lutou — e uma vez virou a cabeça e cerrou os maxilares no polegar dela. Não como faz um bebé vulgar, mordendo e chupando para aliviar a dor da dentição ou explorando as possibilidades da boca e da língua: ela sentiu o osso a ceder e viu o esgar frio e triunfante dele.

Ela ouviu-se dizer a si própria:

— Tu não vais dar cabo de mim, eu não vou deixar.

Mas durante uns tempos tentou tudo para o tornar vulgar. Levava-o para baixo, para a grande sala de estar onde toda a família se reunia, e ali punha-o dentro do seu parque de brincar — até a presença dele afetar as pessoas, que tendiam a afastar-se. Ou levava-o ao colo para a grande mesa, como fizera com os outros — mas não

conseguia segurá-lo, pois ele era muito forte.

Apesar de Ben, as férias de verão foram maravilhosas. Mais uma vez duraram dois meses. Mais uma vez o pai de David, numa breve estada, deu-lhes um cheque sem o qual não teriam sobrevivido.

— Esta casa é como estar dentro de um grande pudim de frutas — comentou James. — Só Deus sabe como é que vocês conseguem.

Mas mais tarde, quando Harriet pensava naquelas férias, do que se lembrava era da forma como todos olhavam para Ben. Havia um olhar longo e pensativo, confuso, até mesmo ansioso, mas depois sobrevinha o medo, embora toda a gente tentasse escondê-lo. Também havia horror, que era o que Harriet sentia cada vez mais. Dentro de pouco tempo começou a fechar Ben no quarto dele, longe de toda a gente. Ele parecia não se importar ou mesmo nem dar por isso. Era difícil imaginar o que é que ele pensava das outras pessoas.

Certa noite, antes de adormecer, Harriet estava deitada nos braços de David a falar sobre o dia que haviam tido, como sempre faziam, e ela comentou, na sequência de uma corrente de pensamentos sobre o verão:

— Sabes para que é que esta casa é boa? Porque é que as pessoas vêm? Para passar um bom tempo, é tudo!

Ele ficou surpreso. Até mesmo — ela sentiu — chocado.

— Mas o que é que nós queremos mais? — perguntou ele.

— Não sei — respondeu ela, parecendo indefesa.

Depois voltou-se para o abraço dele, que a aconchegou enquanto ela chorava. Ainda não se tinham decidido a fazer amor. Isto nunca acontecera antes. Fazer amor durante a gravidez e logo após a gravidez nunca fora

problema. Mas agora eles pensavam: «Esta criatura veio quando estávamos a ser tão cuidadosos quanto sabemos — suponhamos que vem outra como ele?» Porque ambos sentiam — secretamente, pois tinham vergonha dos pensamentos acerca de Ben — que ele quisera nascer, que tinha invadido o quotidiano deles, o qual não tinha defesas contra ele ou qualquer coisa como ele. Mas não fazerem amor era, além de uma tensão para ambos, uma barreira, porque lhes fazia recordar constantemente aquilo que os ameaçava... pelo menos era assim que sentiam.

Foi então que aconteceu uma coisa muito má. Precisamente depois de toda a família se ter ido embora, pois começara o novo período escolar, Paul foi sozinho ao quarto de Ben. De todas as crianças, ele era o mais fascinado por Ben. Dorothy e Alice, que estavam juntas na cozinha, pois Harriet saíra para levar os mais velhos à escola, ouviram gritos. Correram lá acima e descobriram que Paul tinha enfiado o braço por entre as grades do berço de Ben e que este agarrara a mão de Paul e o puxava com força contra as grades, torcendo-lhe deliberadamente o braço para trás. As duas mulheres libertaram Paul. Não se incomodaram a ralar com Ben, que estava a cacarejar de prazer e realização. O braço de Paul ficou seriamente magoado.

Ninguém tinha vontade de dizer às crianças: «Tenham cuidado com o Ben.» Mas não foi preciso, depois do incidente com o braço de Paul. Nessa noite, as crianças ouviram o que tinha acontecido, mas não olharam para os pais ou para Dorothy ou Alice. Não olharam umas para as outras. Ficaram silenciosas, de cabeça em baixo. Isto disse aos adultos que as atitudes das crianças para com Ben já estavam formadas: tinham discutido acerca dele e sabiam o que pensar a seu respeito. Luke, Helen e Jane foram para

cima em silêncio, e foi um mau momento para os pais.

Alice disse, observando-os:

— Coitadinhos!

Dorothy comentou:

— É uma pena!

Harriet sentiu que aquelas duas mulheres mais velhas, mais fortes e mais maduras estavam a condená-la, a ela, Harriet, à luz da sua vasta experiência de vida. Olhou de relance para David e viu que ele sentia o mesmo. Condenação, crítica e incompreensão: Ben parecia causar estas emoções, fazê-las emergir nas pessoas, trazendo-as ao de cima...

No dia a seguir a este incidente, Alice anunciou que achava que já não era precisa naquela casa, que ia voltar para a sua vida própria, pois tinha a certeza de que Dorothy seria capaz de se aguentar. Afinal, Jane já andava na escola. Apesar de Jane ainda não precisar de ir para a escola oficial nesse ano durante o dia todo, eles tinham-na mandado mais cedo, precisamente por causa de Ben, embora ninguém o dissesse. Alice foi-se embora, sem sugerir que fosse devido a Ben; mas dissera a Dorothy, que contara depois a David e Harriet, que Ben a horrorizava, que devia ser uma criança trocada. Dorothy, sempre sensata, calma, prática, rira-se dela.

— Sim, ri-me dela — contou Dorothy; mas depois acrescentou, confrangida: — Mas porque é que o fiz?

David e Harriet admitiram em vozes baixas, quase culpadas, incrédulas, que Ben parecia impor-se. Aquele bebé, que ainda não tinha seis meses, ia destruir a vida familiar. Já estava a destruí-la. Tinham de certificar-se de que ele estava no quarto durante as refeições e quando as crianças estavam lá em baixo com os adultos. Em resumo, os tempos em família.

Agora Ben estava quase sempre no seu quarto, como um prisioneiro. Conseguiu escalar o gradeamento do berço aos nove meses: Harriet apanhou-o precisamente quando ele estava quase a cair lá de cima. Foi então colocada no quarto uma pequena cama vulgar. Ben caminhava facilmente, agarrando-se às paredes ou a uma cadeira. Ele nunca gatinhara, começara logo a andar. Havia brinquedos espalhados por todo o chão do quarto, ou antes, os seus fragmentos, pois Ben não brincava com eles, atirava-os ao chão ou batia com eles nas paredes até se partirem. Durante o dia ficava sozinho, sem precisar de ninguém, rugindo com os seus triunfos. Todas as outras crianças tinham rido, soltado gritinhos abafados, e queriam ser amadas, admiradas, louvadas ao conseguirem as suas proezas. Ben não. Tinha um triunfo frio, e cambaleava por ali, de olhos brilhantes de prazer intenso, ignorando a mãe. Harriet interrogava-se muitas vezes sobre o que é que ele veria quando olhava para ela, pois nada no seu toque ou olhar parecia ter dito: «Esta é a minha mãe.»

Um dia de manhã cedo algo levou Harriet a levantar-se rapidamente da cama para ir ao quarto do bebé, e quando lá chegou viu Ben a equilibrar-se no parapeito da janela. Só Deus sabia como é que ele conseguira chegar lá acima, pois o parapeito era alto. A janela estava aberta. Mais um pouco e ele podia ter caído lá em baixo. Harriet pensou: «Que pena eu ter vindo...», recusando-se a ficar chocada consigo própria. Puseram-se grades fortes na janela, e então Ben passou a ficar de pé em cima do parapeito, agarrando as grades e abanando-as, observando o mundo exterior, deixando escapar os seus gritos roucos e fortes. Durante todo o tempo das férias de Natal foi mantido nesse quarto. Era extraordinário como as pessoas, ao perguntarem cautelosamente: «Como está o Ben?», e ao ouvirem: «Ah,

está bom!», não perguntavam novamente. Por vezes, um grito de Ben suficientemente alto para atingir o andar de baixo silenciava uma conversa. Depois, as caras das pessoas ficavam franzidas, o que Harriet sempre temia e esperava que acontecesse: ela sabia que isso mascarava um comentário ou um pensamento que não podia ser verbalizado.

E assim a casa não era a mesma; havia um constrangimento e uma precaução em todas as pessoas. Harriet sabia que por vezes, quando ela não andava por perto, eles iam ao andar de cima ver Ben, levados pela curiosidade terrível, sem jeito, que ele evocava. Ela sabia quando o tinham visto pela forma como depois olhavam para ela. «Como se eu fosse uma criminosa», enraivecia-se ela para si própria. Passava demasiado tempo a fervilhar em segredo, mas parecia não ser capaz de parar. Até mesmo David, segundo lhe parecia, a condenava. Ela disse-lhe:

— Suponho que noutros tempos, nas sociedades primitivas, era assim que se tratava uma mulher que tivesse dado à luz um filho anormal. Como se a culpa fosse dela. Mas nós somos considerados seres civilizados!

Ele contemporizou da forma paciente e cuidadosa que usava agora para com ela:

— Tu exageras tudo!

— Aí está uma boa palavra para esta situação! Parabéns! Exagerar!

— Santo Deus, Harriet — exclamou ele de forma diferente, como que desamparado —, não deixes que isto nos aconteça, se nós não nos mantivermos juntos, então...

Na Páscoa, a jovem Bridget voltou, para ver se aquele milagroso reino do quotidiano ainda lá estava, e inquiriu:

— O que é que ele tem de mal? É mongoloide?

— Síndrome de Down — corrigiu Harriet. — Agora já ninguém lhe chama mongolismo. Mas não, ele não é mongoloide.

— Então o que é que ele tem?

— Nada — respondeu Harriet com desembaraço. — Como podes ver.

Bridget foi-se embora e nunca mais voltou.

Chegaram novamente as férias de verão. Estava-se em 1975. Havia menos convidados: alguns escreveram ou telefonaram a dizer que não tinham dinheiro para o bilhete de comboio ou para a gasolina.

— Qualquer desculpa é melhor do que nenhuma — comentou Dorothy.

— Mas as pessoas têm pouco dinheiro — disse David.

— Antes não tinham assim tão pouco que não chegasse para virem e viverem aqui durante várias semanas, por vezes à vossa custa.

Ben agora já tinha mais de um ano. Ainda não dissera uma palavra sequer, mas noutros aspetos era mais normal. Agora era difícil mantê-lo no quarto. As crianças a brincar no jardim ouviam os seus gritos fortes e zangados e viam-no em cima do parapeito a tentar afastar as barras da grade.

Por isso, Ben saiu da sua pequena prisão e juntou-se-lhes no andar de baixo. Ele parecia saber que devia ser como eles. Costumava ficar de pé, de cabeça baixa, a observar como é que as pessoas falavam e riam à volta da mesa grande, ou como se sentavam a conversar na sala enquanto as crianças corriam para fora e para dentro. Os seus olhos fixavam um rosto e depois outro: qualquer pessoa para quem ele olhasse tomava consciência desse olhar fixo e deixava de falar, ou então virava as costas ou um ombro, de modo a não ter de o ver. Ele podia silenciar

uma sala cheia de gente apenas com a sua presença, ou fazer dispersar as pessoas, que saíam inventando desculpas.

Perto do fim das férias, alguém levou um cão, um pequeno *terrier*. Ben não conseguia deixá-lo sossegado. Para onde quer que o cão fosse, Ben seguia-o. Não brincava com ele nem lhe batia: ficava apenas a olhar. Uma manhã, quando Harriet desceu para preparar o pequeno-almoço das crianças, o cão jazia morto no chão da cozinha. Teria sofrido um ataque de coração? Repentinamente cheia de desconfiança, ela correu ao andar de cima para ver se Ben estava no seu quarto. Agachado na cama quando ela entrou, ele olhou para cima e riu, mas sem som, à maneira dele, que era como um desvendar de dentes. Ele abrira a porta, passara silenciosamente pelos pais a dormir, descera as escadas, encontrara o cão, matara-o, fora novamente para cima, devagarinho, para o seu quarto, e fechara a porta... tudo isto sozinho! Ela trancou-o: se ele podia matar um cão, porque não uma criança?

Quando ela voltou a descer, as crianças estavam agrupadas em volta do cão morto. Depois vieram os adultos, e era óbvio o que pensavam.

Claro que era impossível uma criança pequena matar um cão vivaço. Mas, oficialmente, a morte do cão permaneceu um mistério. O veterinário disse que tinha sido estrangulado. Este episódio com o cão estragou o que restava das férias, e as pessoas voltaram para as suas casas mais cedo.

— As pessoas vão pensar duas vezes antes de virem outra vez — disse Dorothy.

Três meses mais tarde, *Mr. McGregor*, o velho gato cinzento, foi morto da mesma forma. Sempre tivera medo de Ben e mantinha-se afastado dele. Mas Ben provavelmente seguira-o e apanhara-o a dormir.

No Natal, a casa estava meio vazia.

Foi o pior ano da vida de Harriet, que não estava preparada para a ideia de as pessoas os evitarem. Cada dia era um longo pesadelo. Ela acordava de manhã incapaz de acreditar que conseguia chegar ao fim do dia. Ben andava sempre a pé, e tinha de ser vigiado a cada segundo. Dormia muito pouco. Passava a maior parte da noite em cima do parapeito da janela, a olhar para o jardim; e se Harriet olhasse para ele, virava-se para ela numa longa observação, estranha, arrepiante. Na semipenumbra do quarto parecia realmente um pequeno duende ou um ser sobrenatural ali agachado. Se ficasse trancado durante o dia, gritava e urrava de tal forma que ecoava pela casa toda, e todos temiam que a polícia aparecesse. Ele costumava sair de repente para o jardim, sem uma razão que ela percebesse, e depois abrir o portão e ir para a rua. Um dia ela teve de correr um quilómetro ou mais atrás dele, vendo apenas aquela figurinha atarracada e curvada a atravessar nos semáforos, ignorando os carros que apitavam e as pessoas que gritavam, avisando-o. Ela ia a chorar, sofrendo, meio louca, tentando desesperadamente alcançá-lo antes que algo de terrível acontecesse, mas ao mesmo tempo ia rezando: «Oh, atropelem-no, sim, *por favor...*» Chegou ao pé dele antes duma estrada principal e agarrou-o com todas as suas forças, pois ele lutava desesperadamente para se libertar: cuspiam e bufavam ao mesmo tempo que estrebuchavam como um peixe horroroso nos seus braços. Passou um táxi: ela chamou-o, empurrou a criança lá para dentro e depois entrou, segurando-o bem por um braço que parecia ir partir-se com o esbracejo e a luta.

O que é que se podia fazer? Mais uma vez foi ao Dr. Brett, que o examinou e disse que ele estava fisicamente bem.

Harriet descreveu o comportamento dele, e o médico ouviu-a.

De tempos a tempos aparecia no seu rosto uma expressão controlada de incredulidade, e mantinha os olhos baixos, remexendo no lápis.

— Pode perguntar ao David ou à minha mãe — disse Harriet.

— Ele é uma criança hiperativa. Acho que é assim que lhes chamam hoje em dia — comentou o antiquado Dr. Brett.

Ela consultava-o precisamente porque ele era antiquado.

Finalmente, ele olhou para ela, não a evitando.

— O que é que esperas que eu faça, Harriet? Que o drogue? Bom, sou contra isso.

Ela estava a gritar interiormente: «Sim, sim, sim, é isso exatamente que eu quero!» Mas disse:

— Não, claro que não!

— Ele é fisicamente normal para dezoito meses. Muito forte e cativo, claro, mas sempre foi assim. Dizes que ele não fala? Mas isso não é invulgar. A Helen não começou também a falar já um pouco tarde? Parece-me que sim.

— Sim — confirmou Harriet.

Levou Ben para casa. Agora ele ficava trancado no quarto todas as noites, e também havia barras pesadas na porta. Era constantemente vigiado quando estava acordado. Harriet tomava conta dele enquanto a mãe se ocupava de qualquer outra coisa.

David disse:

— De que vale agradecer-te, Dorothy? Parece que tudo está já para além de agradecimentos.

— Tudo está já muito para além. Ponto final — respondeu Dorothy.

Harriet andava magra, de olhos vermelhos, abatida. Mais uma vez desatava a chorar por tudo e por nada. As crianças afastavam-se dela. Por tato? Com medo dela? Dorothy sugeriu ficar sozinha com Ben durante uma semana, em agosto, para que a família fosse junta para qualquer lado.

Nem Harriet nem David normalmente quereriam ir a algum lado, pois amavam a sua casa. Então e se a família fosse lá no verão?

— Não reparei que alguém tivesse pressa em reservar lugar — disse Dorothy.

Foram para França de carro. Para Harriet tudo era felicidade: ela sentia que tinha sido devolvida aos filhos. Não se fartava deles nem eles dela. E Paul, o bebé de quem fora afastada por Ben, com três maravilhosos anos de idade, era encantador, amoroso — era novamente o seu bebé. Ainda eram uma família! Que felicidade! Mal podiam acreditar, qualquer deles, que Ben pudesse ter-lhes tirado tanto.

Quando voltaram para casa, Dorothy estava muito cansada e tinha uma grande nódoa negra no braço e outra no queixo. Não contou o que acontecera. Mas quando as crianças foram para a cama na primeira noite, voltou-se para Harriet e David e disse:

— Tenho de falar convosco. Sentem-se e ouçam.

Eles sentaram-se à mesa da cozinha.

— Vocês os dois vão ter de encarar isto: o Ben tem de ir para uma clínica.

— Mas ele é normal — ripostou Harriet, triste. — O médico diz que ele é normal.

— Ele poderá ser normal pelo que é, mas não é normal pelo que nós somos.

— E qual era a clínica que o aceitava?

— Tem de haver uma qualquer — disse Dorothy, começando a chorar.

Começou agora uma época em que todas as noites Harriet e David ficavam acordados na cama a falar sobre uma solução a adotar. Já faziam outra vez amor, mas não era a mesma coisa.

— Isto deve ser o que as mulheres sentiam antes do controlo da natalidade — observou Harriet. — Terror. Ansiavam pelo período, e quando ele chegava queria dizer um mês de adiamento. Mas não tinham medo de dar à luz um duende.

Enquanto conversavam, ouviam sempre os barulhos vindos do «quarto do bebé» — palavras que agora nunca usavam, pois faziam sofrer. O que é que Ben estaria a fazer que eles não tivessem já julgado que ele fosse capaz de fazer? A empurrar para o lado aquelas grossas barras de ferro?

— O problema é que uma pessoa habitua-se ao inferno — disse Harriet. — Depois de um dia com Ben, eu sinto-me como se nada mais existisse. Como se nada jamais tivesse existido. De repente, apercebo-me de que não me lembrei dos outros durante horas. Ontem esqueci-me do jantar deles. A Dorothy foi ao cinema, e quando fui para baixo encontrei a Helen a fazer o jantar.

— Não lhe faz mal.

— Ela tem *oito* anos!

Tendo sido recordada, pela semana que passara em França, do que a sua vida familiar realmente era, do que podia ser, Harriet decidiu não deixar que tudo se desmoronasse. Descobriu que se dirigia novamente a Ben em voz baixa:

— Não vou deixar que nos destruas, não me vais destruir...

Estava pronta para outro Natal a sério, e escreveu e telefonou para toda a gente. Frisou que Ben estava «muito melhor agora».

Sarah perguntou se «não fazia mal» levar Amy. Isto significava que ela tinha sabido — toda a gente soubera — do que se passara com o cão e o gato.

— Não há problema nenhum desde que tenhamos cuidado em não deixar a Amy sozinha com o Ben — respondeu Harriet.

Sarah, depois de um longo silêncio, disse:

— Meu Deus, Harriet, a nossa vida tem corrido um bocado mal, não tem?

— Suponho que sim — respondeu Harriet.

Mas ela rejeitava aquela ideia de estar sujeita a ser uma vítima do destino. Sarah sim, com os seus problemas matrimoniais e a sua filha mongoloide. Mas ela, Harriet, no mesmo barco?

Disse aos filhos:

— Por favor, tomem conta da Amy. Nunca a deixem sozinha com o Ben.

— Ele seria capaz de fazer mal à Amy como fez ao *Mr. McGregor*? — perguntou Jane.

— Ele matou o *Mr. McGregor* — emendou Luke furiosamente. — Ele matou-o.

— E ao pobre cão também — lembrou Helen.

As duas crianças estavam a acusar Harriet.

— Sim — disse Harriet —, talvez. É por isso que temos de olhar por ela a toda a hora.

As crianças, tal como faziam ultimamente, estavam a olhar umas para as outras, excluindo-a, num qualquer entendimento só delas. Foram-se embora sem olhar para ela.

O Natal, com menos pessoas, foi contudo festivo e

barulhento, e um êxito. Mas Harriet deu por si a desejar que chegasse ao fim. Era a tensão de tudo, vigiando Ben, vigiando Amy, que era o centro de todos. A sua cabeça era demasiado grande, o seu corpo demasiado atarracado, mas enchiam-na de amor e beijos, e toda a gente a adorava. Ben observava tudo isto em silêncio, e Harriet não conseguia ler o olhar daqueles olhos frios verde-amarelados, Mas também nunca conseguira! Por vezes parecia-lhe que passava a vida a tentar perceber o que Ben estava a sentir, a pensar. Amy, habituada a que toda a gente gostasse dela, dirigiu-se a Ben, sorrindo, rindo, de braços estendidos. Com o dobro da idade dele, mas aparentando metade, aquela criança desprotegida, que irradiava afeto, ficou de repente silenciosa. O seu rosto estava angustiado, e ela recuou, olhando fixamente para ele. Tal como *Mr. McGregor*, o pobre gato. Depois começou a chorar cada vez que o via. Os olhos de Ben nunca se afastavam dela, daquela outra criança atormentada, adorada por todos os da casa. Mas sentir-se-ia ele atormentado? Sentiria realmente? *O que é que ele era?*

O Natal acabou. Ben tinha então dois anos e poucos meses de idade. Paul foi para um pequeno infantário que ficava no fim da rua, para se manter afastado de Ben. A criança, que era bem-disposta e simpática por natureza, estava a ficar nervosa e irritável; tinha ataques de choro ou de raiva, atirando-se para o chão a gritar ou batendo nos joelhos de Harriet, tentando chamar-lhe a atenção, que parecia nunca se afastar de Ben.

Dorothy ausentou-se para visitar Sarah e a família.

Harriet ficava sozinha com Ben durante o dia. Tentava estar com ele como fizera com os outros. Sentava-se no chão com cubos e outros brinquedos que se pudessem manusear com facilidade. Mostrava-lhe fotografias

coloridas. Cantava-lhe pequenos versos. Mas Ben parecia não ligar aos brinquedos ou aos cubos. Sentava-se entre o amontoado de objetos coloridos e, quando muito, punha um cubo em cima de outro, olhando depois para Harriet para ver se era isso que devia fazer. Olhava com atenção para as fotografias que ela lhe punha à frente, tentando decifrar a sua linguagem. Nunca se sentava nos joelhos de Harriet, mas acorava-se ao pé dela, e quando ela dizia: «É um passarinho, Ben, olha, igualzinho àquele que está na árvore. E isto é uma flor», ele olhava fixamente e depois virava-se. Aparentemente, não era que ele não percebesse como é que um cubo encaixava no outro ou como se fazia uma pilha com eles, o que ele não conseguia perceber era qual o interesse disso, ou da flor, ou do passarinho. Talvez ele já fosse muito avançado para aquela espécie de jogos... Por vezes, Harriet pensava que sim.

A sua reação às fotografias educativas foi sair para o jardim e perseguir um tordo na relva, agachando-se e movimentando-se em corridinhas de passos rápidos — e quase que apanhou o tordo. Depois arrancou algumas primaveras pelos caules e ficou a olhar intensamente para elas; em seguida esmagou-as nas suas pequenas mas fortes mãos e deixou-as cair. Voltou a cabeça e viu Harriet a olhar para ele: parecia estar a pensar que ela queria que ele fizesse alguma coisa, mas o quê? Olhou para as flores, depois para um melro num ramo de árvore, e voltou lentamente para casa.

Um dia, de repente, ele falou. Não disse «mamã», ou «papá», ou o seu próprio nome. O que ele disse foi:

— Quero bolo!

Ao princípio, Harriet nem reparou que ele estava a falar. Depois apercebeu-se disso e contou a toda a gente:

— O Ben está a falar! Já está a usar frases!

Como era próprio delas, as outras crianças encorajaram-no:

— Muito bem, Ben!

— O Ben é esperto!

Mas ele não lhes ligou importância. Daí em diante, passou a anunciar as suas necessidades: «Eu quero isto», «Deem-me aquilo», «Agora vou passear». A sua voz era pesada e incerta, as palavras separadas umas das outras, como se o seu cérebro fosse uma serração de ideias e objetos e ele tivesse de identificar cada um.

As crianças ficaram aliviadas por ele já falar normalmente.

— Olá, Ben — disse uma.

— Olá — respondeu Ben, repetindo com cuidado e exatidão o que lhe fora dito.

— Como estás, Ben? — perguntou Helen.

— Como estás? — retorquiu ele.

— Não, não — disse Helen. — Agora tens de dizer: «Estou bem, obrigado», ou então: «Estou ótimo.»

Ben olhava fixamente para ela enquanto ia assimilando. Depois disse desajeitadamente: — Estou bem.

Ele passava o tempo todo a observar as crianças, em particular Luke e Helen. Estudava como se movimentavam, sentavam, levantavam; imitava como comiam. Tinha percebido que aqueles dois, os mais velhos, estavam socialmente mais desenvolvidos do que Jane, e ao mesmo tempo ignorava Paul. Quando as crianças viam televisão, ele agachava-se ao pé delas e olhava do ecrã para os seus rostos, pois precisava de saber quais eram as reações apropriadas. Se eles se riam, então, momentos depois, ele produzia uma gargalhada alta, forte, de som antinatural. O que era natural para ele, segundo parecia, no que respeitava a divertimento era aquele seu esgar de olhar

hostil e dentes cerrados, que parecia agressivo. Quando eles ficavam calados e quietos com atenção, devido a algum momento mais emocionante, então ele retesava os músculos e parecia absorvido no ecrã, mas na realidade mantinha os olhos neles.

Ao mesmo tempo, ele estava mais acessível. Harriet pensou: «Bom, as crianças vulgares têm sempre a sua fase mais difícil no ano seguinte a saberem andar. Desprovidas do sentido da autodefesa, do sentido do perigo, caem das camas e das cadeiras, atiram-se para o espaço, correm para a estrada, enfim, têm de ser vigiadas a toda a hora... Mas também estão no seu período mais encantador, mais amoroso, enternecedoramente doces e engraçadas. E depois, gradualmente, tornam-se mais sensatas, e a vida então é mais fácil.»

A vida tornara-se mais fácil... mas isto era apenas a forma como ela a via, tal como Dorothy lhe demonstrou ao regressar.

Dorothy voltou depois daquilo a que ela própria chamou «um descanso» de algumas semanas, e Harriet percebeu que a sua mãe se estava a preparar para ter uma «conversa a sério» com ela.

— Olha, rapariga, achas que eu interfiro muito, que te dou muitos conselhos desnecessários?

Elas estavam sentadas à mesa grande, a meio da manhã, com chávenas de café à frente. Ben estava onde o podiam vigiar, como sempre. Dorothy tentara dizer aquilo com humor, mas Harriet sentia-se ameaçada. As faces honestas e rosadas de Dorothy estavam brilhantes de embaraço, os seus olhos azuis ansiosos.

— Não, não acho — retorquiu Harriet.

— Bem, então agora vou dizer-te o que penso...

Mas não pôde continuar, porque Ben começou a bater

com uma pedra numa barra de metal com toda a sua força. O barulho era horrível, mas as mulheres esperaram até que Ben parasse, pois se ele fosse interrompido ficaria furioso.

— Tu tens cinco filhos — disse Dorothy. — Não um. Já te apercebeste de que eu sou a mãe dos outros quando cá estou? Não, não me parece que tenhas reparado nisso, estás sempre tão embrenhada com...

Ben recomeçou a bater com a pedra na barra de metal, num frenesim de grande façanha. Até parecia que ele acreditava que estava a martelar metal, forjando qualquer coisa: uma pessoa podia facilmente imaginá-lo nas minas das profundezas da terra juntamente com outros da sua espécie... Mais uma vez elas esperaram até ele parar com o barulho.

— Não está certo — disse Dorothy.

E Harriet recordou como o «Não está certo» da mãe tinha regulado a sua infância.

— Estou a ficar velha, sabes — prosseguiu Dorothy. — Não posso continuar assim, senão ainda adoço.

Sim, Dorothy estava bastante magra, mesmo macilenta. Sim, pensou Harriet, sentindo-se como de costume cheia de culpa, ela já devia ter reparado.

— E também tens um marido — lembrou Dorothy, aparentemente não se apercebendo de que estava a espetar uma faca no coração da filha. — Ele é muito bom, sabes, Harriet. Não sei como é que aguenta.

O Natal depois de Ben ter completado três anos de idade só encheu um terço da casa. Uma prima de David dissera: «Fui inspirada por ti, Harriet! Afinal, eu também tenho uma casa. Não é tão grande como a tua, mas é uma casinha bem bonita.» Várias pessoas da família foram para lá. Mas outras disseram que vinham, que faziam questão em vir. Harriet percebeu: eram os parentes mais próximos.

Mais uma vez levaram uma mascote. Desta vez era um cão grande, um rafeiro turbulento e brincalhão, companheiro dos filhos de Sarah, e em particular de Amy. Claro que todas as crianças gostavam dele, mas Paul mais do que ninguém, e isto fez com que Harriet se sentisse infeliz, pois eles não podiam ter cães ou gatos lá em casa. Ela até pensou: «Bom, o Ben agora está mais sensato, talvez...» Mas sabia que era impossível. Ela observou como o grande cão parecia saber que Amy, a pequenina amorosa no grande corpo feio, necessitava de delicadeza, pois moderava a sua exuberância com ela. Amy sentava-se ao lado do animal com o braço à volta do pescoço dele, e se fosse desajeitada ele levantava o focinho e suavemente empurrava-a um bocadinho, ou então soltava um pequeno latido de aviso que significava: «Tem cuidado.» Sarah dizia que aquele cão era como uma ama para Amy. «É igualzinho à Nana no *Peter Pan*», diziam as crianças. Mas se Ben estivesse na sala, o cão observava-o com precaução e ia deitar-se a um canto, com a cabeça em cima das patas, hirto de atenção. Uma manhã, quando todos estavam sentados à mesa a tomar o pequeno-almoço, Harriet, por uma razão qualquer, virou a cabeça e viu o cão a dormir e Ben a dirigir-se silenciosamente para ele, curvado e de mãos estendidas...

— Ben! — exclamou Harriet com rispidez.

Ela viu aqueles olhos frios virarem-se para ela e captou neles um brilho de pura maldade.

O cão, alertado, remexeu-se e eriçou o pelo. Rosnou ansiosamente e foi para o lado da sala onde estavam as pessoas, deitando-se debaixo da mesa.

Toda a gente viu isto e permaneceu sentada em silêncio, enquanto Ben foi ter com Dorothy e disse:

— Quero leite.

Ela deu-lhe um copo de leite. Ele bebeu e depois olhou para todos, que o fixavam. Mais uma vez parecia querer percebê-los. Foi para o jardim, onde o podiam ver, qual pequeno gnomo atarracado, esgaravatando a terra com um pau. As outras crianças estavam num dos andares de cima, algures.

À volta da mesa encontravam-se Dorothy, com Amy ao colo, Sarah, Molly, Frederick, James, David e Angela, a irmã bem-sucedida, «a mulher de ferro», cujos filhos eram todos normais.

O ambiente gerado fez com que Harriet dissesse em ar de desafio:

— Muito bem, vamos lá a isso.

Ela pensou que fazia sentido ser Frederick a falar:

— Olha lá, Harriet, tens de encarar este facto: ele tem de ir para uma clínica especial.

— Então temos de encontrar um médico que diga que ele é anormal — retorquiu Harriet. — O doutor Brett de certeza que não vai dizê-lo.

— Arranja outro médico — disse Molly. — Isso é fácil de fazer.

Aqueles dois calmeirões louros, com as suas caras rosadas e bem alimentadas, estavam unidos na determinação, não havendo neles qualquer vacilação agora que tinham decidido que havia uma crise, crise essa que, ainda que indiretamente, os ameaçava. Pareciam um casal de juízes depois de uma boa refeição, pensou Harriet, olhando de relance para David para ver se podia partilhar com ele esta crítica; mas David tinha os olhos fixos na mesa e os lábios cerrados. Estava de acordo com eles.

Angela disse, rindo:

— Crueldade típica da classe alta.

Não havia memória de aquele assunto ter sido tocado

anteriormente, pelo menos não de uma forma tão direta, àquela mesa. Fez-se silêncio, e depois Angela suavizou com:

— Não que eu não concorde.

— Claro que concordas — disse Molly. — Qualquer pessoa sensata faria o mesmo.

— Foi a maneira como o disseram — justificou-se Angela.

— O que é que interessa como foi dito? — perguntou Frederick.

— E quem é que vai pagar? — inquiriu David. — Eu não posso. O mais que consigo é manter as contas em dia, e mesmo isto só com a ajuda do James.

— Bem, o James vai ter de aguentar mais esta — disse Frederick —, mas nós damos uma contribuição.

Era a primeira vez que aquele casal oferecia ajuda financeira. «Isto é, como sempre, à maneira deles», concordara há tempos o resto da família, sendo agora este juízo relembrado. Eles costumavam ir para uma visita de dez dias e contribuir com um par de faisões e duas garrafas de vinho muito bom. A «contribuição» deles, toda a gente sabia, não seria muito grande.

Completamente dividida, a família permaneceu em silêncio.

Depois, James disse:

— Vou fazer o que puder. Mas as coisas já não andam tão bem como antes. Os iates não são uma prioridade das pessoas em tempos difíceis.

Fez-se novamente silêncio. Toda a gente estava a olhar para Harriet.

— Vocês são engraçados — disse ela, colocando-se à parte deles. — já cá estiveram muitas vezes e *sabem*, isto é, vocês sabem realmente qual é o problema. O que é que

vamos dizer às pessoas que dirigem essa clínica especial?

— Depende da clínica — respondeu Molly.

Todo o seu enorme corpo parecia cheio de energia, de convicção. «Até parece que engoliu o Ben inteiro e está agora a digeri-lo», pensou Harriet, que perguntou, de maneira bastante suave, embora tremendo:

— Queres dizer que temos de encontrar um daqueles lugares que existem para tomarem conta de crianças cujas famílias se querem ver livres delas?

— Famílias ricas — disse Angela, com uma fungadelazinha desafiante.

Molly, confrontando a impertinência, respondeu com firmeza:

— Sim, se não houver um lugar de outro género. Mas uma coisa é óbvia: se não se fizer qualquer coisa, então será catastrófico.

— É catastrófico — emendou Dorothy, assumindo a sua posição com firmeza. — As outras crianças... estão a sofrer. Tu estás tão envolvida com ele, rapariga, que nem vês...

— Bem — disse David, impaciente e zangado, porque não conseguia suportar as suas complicadas ligações com Harriet e com os pais a serem retesadas e repuxadas. — Bem, eu concordo. E, dentro de pouco tempo, a Harriet também vai ter de concordar. No que me diz respeito, esse tempo é agora. Acho que não consigo aguentar mais...

E então olhou para a sua mulher com um olhar que era uma súplica sofredora. *Por favor*, dizia ele a Harriet, *por favor*.

— Muito bem — anuiu Harriet. — Se se encontrar um sítio que...

E começou a chorar.

Ben veio do jardim e ficou parado a olhar para eles, na sua posição habitual, que era diferente de todos os outros.

Vestia umas calças de ganga castanhas e uma camisa castanha, ambos de material forte. Tudo quanto usava tinha de ser grosso, porque ele rompia a roupa, destruía-a. Com o seu cabelo amarelo que crescia pouco, os seus olhos empedernidos que não pestanejavam, a sua inclinação, os seus pés fincados e afastados um do outro, os seus joelhos encurvados, os seus punhos fechados e erguidos para a frente, parecia mais do que nunca um gnomo.

— Ela está a chorar — observou ele acerca da mãe.

Tirou um pedaço de pão de cima da mesa e saiu.

— Está bem — concordou Harriet —, o que é que lhes vão dizer?

— Deixa isso connosco — retorquiu Frederick.

— Sim — disse Molly.

— Meu Deus — exclamou Angela, com uma espécie de apreciação triste acerca deles. — Por vezes, quando estou convosco, percebo tudo neste país.

— Obrigada — disse Molly.

— Obrigado — disse Frederick.

— Não estás a ser justa, menina — contestou Dorothy.

— *Justa?* — sublinharam Angela, Harriet e Sarah, as suas filhas, quase ao mesmo tempo.

E então todos se riram, exceto Harriet. Foi assim que se decidiu o destino de Ben.

Alguns dias mais tarde, Frederick telefonou para dizer que tinham arranjado um lugar e que um carro iria buscar Ben. Imediatamente. No dia seguinte.

Harriet ficou em transe: a pressa, a... sim, crueldade! E que médico é que tinha autorizado aquilo? Ou iria autorizar? Um médico que nem sequer vira Ben? Ela disse tudo isto a David e soube pela reação dele que muita coisa se tinha passado nas suas costas. Os pais dele tinham falado com ele no escritório. Quando Molly, a quem de repente

Harriet odiava, dissera: «Vais ter de ser firme com Harriet», David respondera qualquer coisa como: «Sim, eu trato disso.»

— É ele ou nós — disse David a Harriet; e acrescentou, com a voz cheia de fria aversão por Ben: — Provavelmente caiu de Marte. Vai voltar para relatar o que encontrou cá em baixo.

E riu-se, com crueldade, segundo pareceu a Harriet, que estava silenciosamente a assimilar o facto, que para ela já era meio sabido, de que Ben não teria grandes probabilidades de sobreviver muito tempo naquela clínica, qualquer que ela fosse.

— Ele é uma criancinha — disse ela. — *É o nosso filho.*

— Não, não é — contestou David, finalmente. — Bem, de certeza que não é meu.

Encontravam-se na sala de estar. As vozes das crianças erguiam-se agudas e distantes, vindas do escuro jardim de inverno. Com o mesmo impulso, David e Harriet foram à janela e afastaram as pesadas cortinas. O jardim apresentava sombras esbatidas de árvores e arbustos, mas a luz daquela sala quente atravessava o relvado até um arbusto muito escurecido pelo inverno, com pequenas ramagens que mostravam um brilho de água, e iluminava o tronco branco de um vidoeiro. Duas pequenas figuras, indistintamente unissexuadas nos seus casacos de remendos coloridos, nas calças e nos gorros de lã, saíram do escuro vindas de uma mata de azevinho e avançaram. Eram Helen e Luke numa aventura qualquer. Ambos tinham paus e espetavam-nos aqui e ali nas folhas do ano anterior.

— Está aqui!

A voz de Helen ergueu-se triunfante, e os pais viram, emergindo na direção da luz na ponta do pau, a bola de plástico vermelho e amarelo que tinham perdido no verão.

Estava suja e amachucada, mas inteira. As duas crianças iniciaram uma rápida dança de saltos, andando à roda, com a bola recuperada erguida em triunfo. Depois, de repente, sem razão óbvia, fizeram uma corrida até às portas envidraçadas. Os pais estavam sentados no sofá, virados para as portas, que se abriram de rompante, e ali estavam eles, duas criaturas leves, elegantes e pequeninas, com as faces vivamente rosadas, abrasadas pela geada, e os olhos repletos das excitações da escuridão selvagem em que tinham participado. Respiravam profundamente, os seus olhos ajustando-se lentamente à realidade, a sala de família iluminada, calorosa, e os pais que estavam sentados a olhar para eles. Durante um momento foi o encontro de duas formas de vida estranhas: as crianças tinham entrado numa selvajaria primitiva e o seu sangue ainda latejava; mas agora a turbulência dentro deles já se libertara e juntavam-se aos pais. Harriet e David partilharam aquele momento com eles, estavam com eles em imaginação e na memória das suas próprias infâncias. Podiam claramente ver-se a si próprios, dois adultos, ali sentados, calmos, domésticos, até dignos de pena na sua distância da rebeldia e da liberdade.

Ao verem os pais ali sozinhos, sem outras crianças por perto, e acima de tudo sem Ben, Helen agarrou-se ao pai e Luke à mãe, e Harriet e David abraçaram os seus dois filhos intrépidos, os seus filhos, apertando-os contra si.

Na manhã seguinte, uma carrinha preta foi buscar Ben. Harriet soube que estava a chegar porque David não tinha ido trabalhar; ficara em casa de modo a «controlá-la!» David subiu ao andar de cima e trouxe malas e sacos que tinha preparado calmamente enquanto ela estivera a dar o pequeno-almoço às crianças.

Ele atirou tudo para dentro da carrinha. Depois, com uma expressão no rosto de tal forma rígida que Harriet mal

o reconhecia, foi buscar Ben, que se encontrava sentado no chão da sala de estar, levou-o para a carrinha e meteu-o lá dentro. Em seguida regressou rapidamente para junto de Harriet com a mesma expressão rígida no rosto, pôs um braço por cima dos ombros dela, voltou-a de modo que ela não visse a carrinha, que já se tinha posto a caminho (ela ouvia os gritos e os berros que vinham de lá de dentro), e levou-a para o sofá, onde — apertando-a sempre bastante contra si — disse, vezes sem conta:

— Temos de fazer isto, Harriet, temos de o fazer!

Ela estava a chorar devido ao choque de tudo aquilo, mas também de alívio e de gratidão por ele ter assumido toda a responsabilidade.

Quando as crianças regressaram ao lar, eles disseram-lhes que Ben tinha ido para casa de uma pessoa.

— Da avozinha? — perguntou Helen, ansiosa.

— Não!

Quatro pares de olhos desconfiados e apreensivos ficaram de repente cheios de alívio. Alívio histérico. As crianças dançaram em círculo, incapazes de se controlar, e depois fingiram que era um jogo que tinham acabado de inventar.

Ao jantar estavam resplandecentes, soltando risinhos entrecortados, histéricos. Mas, num momento mais calmo, Jane perguntou com uma voz esganiçada:

— Também nos vão mandar embora?

Ela era uma menina imperturbável, sossegada, uma Dorothy em miniatura, que nunca dizia nada desnecessário. Mas agora os seus grandes olhos azuis estavam fixos com terror no rosto da mãe.

— Não, claro que não — respondeu David, lacónico.

Luke explicou:

— Eles mandaram o Ben embora porque na realidade

ele não é um de nós.

Nos dias que se seguiram, a família expandiu-se como flores na água. Harriet compreendeu então o fardo que Ben tinha sido, como ele os oprimira a todos, quanto as crianças haviam sofrido; sabia que elas tinham falado sobre ele mais do que os pais tinham querido saber, que haviam tentado dar-se bem com Ben. Mas agora que Ben se fora embora os seus olhos brilhavam, andavam bem-dispostas e passavam o tempo a ir ter com Harriet e a oferecer-lhe pequenas lembranças, ou um doce, ou um brinquedo.

— Isto é para ti, mãezinha.

Ou então corriam para ela para lhe darem um beijo, ou fazerem-lhe uma festa na cara, ou aninharem-se nos seus braços como pequenas crias felizes. David tirou alguns dias de férias no escritório para estar com todos eles — para estar com Harriet. Era amável e terno com ela. «Como se eu estivesse doente», pensou ela com rebeldia. Claro que ela passava o tempo todo a pensar em Ben, que estava prisioneiro algures. Que espécie de prisioneiro? Ela imaginava a pequena carrinha preta e lembrava-se dos gritos de raiva dele enquanto o levavam.

À medida que os dias passavam, a normalidade regressava à casa. Harriet ouviu as crianças falarem sobre as férias da Páscoa.

— Vai ser ótimo, agora que o Ben não está cá — comentou Helen.

Elas haviam sempre percebido bastante mais do que o que ela tinha querido saber.

Ao mesmo tempo que partilhava do alívio geral, e mal conseguia acreditar que tinha sido capaz de aguentar uma tal pressão e por tanto tempo, Harriet não era capaz de banir Ben do seu espírito. Não era com amor ou mesmo com afeto que ela pensava nele, e ficava desgostosa consigo

própria por não conseguir encontrar dentro de si uma centelha que fosse de sentimento normal: era a culpa e o horror que a mantinham acordada durante todas as noites. David sabia que ela estava desperta, embora ela tentasse escondê-lo.

Então, uma manhã, ela irrompeu do sono, ou de um sonho mau, não sabia bem qual, e disse:

— Vou ver o que é que eles estão a fazer ao Ben.

David abriu os olhos e permaneceu em silêncio, fixando a janela por cima do seu braço. Ele tinha estado apenas a dormir, não a dormir profundamente. Ela sabia que ele sempre receara aquilo, e então houve qualquer coisa nele que foi como se lhe dissesse: «Então é isso, achas que já chega!»

— David, eu tenho de ir.

— Não vás — aconselhou ele.

— Tenho mesmo de ir.

Mais uma vez ela soube, pela forma como ele ficou ali deitado, sem olhar para ela e sem dizer mais do que aquelas duas palavras, que seria mau para ela, que ele estava a tomar decisões enquanto permanecia ali deitado. Ele ficou assim por alguns minutos e depois levantou-se, saiu do quarto e desceu.

Depois de se ter vestido, Harriet telefonou a Molly, que ficou imediatamente fria e zangada:

— Não, não vou dizer-te onde é. Agora já está feito, por isso deixa estar.

Mas por fim deu a direção a Harriet.

Mais uma vez Harriet se interrogou porque é que estava sempre a ser tratada como uma criminosa. «Desde que o Ben nasceu que tem sido assim», pensou ela. Parecia-lhe agora que a verdade é que desde então toda a gente a condenara em silêncio. «Sofri uma desgraça, não cometi

um crime», disse ela para si própria.

Ben fora levado para um local no Norte de Inglaterra, a quatro ou cinco horas de automóvel — talvez mais, se ela não tivesse sorte com o trânsito. Este estava intenso, e ela teve de conduzir através de uma chuva invernos, cinzenta. Foi ao princípio da tarde que chegou a um grande e sólido edifício de pedra negra, situado num vale e rodeado de pântanos que ela mal conseguia distinguir devido à cortina cinzenta de chuva. Era uma construção simples e retilínea erguida entre sombrias árvores perenes gotejantes, e as suas janelas regulares, em três filas, tinham barras de ferro.

Ela penetrou num pequeno átrio e viu um cartão manuscrito pregado na grande porta de entrada: «Toque para chamar.» Ela tocou e esperou, mas não aconteceu nada. O coração batia-lhe. Ela ainda estava agitada com a adrenalina que lhe tinha dado o ímpeto para ir, embora a longa condução a tivesse apaziguado; no entanto, aquele edifício opressivo estava a dizer aos seus nervos, se não mesmo à sua inteligência — pois, afinal de contas, não tinha factos para ir mais além —, que o que ela temera era verdade, embora não soubesse exatamente o que é que isso pudesse ser. Tocou outra vez. O edifício estava silencioso: ela podia ouvir o estridente som da campainha muito distante no seu interior. Mais uma vez nada aconteceu, e ela estava prestes a dar a volta pelas traseiras quando a porta se abriu abruptamente, aparecendo uma rapariga com ar desmazelado que vestia umas calças de ganga, um casaco de lã e um cachecol grosso. Ela tinha um rosto pequeno e pálido sob um amontoado de caracóis louros atados por uma fita azul, formando um rabo de cavalo semelhante a uma cauda de ovelha, e parecia cansada.

— Sim? — perguntou ela.

Harriet viu logo, compreendendo o que isto significava,

que as pessoas simplesmente não iam ali.

Depois disse, já inflexível:

— Sou a senhora Lovatt e vim para ver o meu filho.

Era evidente que eram palavras que aquela clínica, ou o que quer que fosse, não esperava enfrentar.

A rapariga abriu os olhos, deu uma pequena sacudidela involuntária com a cabeça exprimindo incapacidade e depois disse:

— O doutor MacPherson não está cá esta semana.

Ela também era escocesa, com uma pronúncia muito acentuada.

— Alguém deve estar a substituí-lo — retorquiu Harriet num tom decidido.

A rapariga, perante a atitude de Harriet, sorriu com um ar indeciso e muito preocupado e balbuciou:

— Então espere aqui.

E foi para dentro. Harriet seguiu-a antes que a grande porta se fechasse, deixando-a do lado de fora. A rapariga olhou à volta, como se tivesse intenção de dizer: «Tem de esperar lá fora», mas em vez disso informou:

— Hei de encontrar alguém.

E seguiu para as cavernas escuras de um corredor cujo teto tinha, em toda a sua extensão, pequenas lâmpadas que mal perturbavam a penumbra. Havia um cheiro a desinfetante e um silêncio absoluto. Não, depois de um momento, Harriet apercebeu-se de um grito muito alto e agudo que começou e parou e voltou novamente a ouvir-se, vindo do fundo do edifício.

Nada aconteceu. Harriet saiu para o átrio, que já estava a escurecer com a aproximação da noite. A chuva caía agora como um frio dilúvio, silencioso e regular. Os pântanos tinham desaparecido.

Ela tocou outra vez, decididamente, e voltou para o

corredor.

Viu então aparecerem duas figuras muito ao longe, sob as luzes do teto, a dirigirem-se para ela. Um jovem, vestindo um casaco branco que não estava lá muito limpo, era seguido pela rapariga, que tinha agora um cigarro na boca e os olhos semicerrados por causa do fumo. Ambos pareciam cansados e inseguros.

Ele era um jovem vulgar, embora desgastado de uma forma geral; considerado ponto por ponto, mãos, rosto, olhos, não tinha nada de notável, mas havia qualquer coisa de desespero nele, como se estivesse cheio de raiva ou de impotência.

— A senhora não pode estar aqui — disse ele, de forma atrapalhada e insegura. — Nós não temos dias de visita.

A pronúncia dele era do Sul de Londres, nivelada e nasal.

— Mas eu estou aqui — respondeu Harriet. — Estou aqui para ver o meu filho, Ben Lovatt.

E de repente ele inspirou e olhou para a rapariga, que franziu os lábios e ergueu as sobrancelhas.

— Ouça — continuou Harriet —, o senhor não deve estar a perceber. Eu não me vou embora assim tão facilmente. Vim cá para ver o meu filho, e é isso que vou fazer.

Ele percebeu que Harriet estava a falar a sério. Abanou lentamente a cabeça, como que dizendo: «Sim, mas a questão não é essa», e olhou de forma penetrante para ela. Harriet estava a receber um aviso, e de alguém que assumia a sua responsabilidade. Ele talvez fosse um jovem bastante digno de pena, certamente esgotado e mal alimentado, que fazia aquele trabalho porque não conseguia arranjar outro, mas o peso da sua posição — o infeliz peso dela — falava por ele, e a sua expressão, os

seus olhos avermelhados, cansados do fumo, eram severos, autoritários, deviam ser levados a sério.

— Quando as pessoas atiram os filhos para aqui não vêm depois para os ver — frisou ele.

— Olhe, a senhora não está a perceber nada — disse a rapariga.

Harriet ouviu-se explodir:

— Estou farta de me dizerem que não percebo isto e aquilo. Sou a mãe da criança. Sou a mãe de Ben Lovatt. Será que *vocês* percebem isto?

De repente estavam os três juntos na compreensão, até mesmo na aceitação desesperada de uma fatalidade geral de qualquer espécie.

Ele abanou a cabeça e disse:

— Bom, vou ver...

— E eu também vou — retorquiu ela.

Isto alertou-o a sério:

— Oh, não! — exclamou ele. — Não vai não senhora!

Depois disse qualquer coisa à rapariga, que começou a correr surpreendentemente depressa pelo corredor fora.

— A senhora fica aqui — disse ele para Harriet, seguindo a passos largos a rapariga.

Harriet viu a rapariga virar à direita e desaparecer e, sem pensar, abriu a porta que estava à sua direita. Viu o braço do jovem erguer-se numa imprecação, ou aviso, ao mesmo tempo que o que estava por detrás daquela porta a atingia.

Ela encontrava-se na extremidade de uma longa enfermaria com um sem-número de berços e camas ao longo das paredes. Nos berços estavam... monstros. Enquanto percorria rapidamente o corredor da enfermaria para chegar à porta da outra ponta, pôde ver que cada cama ou berço continha uma criança ou um bebé no qual o

modelo humano estava distorcido do padrão normal, por vezes horrivelmente, outras de forma ligeira. Um bebé como uma vírgula, de grande cabeça pendente num corpo que parecia um caule... Algo como um inseto desajeitado, com enormes olhos protuberantes entre fragilidades entrevadas que eram membros... Uma rapariguinha completamente indistinta, com a carne a escorrer e a derreter-se... Uma boneca com pernas gredosas inchadas, de olhos grandes e vazios como lagos azuis e de boca aberta, mostrando uma pequena língua inchada... Um rapazinho magrizela e descambado, com uma metade do corpo desconjuntada da outra... Uma criança que a princípio parecia normal, mas que afinal não tinha a parte de trás da cabeça, era tudo rosto, e parecia gritar para ela. Eram filas e filas de monstros, quase todos a dormir e todos silenciosos, à exceção de um soluçar lúgubre que provinha de um berço cujos lados estavam protegidos por cobertores. Eles encontravam-se todos literalmente drogados. Harriet ouviu novamente o grito alto e intermitente, mais próximo agora, que lhe assaltava os nervos. Sentiu um cheiro a excrementos mais forte do que o desinfetante. Depois encontrou-se fora da enfermaria de pesadelo, num corredor paralelo àquele que vira primeiro e idêntico. Na outra ponta viu a rapariga seguida pelo jovem virem um pouco na sua direção e depois voltarem novamente à direita.

Harriet correu depressa, ouvindo os seus passos ressoando nas lajes, virou no mesmo sítio deles e entrou numa pequena sala que continha carros de remédios e drogas. Atravessou-a e encontrou-se então num comprido corredor com chão de cimento que tinha portas com vigias de inspeção ao longo da parede em frente dela. O rapaz e a rapariga estavam a abrir uma dessas portas quando ela chegou ao pé deles. Todos respiravam pesadamente.

— Merda — exclamou o rapaz, referindo-se à presença dela.

— Literalmente — respondeu Harriet quando a porta se abriu, revelando um quarto quadrado cujas paredes eram forradas de plástico branco e brilhante a imitar couro, aqui e ali pregado com botões.

No chão, num colchão verde de espuma de borracha, jazia Ben, inconsciente. Estava nu, enfiado numa camisa de forças. A sua língua amarela, pálida, saía-lhe da boca. A sua carne estava mortalmente branca, esverdeada. Tudo, as paredes, o chão, o próprio Ben, estava manchado com excrementos. Uma poça de urina amarelo-escura ressumava da enxerga, que se encontrava ensopada.

— Eu disse-lhe para não vir — gritou o jovem.

Ele agarrou em Ben pelos ombros, e a rapariga pelos pés. Pela maneira como tocavam na criança, Harriet viu que eles não eram brutos; o problema realmente não era esse. Levantaram Ben daquela forma — pois assim pouco tinham que lhe tocar —, saíram do quarto, atravessaram uma parte do corredor e depois entraram por outra porta. Ela seguiu-os e ficou a observar. Aquela sala tinha lavatórios ao longo de uma das paredes, uma enorme banheira e uma rampa de cimento com torneiras a todo o comprimento. Puseram Ben nesta rampa, desapertaram a camisa de forças e, depois de ajustarem a temperatura da água, começaram a lavá-lo com uma mangueira que estava ligada a uma das torneiras. Harriet encostou-se a uma parede a observar; estava de tal modo chocada que já não sentia absolutamente nada. Ben não se mexeu: jazia como um peixe afogado em cima daquela laje. Foi várias vezes virado pela rapariga, quando o rapaz interrompia de propósito o jato da mangueira, e finalmente foi transportado pelos dois para outra pedra, onde o secaram.

Depois eles tiraram uma camisa de forças lavada de um monte que ali estava e vestiram-lha.

— Porquê? — perguntou Harriet com agressividade.

Eles não responderam. Levaram a criança, amarrada, inconsciente, de língua pendente, para fora daquela divisão, seguiram pelo corredor e entraram num quarto que tinha uma prateleira de cimento semelhante a uma cama. Então, depois de colocarem Ben lá em cima, ambos se endireitaram e suspiraram:

— Pfiu!

— Bom, aí está ele — disse o jovem.

Ficou imóvel durante uns momentos, com os olhos fechados, recuperando do esforço, e depois acendeu um cigarro. A rapariga estendeu a mão a pedir um, e ele deu-lho. Ficaram os dois a fumar, olhando para Harriet de uma forma exausta, derrotada.

Ela não sabia o que havia de dizer. Sentia o coração despedaçado, tal como estaria em relação a qualquer um dos seus outros filhos, pois Ben parecia mais normal do que ela alguma vez o vira, com aqueles seus olhos duros, frios e estranhos agora fechados. Estava patético: ela nunca o tinha visto tão patético anteriormente.

— Acho que vou levá-lo para casa — disse ela.

— É consigo — respondeu o jovem prontamente.

A rapariga, que olhava com curiosidade para Harriet, como se ela fizesse parte do fenómeno que Ben constituía, como se fosse da mesma natureza, perguntou:

— O que é que vai fazer com ele? — Depois acrescentou, tendo Harriet reconhecido medo na sua voz: — Ele é tão forte... Nunca vi nada assim.

— Nenhum de nós viu nada assim — confirmou o rapaz.

— Onde está a roupa dele? — perguntou Harriet.

Então o jovem riu-se com ar de troça e disse:

— Vai vestir-lhe a roupa e levá-lo para casa, assim sem mais nem menos?

— E porque não? Ele tinha roupa quando chegou.

Os dois assistentes — enfermeiros, serventes, o que quer que fossem — trocaram olhares. Depois ambos puxaram uma fumaça dos cigarros.

O rapaz disse:

— Não me parece que esteja a perceber, senhora Lovatt. Qual é a distância que vai ter de percorrer, para começar?

— Quatro ou cinco horas de automóvel.

Ele riu-se outra vez, perante a impossibilidade *disso — dela*, Harriet —, e continuou:

— Ele vai acordar durante a viagem, e depois?

— Depois vê-me — respondeu ela, mas viu logo pelas caras deles que estava a ser estúpida. — Muito bem, então o que é que me aconselham?

— Embrulhe-o em dois cobertores por cima da camisa de forças — explicou a rapariga.

— E depois acelere como uma louca — acrescentou ele.

Ficaram então os três em silêncio, olhando uns para os outros demorada e profundamente.

— A senhora tente fazer este trabalho — disse a rapariga de repente, cheia de raiva contra o destino. — Tente só. Olhe, eu vou-me embora no fim deste mês.

— E eu também. Ninguém aguenta isto mais de algumas semanas — retorquiu o rapaz.

— Está bem — disse Harriet —, eu não me vou queixar nem nada.

— Vai ter de assinar um formulário. Temos de nos defender — informou ele.

Mas não foi fácil de encontrar o formulário. Por fim, depois de muito rebuscarem num gabinete atafalhado, encontraram uma folha de papel, fotocopiada há anos,

onde dizia que Harriet ilibava a clínica de qualquer responsabilidade.

Então ela pegou em Ben, tocando-lhe pela primeira vez; estava mortalmente frio. Ela sentiu todo o peso dele nos seus braços e foi aí que percebeu a frase «um peso morto».

Saiu para o corredor e disse:

— Não vou passar outra vez por aquela enfermaria.

— Quem é que lhe poderia levar a mal? — disse o rapaz, com um tom de voz cansado e sarcástico.

Ele pegara num monte de cobertores e embrulhara Ben em dois; levaram-no até ao carro, deitaram-no no banco de trás e amontoaram mais cobertores por cima dele, deixando apenas a cara de fora.

Ela ficou junto ao carro com os dois jovens. Mal se conseguiam ver uns aos outros. Além das luzes do carro e das do edifício, reinava a escuridão. Os pés deles chapinhavam na água. O rapaz tirou do bolso da gabardina uma embalagem de plástico que continha uma seringa, duas agulhas e algumas ampolas.

— Será melhor levar isto — aconselhou ele.

Harriet hesitou, e a rapariga disse:

— Senhora Lovatt, não me parece que esteja a perceber...

Ela disse que sim com a cabeça, agarrou na embalagem e entrou no carro.

— Pode dar-lhe até quatro injeções por dia, mais não — esclareceu o rapaz.

Quando estava quase a tirar o pé da embraiagem, ela perguntou:

— Digam-me, quanto tempo é que vocês pensam que ele iria viver?

Os rostos deles eram manchas brancas na penumbra, mas ela conseguiu ver que o rapaz abanou a cabeça e deu

meia volta. Ouviu então a voz da rapariga:

— Nenhum deles vive muito tempo. Mas este... ele é muito forte. É o mais forte que nós já vimos.

— O que significa que teria vivido mais tempo?

— Não — respondeu o rapaz. — Não, não é nada disso. Por ser tão forte, ele está constantemente a lutar, e portanto tem de levar doses maiores. Isso mata-os.

— Está bem — disse Harriet. — Bom, obrigado aos dois.

Eles ficaram a olhar enquanto ela se afastava, mas desapareceram quase imediatamente na escuridão húmida. Ao dar a curva, ela viu-os sob a luz ténue do átrio de entrada, muito juntos, como que relutantes em entrar.

Ela conduziu o mais rápido que pôde através da chuva invernosa, evitando as estradas principais, vigiando o monte de cobertores atrás dela. Quando ia a cerca de metade do caminho, viu os cobertores levantarem-se e remexerem-se. Ben acordou com um grito de raiva, agitou-se e caiu no chão do carro, onde começou a gritar, não com os gritos agudos e altos que ela ouvira na clínica, mas com gritos de medo que percorriam todo o corpo dela. Harriet aguentou aquilo durante meia hora, sentindo as pancadas que Ben dava vibrarem por todo o carro. Ela estava à procura dum desvio da estrada que não tivesse trânsito. Quando encontrou um, parou, deixou o motor a trabalhar e tirou a seringa. Sabia usá-la devido a uma ou outra doença das crianças. Partiu a cápsula, que não tinha qualquer marca, e encheu a seringa. Depois inclinou-se para o banco de trás. Ben, que se encontrava nu à exceção da camisa de forças e roxo de frio, estava aos pulos, lutando e gritando. Os seus olhos observaram-na com um brilho de ódio. «Ele não me reconheceu», pensou ela, não se atrevendo a desapertar a camisa de forças. Estava com medo de o injetar nalgum lado perto do pescoço. Finalmente

conseguiu agarrar-lhe um tornozelo, espetou a agulha na parte interior da barriga da perna e esperou até ele ficar sem forças, o que levou apenas alguns minutos. Que medicamento era aquele?

Harriet acomodou novamente Ben no banco de trás debaixo dos cobertores e seguiu então para casa pelas estradas principais. Chegou por volta das vinte horas. Os filhos estariam com certeza sentados à mesa da cozinha, acompanhados por David, que não devia ter ido trabalhar.

Com Ben enrolado numa trouxa de cobertores nos seus braços, de cara tapada, ela entrou na sala e olhou para o outro lado da meia parede, onde todos estavam sentados à mesa grande. Luke, Helen, Jane, o pequeno Paul. E David, com uma expressão dura e zangada no rosto, e muito cansado.

Ela observou:

— Eles estavam a matá-lo.

E viu que David nunca lhe iria perdoar por ter dito isto em frente das crianças. Todas mostravam medo.

Ela subiu imediatamente as escadas direita ao quarto grande, por onde passou para o «quarto do bebé», e pôs Ben na cama. Ele estava a acordar. E então tudo recomeçou: as lutas, os pulos, os gritos. Mais uma vez ele se atirou para o chão, rebolando-se; e mais uma vez se fletiu, dobrou e esticou, com os olhos cheios de puro ódio.

Ela não podia tirar-lhe a camisa de forças.

Foi à cozinha e arranjou leite e biscoitos, enquanto a sua família permanecia sentada e a observava num silêncio total.

Os gritos e a luta de Ben abalavam toda a casa.

— A polícia vai aparecer — disse David.

— Mantém-nos sossegados — ordenou ela, subindo com a comida.

Quando Ben viu o que ela levava, pôs-se calado e quieto, e os seus olhos ficaram ávidos. Ela levantou-o como a um boneco e encostou-lhe o copo de leite aos lábios, e ele quase sufocou com as goladas: estava esfomeado. Depois ela deu-lhe bocadinhos de biscoito, mantendo os dedos afastados dos dentes dele. Quando se acabou o que ela levava, ele começou a rugir e a debater-se outra vez. Ela deu-lhe outra injeção.

As crianças encontravam-se em frente da televisão, mas não estavam a vê-la. Jane e Paul choravam. David estava sentado à mesa com a cabeça apoiada nas mãos. Ela disse suavemente, para que ele ouvisse:

— Está bem, eu sou uma criminosa, mas eles estavam a matá-lo.

Ele não se mexeu. Ela estava de costas para ele: não queria ver-lhe a cara.

Ela disse:

— Estaria morto dentro de poucos meses. Semanas, provavelmente.

Fez-se silêncio. Por fim, Harriet voltou-se. Mal conseguia olhar para David. Ele parecia doente, mas não era isso...

Ela continuou:

— Não conseguia suportar isso.

— Pensava que a ideia era essa — retorquiu ele deliberadamente.

— Sim, mas tu não viste, tu não viste... — gritou ela.

— Eu tive o cuidado de *não* ver — respondeu ele. — O que é que pensavas que ia acontecer? Que iam fazer dele um membro bem integrado da sociedade e que então tudo seria encantador?

Ele estava a fazer pouco dela, mas isto porque a sua garganta sufocava de lágrimas.

Então olharam intensamente um para o outro durante bastante tempo, vendo tudo acerca um do outro. Ela pensou: «Muito bem, ele tinha razão, e eu estava errada. Mas já está feito.»

— Está bem, mas já está feito — disse ela em voz alta.

— É essa a *mot juste*, penso eu.

Ela sentou-se no sofá ao lado das crianças. Viu então que todas tinham a cara manchada de lágrimas. Não podia tocar-lhes para as confortar, pois fora ela que as fizera chorar.

Quando por fim disse: «Cama», todos se levantaram imediatamente e saíram sem olharem para ela.

Levou para o quarto grande um fornecimento de comida adequada para Ben. David mudara as suas coisas para outro quarto.

Quando Ben acordou, já quase de manhã, e começou com os seus rugidos, ela deu-lhe de comer e drogou-o.

Preparou o pequeno-almoço para as crianças, como de costume, e tentou agir com normalidade. Elas também tentaram. Ninguém se referiu a Ben.

Quando David desceu, ela disse:

— Por favor, leva-os à escola.

Então ficou sozinha em casa com Ben. Quando ele acordou, ela deu-lhe de comer, mas não o drogou. Ele berrou e debateu-se, mas muito menos, achou ela.

Durante uma calmaria, quando ele parecia esgotado, ela disse:

— Ben, estás em casa, já não estás naquele lugar. — Ele estava a ouvi-la. — Quando deixares de fazer todo esse barulho, eu tiro-te essa coisa que eles te vestiram.

Ainda era muito cedo para isso, pois ele começou a debater-se outra vez. No meio dos gritos dele, ela ouviu vozes e foi até à janela. David não tinha ido trabalhar,

ficara em casa para a ajudar. Duas jovens mulheres-polícias estavam lá em baixo a falar com David. Depois foram-se embora.

O que é que ele lhes dissera? Ela não perguntou.

Por volta da hora a que as crianças deviam voltar para casa, ela disse a Ben:

— Agora quero que fiques sossegado, Ben. As outras crianças estão a chegar, e tu vais assustá-las a gritares dessa maneira.

Ele ficou sossegado, mas devido à exaustão.

Ben estava agora no chão, que já se encontrava então cheio de excrementos. Harriet levou-o para a casa de banho, tirou-lhe a camisa de forças, meteu-o na banheira e lavou-o, vendo que ele tremia de terror: ele nem sempre estivera inconsciente quando o lavavam naquele lugar. Ela levou-o de volta para a cama e disse-lhe:

— Se começares a gritar outra vez, vou ter de te vestir de novo aquela coisa...

Ele rangeu os dentes para ela, com os olhos chamejantes; mas ele também estava com medo. Ela teria de o controlar pelo medo.

Ela limpou o quarto enquanto ele estava deitado a rodar os braços, como se se tivesse esquecido de como fazê-lo. Provavelmente, estivera enfiado naquele fato de prisão desde que entrara na clínica.

Depois ele agachou-se na cama, mexendo os braços e fixando o quarto em volta, reconhecendo-o, assim como a ela, finalmente.

— Abre a porta — disse ele.

— Não, não abro até ter a certeza de que te portas bem — respondeu ela.

Ele estava prestes a recomeçar, mas ela gritou-lhe:

— Ben! Estou a falar a sério! Se tu te puseres a gritar,

eu amarro-te!

Ele controlou-se. Ela deu-lhe sanduíches, que ele enfiou pela boca dentro, engasgando-se.

Ele desaprendera todas as práticas sociais básicas que fora tão difícil ensinar-lhe.

Ela falou-lhe com calma enquanto ele comia:

— E agora ouve-me, Ben. Tens de me ouvir. Se tu te portares bem, tudo estará bem. Tens de comer como deve ser. Tens de usar o bacio ou ir à casa de banho. E não podes gritar nem lutar.

Ela não tinha a certeza se ele a ouvira. Repetiu. Continuou a repetir.

Nessa noite ficou com Ben e nem sequer viu as outras crianças. David tinha subido para um quarto longe dela. O que ela então sentia era que estava a protegê-los de Ben enquanto o reeducava para a vida de família. Mas sabia que o que eles sentiam era que ela tinha virado as costas a todos e escolhera partir para um país estranho com Ben.

Nessa noite, ela fechou-lhe a porta do quarto à chave e trancou-a, deixou-o sem drogas e fez votos para que ele dormisse. Dormiu, mas acordou, gritando de medo. Ela foi ter com ele e encontrou-o encostado à parede aos pés da cama, com um braço a tapar a cara, incapaz de a ouvir, enquanto ela falava e falava, usando palavras racionais e persuasivas contra aquela tempestade de terror. Por fim lá começou a acalmar-se, e ela deu-lhe de comer. Nunca havia comida que lhe chegasse, passara realmente muita fome. Eles tinham tido necessidade de o manter drogado, e quando estava drogado não podia comer.

Alimentado, encostou-se outra vez à parede, acorçado na cama, olhando para a porta por onde os seus carcereiros haviam de entrar: ainda não percebera realmente que estava em casa.

Depois cabeceou... acordou com um urro; cabeceou... acordou... Ela acalmou-o, e ele adormeceu.

Passaram-se os dias. Passaram-se as noites.

Finalmente, ele percebeu que estava em casa e em segurança. A pouco e pouco deixou de comer como se cada dentada fosse a última. Lentamente, começou a usar o bacio, e depois deixou-se levar pela mão ao longo do corredor até à casa de banho. Em seguida desceu ao andar de baixo, lançando olhares rápidos à sua volta para ver o inimigo antes que este o capturasse. Para ele, aquela casa era o sítio onde tinha sido apanhado. E pelo seu pai. Quando o viu pela primeira vez, recuou, bufando.

David não tentou tranquilizá-lo; no que lhe dizia respeito, Ben era responsabilidade de Harriet, e a sua era para com os filhos — os verdadeiros filhos.

Ben ocupou o seu lugar à mesa, entre as outras crianças. Mantinha os olhos no pai, que o havia atraído. Helen disse:

— Olá, Ben!

Depois Luke:

— Olá, Ben!

Depois Jane. Paul não: estava muito triste por Ben se encontrar ali outra vez; levantou-se da mesa e atirou-se com força para cima de uma cadeira e fingiu que via televisão.

Ben finalmente disse:

— Olá!

Os seus olhos moviam-se de cara para cara: amigo ou inimigo?

Ele comeu, observando-os. Quando eles se levantaram para irem ver televisão, ele também o fez, imitando-os por uma questão de segurança, e olhava para o ecrã porque eles também o faziam.

E assim as coisas voltaram ao normal, se é que esta palavra se poderia empregar.

Mas Ben não confiava no pai; nunca mais confiou nele. David nem sequer podia aproximar-se de Ben sem que este enregelasse e recuasse e, se ele se aproximasse demasiado, lhe rosnasse.

Quando teve a certeza de que Ben tinha recuperado, Harriet pôs em prática uma ideia que andara a elaborar.

O jardim tinha sido bastante danificado no verão anterior, e um rapaz chamado John fora contratado para tratar dele. Estava desempregado e fazia qualquer tipo de trabalho. Em poucos dias cortara as sebes, enterrara uma série de arbustos doentes, serrara uma ramada morta, aparara a relva. Ben nunca se afastava dele. Acocorava-se junto às portas envidraçadas, à espera de que John chegasse, e depois seguia-o para todo o lado como um cachorrinho. Mas John não se ralava nada com ele. John era um rapaz alto, cabeludo, amável, de boa índole e paciente: Tratava Ben de uma forma prática, como se ele fosse mesmo um cachorrinho que precisasse de treino. «Não, agora tens de sentar-te ali e esperar até eu acabar.» «Segura aqui nesta tesoura, isso mesmo.» «Não, agora vou para casa, mas podes vir até ao portão comigo.» Por vezes, Ben gemia e choramingava quando John se ia embora.

Harriet foi a um certo café — o Betty's Caff, como era conhecido —, onde sabia que John parava, e encontrou-o lá com alguns amigos. Era um bando de jovens desempregados, cerca de dez, e às vezes também duas raparigas. Ela não se incomodou a explicar nada, pois por essa altura sabia que as pessoas percebiam muito bem — isto é, se não fossem especialistas ou médicos...

Ela sentou-se no meio daqueles jovens e disse que ainda faltavam dois anos, ou talvez mais, para Ben entrar para a

escola, e que não era conveniente ele ir para um infântario vulgar. Fitou deliberadamente John nos olhos quando usou a palavra «conveniente», e ele fez um simples gesto com a cabeça. Ela gostaria que ele tomasse conta de Ben durante o dia. Haveria bastante dinheiro.

— Quer que eu vá para sua casa? — perguntou John, dizendo que não a esta proposta.

— Isso é contigo — respondeu Harriet. — Ele gosta de ti, John, confia em ti.

Ele olhou para os seus companheiros: eles consultavam-se uns aos outros com os olhos. Depois concordou com um aceno de cabeça.

John chegava agora na maior parte das manhãs por volta das nove horas, e Ben partia, com ele na sua moto: ia exultante, rindo, sem um olhar para trás para a mãe, o pai, os irmãos e irmãs. O acordo consistia em manter Ben bem afastado de casa até à hora de jantar, mas muitas vezes ele chegava bastante depois dessa hora. Tornara-se um membro do grupo de jovens desempregados que deambulavam pelos passeios, se sentavam nos cafés, por vezes faziam trabalhos de ocasião, iam ao cinema, corriam sem rumo em motos ou em carros emprestados.

A família tornou-se novamente uma família. Bem, quase.

David voltou a dormir no grande quarto de casal. Mas havia uma distância entre eles. David estabelecera-a e agora mantinha-a porque Harriet o ferira profundamente: ela compreendia isto. Harriet informou-o de que andava a tomar a pílula: foi para ambos um momento de desolação, por tudo o que tinham sido, o que tinham defendido, no passado, e que sempre a impossibilitara de tomar a pílula. Eles tinham achado profundamente errado alterar dessa maneira o processo da natureza! A natureza — eles

lembravam agora a si próprios o que haviam sentido outrora — estava num outro nível para se poder confiar nela.

Harriet telefonou a Dorothy e perguntou-lhe se ela podia ir lá para casa por uma semana, e depois suplicou a David que fosse de férias com ela para um sítio qualquer. Desde que Luke nascera, nunca mais tinham estado sozinhos. Escolheram um hotel de província sossegado, passearam bastante e foram atenciosos um com o outro. Os seus corações sofriam bastante; mas então isso parecia ser algo com que tinham de viver. Por vezes, especialmente nos seus momentos mais felizes, não conseguiam evitar ficarem com os olhos cheios de lágrimas. Mas à noite, quando estava deitada nos braços do marido, Harriet sabia que aquilo nada tinha que ver com o amor a sério, não era como no passado.

Ela disse-lhe:

— Supõe que fazemos aquilo que dissemos que faríamos, isto é, continuamos a ter filhos...

Ela sentiu como o corpo dele ficou tenso, sentiu a sua raiva.

— E então é como se nunca tivesse acontecido nada? — perguntou ele por fim.

Ela sabia que ele estava com curiosidade em ouvi-la: ele nem podia acreditar nos seus ouvidos!

— Não ia acontecer outro Ben... Porque é que haveria de acontecer?

— A questão não é outro Ben — observou ele por fim, mantendo a sua voz sem emoção devido à raiva.

Ela sabia que aquilo com que ele a podia ter agredido era exatamente o que ela sempre tentara esconder de si própria, pelo menos a parte pior: ela tinha provocado uma ferida mortal na família quando fora buscar Ben.

Ela insistiu:

— Podíamos ter mais filhos.

— E os quatro que temos não contam?

— Talvez nos unisse a todos outra vez, melhorasse as coisas...

Ele estava silencioso; e contra esse silêncio ela pôde ouvir como soaram falsas as suas palavras.

Por fim, ele inquiriu, com a mesma voz sem emoção:

— E o Paul?

Porque tinha sido Paul o mais atingido.

— Talvez ele consiga ultrapassar — disse ela, num tom desiludido.

— Ele não vai ultrapassar, Harriet.

E agora a sua voz vibrava com o que estava a suprimir.

Ela virou-lhe as costas e começou a chorar.

Quando chegaram as férias de verão, Harriet escreveu cartas cuidadosas para toda a gente, explicando que Ben quase nunca estava em casa. Sentiu-se desleal e traiçoeira ao fazer aquilo, mas em relação a quem?

Alguns foram. Molly e Frederick não, pois eles não perdoaram Harriet por ter ido buscar Ben, nem nunca o fariam, ela sabia. A sua irmã Sarah apareceu com Amy e com Dorothy, a qual era agora o amparo de Amy no mundo. Mas os irmãos e irmãs de Amy haviam ficado com os seus outros primos, os filhos de Angela, e as crianças Lovatt perceberam que não iriam ter companhia nas férias por causa de Ben. Deborah esteve lá por pouco tempo. Casara-se e divorciara-se desde que a tinham visto pela última vez. Era uma rapariga cativa, elegante, cada dia mais esperta e desesperada; era uma boa tia para as crianças, de uma forma impulsiva e desajeitada, oferecendo-lhes presentes caros e inadequados. James também lá foi. Disse várias vezes que a casa era como um

grande pudim de frutas, mas apenas por amabilidade. Foram ainda uns primos adultos, já afastados, e um colega de David.

E onde estava Ben? Um dia, Harriet andava a fazer compras na cidade e ouviu o ruído de uma moto atrás dela. Virou-se e viu uma figura parecida com um *jockey* espacial, presumivelmente John, inclinada sobre os manípulos, e muito agarrada atrás dele uma criança anã: era o seu filho Ben, com a boca aberta numa expressão que parecia um cântico ou um grito de exultação. Ia frenético. Nunca o vira assim. Feliz? Era essa a palavra?

Harriet sabia que ele se tornara um bichinho de estimação ou uma mascote para aquele grupo de rapazes. Ela achava que o tratavam de uma forma rude, até mesmo bruta, chamando-lhe Dopey, Dwarfey, Alien Two, Hobbit e Gremlin. «Eh, Dopey, sai do caminho.» «Vai-me buscar um cigarro ao Jack, Hobbit.» Mas ele andava feliz. De manhã ficava à janela à espera que um deles o fosse buscar; se eles não aparecessem, se telefonassem a dizer que nesse dia era impossível irem, ele ficava cheio de raiva pela falta e batia com os pés, gritando pela casa fora.

Tudo isto custava muito dinheiro. John e o seu bando andavam a viver à grande às custas dos Lovatt. E não só, ultimamente às custas de James, o avô de Ben, pois David já fazia toda a espécie de trabalhos extra. Eles não tinham escrúpulos em fazer esticar a corda.

— Se quiser, hoje levamos o Ben até à praia.

— Oh, isso seria ótimo.

— Então são vinte libras... para a gasolina.

E as máquinas barulhentas partiam para a costa, apinhadas de rapazes e raparigas, e Ben ia com eles. Quando o devolviam, diziam:

— Foi mais caro do que pensávamos...

— Quanto?

— Mais vinte libras.

«É muito bom para ele», poderia dizer uma prima ao ouvir que Ben fora para a praia, como se isto fosse uma coisa normal, um rapazinho ser levado para uma paródia.

Ele regressava de um dia de segurança e felicidade com John e os seus companheiros, por quem era gozado e maltratado, mas aceite, e aproximava-se da mesa, onde estava a sua família, todos a olharem para ele, de rostos graves e cautelosos.

— Deem-me pão — dizia ele. — Deem-me biscoitos.

— Senta-te, Ben — diziam Luke ou Helen ou Jane, nunca Paul, naquele tom paciente, decente, que usavam com ele e que magoava Harriet.

Ele atirava-se energicamente para cima de uma cadeira e sentava-se para ser como eles. Sabia que não devia falar com a boca cheia, por exemplo, ou comer com a boca aberta. Obedecia cuidadosamente a estes imperativos, com os movimentos frenéticos dos seus maxilares escondidos pelos lábios fechados, esperando que a boca estivesse vazia para dizer:

— O Ben descer agora. O Ben quer ir cama.

Agora ele já não ficava no «quarto do bebé», mas no outro mais próximo do dos pais. (O «quarto do bebé» estava vazio.) Não podiam trancá-lo de noite, pois o som de uma chave a dar a volta ou o deslizar de uma trave faziam-no explodir aos gritos e aos pontapés de raiva. Mas a última coisa que as outras crianças faziam antes de se deitarem era trancar por dentro as portas dos seus quartos. Isto significava que Harriet não podia entrar para os ver antes de ir para a cama ou quando eles estavam doentes. Ela não gostava de lhes pedir que não trancassem as portas nem de fazer um grande caso por ter de chamar um

ferreiro para instalar fechaduras especiais que um adulto pudesse abrir do exterior com uma chave. Este facto de as crianças se fecharem por dentro fazia-a sentir-se excluída, para sempre escorraçada e repudiada por elas. Às vezes ia muito devagarinho até uma das portas e sussurrava para que a deixassem entrar; era admitida e havia um pequeno festival de beijos e abraços — mas estavam sempre a pensar em Ben, que também podia entrar... e várias vezes ele apareceu silenciosamente à ombreira da porta e ficou a olhar fixamente para aquela cena, que não podia compreender.

Harriet também gostaria de trancar a sua porta. David disse, a brincar, que um dia ainda o faria. Mais de uma vez ela acordou e viu Ben de pé no meio do quarto, mantendo-se silenciosamente na penumbra, olhando para eles. As sombras do jardim mexiam-se no teto, os espaços do grande quarto esvaziavam-se na obscuridade, e ali estava aquela criança duende, meio visível. A pressão daqueles seus olhos desumanos entrara no sono dela, acordando-a.

— Vai dormir, Ben — dizia ela suavemente, mantendo a voz baixa devido ao medo agudo que sentia.

O que estaria ele a pensar enquanto se especava ali a vê-los dormir? Queria fazer-lhes mal? Estaria a sofrer um desgosto qualquer que ela nem conseguia começar a imaginar, porque ele estava para sempre afastado da vulgaridade daquela casa e das suas pessoas? Queria talvez pôr os braços à volta dela, como os outros filhos, mas não sabia de que maneira o havia de fazer? Mas quando ela o rodeava com os seus braços não havia resposta, não havia calor; era como se ele não sentisse o toque dela.

Mas, no fim de contas, ele passava muito pouco tempo em casa.

— Não estamos muito longe de voltar outra vez à normalidade — dizia ela a David.

Dizia isto com esperança, desejando que ele a tranquilizasse. Mas ele apenas acenava com a cabeça e não olhava para ela.

Na verdade, aqueles dois anos antes de Ben ir para a escola não foram muito maus. Mais tarde, ela recordava-os com uma certa gratidão.

Quando Ben tinha cinco anos, Luke e Helen anunciaram que queriam ir para um colégio interno. Tinham treze e onze anos respetivamente. Claro que isto ia contra todas as convicções de Harriet e David; eles disseram-lhes; e disseram também que não tinham dinheiro para tal. Mas uma vez mais os pais tiveram de enfrentar o quanto os filhos percebiam, como discutiam e planeavam — e depois agiam. Luke já tinha escrito ao avô James, Helen à avó Molly. As propinas iam ser pagas.

Luke disse, no seu modo racional:

— Eles concordaram que seria melhor para nós. Sabemos que não podes fazer nada, mas nós não gostamos do Ben.

Isto aconteceu logo após uma manhã em que Harriet descera com Luke, Helen, Jane e Paul atrás dela e vira Ben a bater na mesa com uma galinha crua que tirara do frigorífico, o qual se encontrava aberto, o seu conteúdo todo espalhado pelo chão. Ben assaltara-o tomado de uma fúria qualquer que não conseguira controlar. Grunhindo de satisfação, rasgara a galinha crua em bocados com os dentes e as mãos, vibrando de força. Olhara para Harriet e para os irmãos por cima da carcaça retalhada e desmembrada e bufara. Depois Harriet vira a vitalidade dele abrandar enquanto lhe ralhava:

— Ben, seu mauzão!

Então ele pusera-se de pé em cima da mesa, saltara para o chão e encarara-a com os restos da galinha a baloiçarem numa mão.

— Pobre Ben com fome — choramingara ele.

Costumava chamar-se a si próprio «Pobre Ben». Teria ouvido alguém dizer isto? Teriam dito, no grupo de rapazes e raparigas, «Pobre Ben», e ele teria então percebido que se lhe ajustava? Seria isto o que pensava de si próprio? Se assim fosse, era uma janela para um Ben desconhecido, o que fazia partir o coração — partiu o coração de Harriet, para ser mais preciso.

As crianças não haviam comentado nada acerca desta cena. Tinham-se sentado à mesa para o pequeno-almoço, olhando umas para as outras, não para Harriet nem para Ben.

Não havia forma de evitar que Ben fosse para a escola. Ela já desistira de tentar ler com ele, brincar com ele, ensinar-lhe o que quer que fosse: ele não conseguia aprender. Mas ela sabia que as autoridades nunca reconheceriam isto, ou nunca dariam a perceber que reconheciam. Iriam dizer, e com razão, que ele sabia uma série de coisas que o tornavam um ser parcialmente social. Ele sabia factos. «Sinal verde: andar. Sinal vermelho: parar.» Ou: «Meio prato de batatas fritas, metade do preço de prato grande de batatas fritas.» Ou: «Fecha a porta porque está frio.» Ele cantarolava estas verdades, que lhe eram com certeza transmitidas por John, olhando para Harriet à espera de confirmação. «Come com a colher, não com os dedos.» «Agarra-te bem nas curvas.» Por vezes, Harriet ouvia-o cantar estes *slogans* à noite na cama, quando ele pensava nas delícias do dia seguinte.

Quando lhe disseram que tinha de ir para a escola, ele respondeu que não ia. Harriet disse-lhe que não havia outra

forma, que tinha mesmo de ir, mas que podia estar com John aos fins de semana e nas férias. Fúrias. Raivas. Desesperos. Urros de «Não! Não! Não!» A casa toda ressoava.

John foi convocado; chegou à cozinha com três membros do seu grupo. Instruído por Harriet, disse a Ben:

— Ouve lá, companheiro, ouve bem: tens de ir para a escola!

— Tu vais lá estar? — perguntou Ben.

Estava de pé junto aos joelhos de John, olhando confiante para cima, para a cara dele. Ou antes, a sua pose, a postura do seu rosto levantado, diziam que confiava em John, mas os seus olhos pareciam ter-se encolhido na cara com medo.

— Não, mas eu também andei na escola, quando tive de ir.

Então os quatro jovens riram-se; é claro que eles faltavam à escola, como faziam todos os do seu género. Para eles, a escola era irrelevante.

— Eu andei na escola. Aqui o Rowland andou na escola. O Barry e o Henry andaram na escola.

— É verdade! É verdade! — disseram todos, fazendo o seu papel.

— E eu andei na escola — disse Harriet.

Mas Ben não a ouviu: ela não contava.

Finalmente combinou-se que Harriet levaria Ben à escola de manhã e que John ficaria responsável por ir buscá-lo. Ben passaria as horas entre a saída da escola e a altura de ir para a cama com o bando.

«É para bem da família: para bem das crianças e para meu bem e de David», pensou Harriet. Embora lhe parecesse que ele ia cada vez mais tarde para casa.

Entretanto, a família — tal como ela sentia, como ela

via — havia-se desmembrado. Luke e Helen tinham ido para os respectivos colégios internos. Em casa haviam ficado Jane e Paul; andavam ambos na mesma escola de Ben, mas em classes mais adiantadas, e por isso não o viam muito. Jane continuou sólida, sensível, calma e tão capaz de se orientar como Luke ou Helen. Raramente ia para casa depois das aulas, mas sim para casa de amigos. Paul ia. Ficava sozinho com Harriet, e isto, pensava ela, era o que ele queria e precisava. Ele era exigente, desagradável, difícil, muitas vezes chorão. Onde estava aquela criancinha encantadora e deliciosa, o seu Paul, perguntava-se ela, enquanto ele rezingava e choramingava, agora um rapazinho de seis anos, magrizona, com grandes e suaves olhos azuis que olhavam frequentemente para o vazio ou pareciam protestar contra o que viam. Ele era demasiado magro. Nunca comeria como devia ser. Ela trazia-o da escola e tentava obrigá-lo a sentar-se e a comer, ou sentava-se ao pé dele lendo-lhe e contando-lhe histórias. Ele não conseguia concentrar-se. Vagueava sem parar e sonhava acordado; depois, ia ter com Harriet para lhe tocar ou subir para o colo dela como uma criança mais pequena, nunca apaziguado, calmo ou contente.

Ele não tivera a mãe na altura certa, o problema era esse, e todos sabiam que assim era.

Quando ouvia o barulho da moto que trazia Ben para casa, ele desatava a chorar ou a bater com a cabeça na parede de frustração.

Um mês depois de Ben ter entrado para a escola, e não tendo havido más notícias, Harriet foi perguntar ao professor como é que ele ia. E ouviu, para sua grande surpresa:

— É um bom rapazinho, esforça-se muito.

Perto do final do primeiro período, ela foi chamada à

escola, pelo telefone, pela diretora, a senhora Graves:

— Senhora Lovatt, será que podia...

Era uma mulher eficiente, sabia o que se passava na sua escola e que Harriet era a familiar responsável por Luke, Helen, Jane e Paul.

— Estamos um pouco atrapalhados — disse ela. — O Ben está a esforçar-se bastante, mas parece não se integrar com os outros. É difícil descobrirmos o que se passa.

Harriet sentou-se, esperando — como fizera, parecia-lhe, demasiadas vezes na curta vida de Ben — por uma espécie de conclusão de que o caso dele era mais do que uma dificuldade de adaptação.

Ela observou:

— Ele sempre foi uma criança difícil...

— A criança difícil da família? Bom, normalmente, há sempre uma, já muitas vezes reparei nisso — respondeu, afável, a senhora Graves.

Enquanto prosseguia esta conversa superficial, a sensibilizada Harriet estava a ouvir a outra, a conversa paralela que a existência de Ben exigia.

— Aqueles rapazes que vêm buscar o Ben... é um acordo pouco usual — sorriu a senhora Graves.

— Ele é uma criança pouco usual — retorquiu Harriet, olhando de forma dura para a diretora.

Esta abanou a cabeça mas não olhou para Harriet. Tinha a cara franzida, como se tivesse um pensamento perturbador a martelar-lhe a mente, requerendo atenção, mas não estava inclinada a dizer fosse o que fosse.

— Já alguma vez viu uma criança como o Ben? — perguntou Harriet.

Isto era um risco a que a diretora dissesse: «O que quer dizer com isso, senhora Lovatt?» E, de facto, a senhora Graves inquiriu:

— O que quer dizer com isso, senhora Lovatt? — Mas rapidamente, e para impedir que Harriet lhe respondesse, se esquivou, continuando: — Talvez seja hiperativo? Claro que é uma palavra que eu muitas vezes sinto que foge à questão. Dizer que uma criança é hiperativa não esclarece muito! Mas ele tem uma energia extraordinária! Não consegue estar quieto muito tempo... Bem, há muitas crianças que não conseguem. O professor dele acha que é um rapazinho merecedor, porque tenta bastante, mas tem de se esforçar mais com ele do que com os outros todos juntos... Bem, senhora Lovatt, estou contente por ter vindo, foi uma ajuda.

E, quando saiu, Harriet viu como a diretora a observava, com aquela inspeção longa e perturbadora que continha um constrangimento desconhecido, até mesmo horror, que fazia parte da «outra conversa» — a verdadeira.

Por volta do final do segundo período, telefonaram-lhe: poderia ela ir depressa, por favor? Ben tinha ferido alguém.

Aí estava o que ela sempre temera. Ben ficara louco de repente e atacara uma rapariga mais velha no recreio. Derrubara-a de tal forma que ela caíra pesadamente no asfalto, esfolando e magoando as pernas. Depois mordera-a e dobrara-lhe o braço para trás até o partir.

— Já falei com o Ben — disse a senhora Graves. — Ele não parece ter quaisquer remorsos. Até se chega a pensar que não sabe o que fez. Mas com a idade dele... afinal de contas já tem seis anos... deveria saber o que faz.

Harriet levou Ben para casa; iria buscar Paul mais tarde. Era Paul quem ela queria levar: o menino soubera do caso e estava histérico, gritando que Ben também o haveria de matar. Mas ela tinha de ficar sozinha com Ben.

Ben sentou-se em cima da mesa da cozinha, balançando as pernas, a comer pão com compota. Perguntara se John

iria ali buscá-lo. Era John quem ele queria.

Harriet disse-lhe:

— Tu hoje feriste a pobre Mary Jones. Porque é que fizeste isso, Ben?

Ele parecia não a ouvir, mas arrancava bocados de pão com os dentes e depois tragava-os.

Harriet sentou-se perto dele, de forma que ele não a ignorasse, e disse-lhe:

— Ben, lembras-te daquele sítio para onde foste na carrinha preta?

Ele ficou rígido. Lentamente, voltou a cabeça e olhou para ela. O pão que tinha na mão tremia, ele tremia. Lembrava-se, sim! Ela nunca havia feito isto — esperara não ter de o fazer nunca.

— Bem, então lembras-te, Ben?

Os seus olhos tinham uma expressão selvagem; podia ter saltado da mesa e corrido. Ele queria, mas olhava à volta para os cantos da cozinha, para as janelas, para as escadas, como se fosse ser atacado destes lugares.

— Agora ouve-me, Ben. Se tu alguma vez, *alguma vez*, fizeres novamente mal a alguém, vais ter de voltar para lá.

Ela mantinha os olhos fixos nos dele e esperava que ele não conseguisse perceber que dizia para si própria: «Mas eu nunca mais o vou mandar para lá, nunca mais!»

Ele estava sentado a tremer, como um cão frio e molhado, aos espasmos, e começou inconscientemente a fazer uma série de movimentos, vestígios das reações daquele tempo. Ergueu uma mão para proteger a cara e espreitou pelos dedos esticados, como se aquela mão pudesse protegê-lo; depois deixou cair a mão e voltou a cabeça vigorosamente, pressionando as costas da outra mão na boca, com os olhos fulgurantes de terror; por breves instantes mostrou os dentes para rosnar, mas depois

controlou-se; levantou o queixo, abriu a boca, e Harriet viu que ele podia ter emitido um longo uivo de animal. Era como se realmente ela tivesse ouvido esse uivo, o seu terror solitário...

— Ouviste-me, Ben? — perguntou ela suavemente.

Ele escorregou da mesa e cambaleou até às escadas, deixando atrás de si um fino rasto de urina. Ela ouviu a porta do quarto dele fechar-se e depois o grito de raiva e medo que ele estivera a suster.

Ela telefonou a John para o Betty's Caff. Ele veio logo, sozinho, conforme ela pedira.

Ele ouviu a história e subiu até ao quarto de Ben. Harriet ficou do lado de fora da porta a ouvir.

— Tu não sabes a força que tens, Hobbit, o problema é esse. Não se deve magoar as pessoas.

— Estás zangado com o Ben? Vais magoar o Ben?

— Quem é que está zangado? — respondeu John. — Mas se continuares a magoar as pessoas, elas depois fazem-te o mesmo.

— A Mary Jones vai magoar-me?

Um silêncio. John estava desorientado.

— Levas-me ao café contigo? Leva-me agora, leva-me daqui agora.

Ela ouviu John andar à procura de um par de calças lavadas, ouviu-o convencer Ben a vesti-las. Ela foi para a cozinha. John desceu as escadas com Ben, que se agarrava à mão dele. John piscou-lhe um olho e fez-lhe um sinal com o polegar para cima. Partiu com Ben na moto. Ela saiu para ir buscar Paul.

Quando pediu ao Dr. Brett para lhe marcar uma consulta num especialista, disse:

— Por favor, não me descreva como uma espécie de idiota histérica.

Levou Ben a Londres. Deixou-o ao cuidado da enfermeira da Dra. Gilly. Esta médica gostava de ver primeiro a criança sem os pais. Parecia sensato. «Talvez ela seja sensata», pensou Harriet, sentada sozinha a beber café numa pequena pastelaria ali perto; e depois interrogou-se: «O que é que eu quero dizer com isto? Do que é que eu estou à espera desta vez?» O que ela queria, concluiu, era que *finalmente* alguém utilizasse as palavras certas, partilhasse o seu fardo. Não, ela não esperava ser salva, ou que qualquer coisa se alterasse. Queria que lhe dessem razão, que dessem valor à sua situação.

Bem, seria isso possível? Em conflito, meio desejando apoio meio cínica («Olha lá, o que é que esperavas?»), voltou, encontrando Ben com a enfermeira numa pequena sala da zona de espera. Com as costas encostadas à parede, Ben observava todos os movimentos da enfermeira, tal como um animal desconfiado. Quando viu a mãe, correu para ela e escondeu-se atrás dela.

— Bem — disse a enfermeira, mordaz —, não há necessidade disso, Ben.

Harriet disse a Ben que se sentasse e esperasse por ela: ela ia voltar logo. Ele foi para trás de uma cadeira, alerta, com os olhos na enfermeira.

Depois, Harriet encontrou-se sentada em frente de uma profissional esperta a quem tinham dito — estava Harriet convencida — que ela era uma mãe preocupada sem razão que não conseguia dar-se com o quinto filho.

A Dra. Gilly disse:

— Vou diretamente ao assunto, senhora Lovatt. O problema não reside no Ben, mas em si. Não gosta lá muito dele.

— Oh, meu Deus — explodiu Harriet —, outra vez não! Parecia rabugenta, choramingona. Observou a Dra.

Gilly, reparando na reação dela.

— Foi o doutor Brett quem lhe disse isso — disse ela. — E agora diz-mo a mim.

— E a senhora acha que é falso? Primeiro, devo dizer-lhe que a culpa não é sua. E depois não é invulgar. Não podemos escolher o que nos sai na lotaria... e é isso o que é ter um bebé. Feliz ou infelizmente, não podemos escolher. A primeira coisa que tem a fazer é não se culpar.

— Eu não me culpo — disse Harriet. — Embora não espere que acredite. Mas é uma piada de mau gosto. Sinto que tenho sido culpada por causa do Ben desde que ele nasceu. Sinto-me como uma criminosa. Sempre me fizeram sentir como uma criminosa.

Durante esta queixa — em tom agudo, pois Harriet não conseguiu mudar a voz — derramaram-se anos de amargura. Entretanto, a Dra. Gilly estava sentada à secretária a olhar para ela.

— É realmente extraordinário! Nunca ninguém me disse, ninguém, nem nunca: «Como conseguiste tão bem ter quatro filhos maravilhosos, normais, espertos e bonitos! São um motivo de orgulho para ti. Muito bem, Harriet!» Não lhe parece estranho que nunca ninguém tenha dito nada? Mas em relação a Ben... sou uma criminosa!

A Dra. Gilly inquiriu, depois de uma pausa para analisar o que Harriet dissera:

— Você não suporta o facto de o Ben não ser inteligente, pois não?

— Oh, meu Deus — explodiu Harriet violentamente. — O que é que interessa?

As duas mulheres olharam uma para a outra. Harriet suspirou, deixando a violência acalmar; a médica estava zangada, mas não o demonstrava.

— Diga-me — pediu Harriet —, está a afirmar que o

Ben é uma criança perfeitamente normal em todos os sentidos? Que não tem nada de estranho?

— Está dentro dos limites da normalidade. Não é muito bom na escola, segundo me disseram, mas muitas vezes as crianças retardadas conseguem recuperar mais tarde.

— Não posso acreditar — exclamou Harriet. — Olhe, vamos fazer uma coisa (oh, sim, está bem, faça troça de mim)! Peça à enfermeira que traga cá o Ben!

A Dra. Gilly refletiu sobre isto e depois falou para o intercomunicador.

Elas ouviram Ben a gritar «Não! Não!» e a voz persuasiva da enfermeira.

A porta abriu-se. Ben apareceu: fora empurrado para dentro da sala pela enfermeira. A porta fechou-se atrás dele, e ele encostou-se-lhe, fitando a médica com os olhos muito abertos.

Ele ficou com os ombros arqueados para a frente e os joelhos dobrados, como se estivesse pronto a saltar para um lado qualquer. Era uma figurinha atarracada e corpulenta, com uma cabeça grande, o cabelo amarelo hirsuto e rude crescendo do alto da cabeça até à parte mais baixa da testa estreita e forte. Tinha um nariz achatado e bojudo virado para cima. A boca era carnuda e ondulada. Os olhos eram como pedaços de pedra bruta. Pela primeira vez, Harriet pensou: «Mas ele não parece ter seis anos, parece muito mais velho. Quase se podia considerá-lo um pequeno homenzinho e não uma criança.»

A médica olhou para Ben. Harriet observava ambos. Então a médica disse:

— Muito bem, Ben, vai lá para fora outra vez. A tua mãe vai ter contigo daqui a um minuto.

Ben estava petrificado. A Dra. Gilly falou novamente para o seu intercomunicador; a porta abriu-se, e Ben foi

arrastado para fora, rosnando.

— Diga-me, doutora Gilly, o que é que viu?

A pose da Dra. Gilly era de desconfiança, de ofensa; estava a calcular o tempo que faltava para o fim da consulta. Não respondeu.

Harriet disse, sabendo que era inútil, mas porque queria que fosse dito, ouvido:

— Ele não é humano, pois não?

De repente, inesperadamente, a Dra. Gilly permitiu que o que estava a pensar fosse exprimido. Soergueu-se, suspirou profundamente, pôs as mãos na cara e deixou-as escorregar, ficando de olhos fechados, com os dedos nos lábios. Era uma mulher de meia-idade, bonita, com pleno controlo das suas ações, mas por um breve instante revelou uma perturbação não permitida, ilegítima, parecendo fora de si, até mesmo tonta.

Depois decidiu repudiar aquilo que Harriet sabia ter sido um momento de verdade. Deixou cair as mãos e disse, trocista:

— De outro planeta? Do espaço?

— Não. Viu-o, não viu? Como é que sabemos que tipos de pessoas (raças, quero dizer), criaturas diferentes de nós, viveram neste planeta, no passado? Não sabemos ao certo, pois não? Como é que sabemos que os anões, ou os duendes, ou os gnomos, esse género de coisas, não existiram realmente?, e que é por isso que contamos histórias acerca deles... Existiram mesmo, antigamente... Como é que sabemos que não existiram?

— Acha que o Ben é uma reversão de um ancestral? — inquiriu a Dra. Gilly gravemente.

Parecia bastante preparada para discutir a ideia.

— Parece-me óbvio — respondeu Harriet.

Outro silêncio. A Dra. Gilly examinou as suas mãos bem

cuidadas. Suspirou. Depois ergueu os olhos, encontrando os de Harriet, e disse:

— Se é assim, então o que é que espera que eu faça?

Harriet insistiu:

— Quero que seja *dito*. Quero que seja reconhecido. Só não consigo suportar o facto de nunca ter sido dito.

— Não vê que isso fica completamente fora da minha competência? Isto é, no caso de ser verdade. Quer que lhe dê uma carta para o jardim zoológico? «Ponham esta criança numa jaula!» Ou que o entregue à ciência?

— Oh, meu Deus — exclamou Harriet —, claro que não. Silêncio.

— Obrigada, doutora Gilly — disse Harriet, acabando a consulta da forma habitual e levantando-se. — Estaria disposta a dar-me uma receita para um sedativo bem forte? Há alturas em que não consigo controlar o Ben e preciso de ter qualquer coisa para me ajudar.

A médica escreveu. Harriet agarrou na folha de papel. Agradeceu à Dra. Gilly. Disse adeus. Dirigiu-se para a porta e olhou para trás. Na cara da médica viu o que já esperava: um sombrio olhar fixo que refletia o que a mulher estava a sentir, que era horror pelo desconhecido, rejeição normal daquilo que estava para além dos limites humanos. Horror por Harriet, que trouxera Ben ao mundo.

Ela encontrou Ben sozinho na pequena sala de espera, encostado a um canto, imóvel, sem pestanejar, a fixar a porta por onde ela entrara. Estava a tremer. Pessoas de uniformes brancos, batas brancas, em salas com cheiro a remédios... Harriet percebeu que, sem querer, reforçara as suas ameaças: «Se te portares mal...»

Ele estava submisso. Manteve-se ao pé dela, não como uma criança com a mãe, mas como um cão assustado.

Agora, todas as manhãs, ela dava-lhe uma dose do

sedativo; este, porém, não lhe fazia muito efeito. Mas ela esperava que o atordoasse até ao fim das aulas, e depois ele já podia rugir com John na moto.

Depois chegou o fim do seu primeiro ano de escola. Isto significava que todos podiam continuar a fingir que não havia nada de muito anormal, que ele era apenas uma criança «difícil». Ele não estava a aprender nada, mas também havia muitas crianças que não: punham-nas na escola na altura devida e era tudo.

Nesse Natal, Luke escreveu a dizer que queria ir para casa dos avós, que estavam algures na costa sul de Espanha; e Helen foi para casa da avó Molly, em Oxford.

Dorothy foi lá passar o Natal, mas apenas ficou três dias. Levou Jane de volta com ela, pois Jane adorava Amy, a pequenina mongoloide.

Ben passou o tempo todo com John. Harriet e David — quando este estava em casa, pois trabalhava cada vez mais — ficaram com Paul durante as férias de Natal. Paul ainda era mais difícil do que Ben. Mas era uma criança «normalmente» perturbada, não um estranho.

Paul passava horas a ver televisão. Fazia disto o seu escape, olhando sem descanso para o aparelho e andando ao mesmo tempo de um lado para o outro, e comia, comia — mas nunca aumentava de peso. Dentro dele parecia haver uma boca insaciável que dizia: «Alimentem-me! Alimentem-me!» Cada pedaço dele suplicava — mas o quê? Os braços da mãe não o satisfaziam, era muito inquieto para lá ficar. Gostava de estar com David, mas nunca por muito tempo. Era a televisão que o sossegava. Guerras e tumultos; mortes e assaltos; assassínios e roubos e raptos... Os anos 80, os bárbaros anos 80 tomavam o seu rumo, e Paul sempre escarrapachado em frente do aparelho, ou vagueando pela sala, comendo e olhando — sendo

alimentado, segundo parecia.

Os padrões da família tinham sido delineados: e assim seria o futuro.

Luke ia sempre durante as férias escolares para casa do avô James, com quem «se dava» muito bem. Gostava da avó Jessica, que era muito divertida, dizia ele. A tia Deborah também era divertida: as suas tentativas e falhas matrimoniais eram como uma história por episódios apresentados comicamente. Luke estava a viver com os ricos e a progredir; por vezes, James levava-o a ver os pais, pois este simpático homem estava infeliz com o que se passava naquela casa desventurada e sabia que David e Harriet ansiavam pelo seu filho mais velho. Eles visitavam-no na escola aquando das competições desportivas; e por vezes Luke ia a casa por meios períodos.

Helen estava contente em casa de Molly. Vivia no quarto onde outrora o seu pai tivera o verdadeiro lar. Era a favorita do velho Frederick. Também ela, por vezes, ia a casa por meios períodos.

Jane pedira a Dorothy que convencesse Harriet e David, pois queria viver com Dorothy, a tia Sarah, os três primos saudáveis e a pobre Amy. E assim foi. Dorothy levava Jane algumas vezes lá a casa, e os pais percebiam que ela tinha «falado» com Jane para que fosse amável com eles, e nunca, nunca criticar Ben.

Paul permaneceu em casa: estava lá muito mais tempo do que Ben.

David disse a Harriet:

— O que é que vamos fazer com o Paul? — O que é que podemos fazer?

— Ele precisa de um tratamento qualquer. Um psiquiatra...

— Qual é o bem que isso lhe vai fazer?

— Ele não está a aprender nada, anda numa autêntica confusão. Está pior do que o Ben! Pelo menos o Ben é o que é, o que quer que isso seja, e não me parece que queira saber. Mas o Paul...

— E como é que vamos pagar isso?

— Eu pago.

David acumulava agora um *part-time* a dar aulas numa escola politécnica com a sua já pesada carga de trabalho, e raramente estava em casa. Se ia a casa durante a semana, chegava já tarde, à noite, e caía na cama a dormir, exausto.

Paul foi «falar com uma pessoa», tal como lhe foi dito.

Ia quase todas as tardes depois da escola. Isto foi um êxito. O psiquiatra era um homem de quarenta anos, com uma boa família e uma casa agradável. Paul ficava lá para jantar, e até ia brincar com as crianças mesmo quando não tinha consulta para falar com o médico.

Por vezes, Harriet ficava todo o dia sozinha naquele grande casarão até Paul chegar, por volta das sete, para ver televisão — e Ben também, embora a sua forma de ver televisão fosse diferente; a sua atenção era captada imprevisivelmente pelo ecrã, não obedecendo a qualquer padrão que Harriet pudesse ver, e em geral por apenas um minuto ou dois.

Os dois rapazes odiavam-se.

Uma vez, Harriet encontrou Paul num canto da cozinha, todo esticado na ponta dos pés, tentando escapar às mãos de Ben, que estavam a chegar-lhe ao pescoço. O pequeno Ben poderoso; o alto Paul aranhão — se Ben quisesse, podia matar Paul. Harriet pensou que Ben estava só a tentar assustar Paul, mas este estava histérico. Ben arreganhava os dentes vingativamente, em triunfo total.

— Ben! — disse Harriet. — Ben, para baixo! — Era como se falasse com um cão, advertindo-o. — Para baixo,

Ben, para baixo!

Ele voltou-se bruscamente, viu-a, deixou cair as mãos. Ela pôs no olhar a ameaça que já usara, o poder que tinha sobre ele: as suas recordações do passado.

Ele rangeu os dentes e rosnou.

Paul gritou, rebentando de terror. Subiu a correr pelas escadas acima, escorregando e caindo, para fugir ao horror que era Ben.

— Se mais alguma vez fizeres isso... — ameaçou Harriet.

Ben foi devagar até à mesa grande e sentou-se. Estava a pensar, achou ela. «Se mais alguma vez fizeres isso, Ben...» Ele ergueu os olhos para ela. Estava a calcular, podia ela ver. Mas o quê? Aqueles olhos frios, desumanos... O que via ele? As pessoas assumiam que via o mesmo que elas, que via um mundo humano. Mas talvez os seus sentidos acumulassem factos e informações bastante diferentes. Como é que alguém podia saber? O que é que ele estava a pensar? Como é que se via a si próprio?

«Pobre Ben», dizia ele ainda algumas vezes.

Harriet não contou este incidente a David. Sabia que ele estava no limite do que podia aguentar. E o que é que ela ia dizer? «Hoje o Ben tentou matar o Paul!» Isto já ultrapassava em muito o que eles tinham planeado para si próprios. Estava para além do permissível. Além disso, ela não acreditava que Ben estivesse a tentar matar Paul: demonstrava apenas o que podia fazer se quisesse.

Ela disse a Paul que Ben não estava de maneira nenhuma a tentar fazer-lhe mal, mas apenas a assustá-lo. Pensou que Paul tinha acreditado nela.

Dois anos antes de Ben ter de deixar a escola onde não aprendera nada, mas pelo menos não magoara ninguém, John foi lá a casa dizer que ia sair da vida deles. Arranjara

um lugar de aprendizagem de profissão em Manchéster. Ele e três dos seus companheiros.

Ben estava lá, a ouvir. John já lho dissera, no Betty's Caff, mas ele não entendera ainda. John foi de propósito dizer isto a Harriet, com Ben presente, de forma que Ben pudesse aceitar.

— Porque é que eu também não posso ir? — perguntou Ben.

— Porque não podes, pá. Mas quando eu vier ver o meu pai e a minha mãe, venho ver-te a ti também.

— Mas porque é que eu também não posso ir? — insistiu Ben.

— Porque eu também vou estar na escola, não aqui, mas longe, muito, muito longe.

Ben ficou hirto. Assumiu a sua pose rígida e curvada, de punhos para a frente. Cerrou os dentes, e os olhos ficaram malévolos.

— Ben — disse Harriet, usando a sua voz especial. — Ben, pára com isso.

— Vá lá, Hobbit — disse John, pouco à vontade mas delicadamente. — Não pode ser de outra maneira. Alguma vez hei de sair de casa, não é?

— O Barry também vai? E o Rowland? E o Henry?

— Sim, vamos nós os quatro.

Repentinamente, Ben correu para o jardim, onde começou a dar pontapés no tronco de uma árvore, deixando escapar guinchos de raiva.

— É melhor na árvore do que em mim — comentou John.

— Ou em mim — acrescentou Harriet.

— Lamento — disse John —, mas é assim.

— Nem consigo imaginar o que teria sido de nós sem si — agradeceu Harriet.

Ele acenou com a cabeça, sabendo que era verdade.

E assim John saiu da vida deles para sempre. Ben estivera com ele quase todos os dias desde que fora resgatado da clínica.

Foi difícil para Ben. Ao princípio, não acreditava. Quando Harriet chegava à escola para o ir buscar, e às vezes a Paul também, ele estava junto ao portão, fixando a estrada por onde John costumava aparecer gloriosamente na sua moto. Ia com relutância para casa, sentando-se no canto do banco de trás oposto ao de Paul, no caso de este não estar no psiquiatra, e os seus olhos perscrutavam as ruas à procura de sinais dos amigos perdidos. Mais de uma vez, quando não estava em lado nenhum da casa, Harriet encontrava-o no Betty's Caff, sentado sozinho a uma mesa, com os olhos na porta por onde eles poderiam aparecer. Certa manhã, na rua, um membro menor do grupo de John estava ao pé da montra de uma loja, e Ben, gritando de prazer, correu para ele; mas o jovem disse casualmente: «Olha, é o Dumbo! Olá, Dopey!», e voltou-se. Ben ficou transfigurado, sem acreditar, de boca aberta, como se tivesse recebido um murro. Levou muito tempo a compreender. Assim que chegava a casa com Harriet e Paul saía novamente, correndo para o centro da cidade. Ela não o seguia. Ele havia de voltar! Não tinha para onde ir; e ela gostava sempre de ficar sozinha com Paul — quando Paul lá estava.

Uma vez, Ben entrou a cambalear em casa, na sua corrida pesada, e mergulhou debaixo da mesa grande. Apareceu uma mulher-polícia, que disse a Harriet:

— Onde é que está esse miúdo? Ele está bem?

— Está debaixo da mesa — respondeu Harriet.

— Debaixo da... mas para quê? Eu só queria ter a certeza de que ele não andava perdido. Que idade tem ele?

— É mais velho do que parece — disse Harriet. — Sai daí, Ben, está tudo bem.

Ele não saía: estava de gatas, de frente para o lugar onde se encontrava a mulher-polícia, a olhar para os seus sapatos pretos, limpos e brilhantes. Estava a lembrar-se de que uma vez alguém num carro o tinha capturado e levado: uniformes, o aroma do oficialismo.

— Bem — disse a mulher-polícia —, uma pessoa até pensaria que eu era uma raptora de crianças! Se fosse eu não o deixava andar a correr assim. Ainda pode ser raptado.

— Não tenho essa sorte — gracejou Harriet, imitando perfeitamente a mãe alegre e compincha. — É mais provável que seja ele a raptá-los.

— É desses, então?

E a mulher-polícia foi-se embora, rindo.

David e Harriet estavam deitados lado a lado na sua cama de casal, luzes apagadas, a casa silenciosa. Dois quartos mais além, Ben dormia — esperavam eles. Quatro quartos mais além, ao fim do corredor, Paul dormia do lado de lá de uma porta trancada. Era tarde, e Harriet sabia que dentro de um minuto ou dois David adormeceria. Havia um espaço entre eles, mas já não era um espaço cheio de irritação. Harriet sabia que ele estava demasiado permanentemente exausto para estar irritado. De qualquer forma, ele decidira não se irritar: andava a dar cabo dele. Ela sabia sempre o que ele estava a pensar; muitas vezes, ele respondia em voz alta aos pensamentos dela.

Às vezes faziam amor, mas ela sentia, e sabia que ele sentia, que eram os fantasmas da jovem Harriet e do jovem David que se enlaçavam e beijavam.

Era como se a tensão da sua vida lhe tivesse arrancado uma camada de carne — não de carne autêntica, mas

talvez de substância metafísica, invisível e insuspeitada até que desaparecera. E David, trabalhando da maneira que o fazia, perdera a sua parte que era o homem da família. Os seus esforços haviam-no transformado num homem de sucesso na firma, e depois tinham-lhe granjeado um trabalho muito melhor numa outra. Mas agora era aí que se encontrava o seu centro: os acontecimentos têm a sua lógica própria. Ele era agora o género de homem que em tempos decidira nunca ser. James já não sustentava a família; só pagava as coisas de Luke. A candura, a abertura que viera da confiança obstinada que David tinha em si próprio fora sobreposta por esta nova autoconfiança. Harriet sabia que, se encontrasse David pela primeira vez agora, pensaria que era um homem duro. Mas ele não era duro. A rocha que ela sentia dentro dele era resistência. Ele sabia como manter-se firme. Ainda eram parecidos.

No dia seguinte, que era um sábado, David ia assistir a um jogo de críquete na escola de Luke. Harriet ia visitar Helen à escola: ela entrava numa peça de teatro. Dorothy ia chegar de manhã para deixar que os dois se escapassem no fim de semana. Jane não iria com ela, pois estaria em casa de uma amiga da escola, numa festa que não queria perder.

Paul ia com o pai visitar o irmão.

Ben ficaria sozinho com Dorothy, que já não o via há um ano.

Harriet não ficou surpreendida quando David disse:

— Achas que a Dorothy percebe que o Ben é muito mais velho do que parece?

— Devemos avisá-la?

— Mas ela percebe tudo ao fim de cinco minutos... Um silêncio. Harriet sabia que David estava quase a dormir. Ele ergueu-se para dizer:

— Harriet, já te ocorreu que dentro de dois anos o Ben

já é um adolescente? Será um ser sexual?

— Sim, já pensei nisso. Mas os tempos dele não são os nossos.

— Achas que os da espécie dele tiveram algo parecido com a adolescência?

— Como é que havemos de saber? Talvez não fossem tão sexuais como nós. Alguém disse que éramos ultrassexuados... Quem foi? Sim, foi Bernard Shaw.

— De qualquer maneira, a ideia de um Ben sexual assusta-me.

— Há muito tempo que não faz mal a ninguém.

Depois do fim de semana, Dorothy disse a Harriet:

— Será que o Ben alguma vez pergunta a si próprio porque é que é tão diferente de nós?

— Como é que podemos saber? Eu nunca soube o que ele pensava.

— Talvez ele pense que há outros da sua espécie algures.

— Talvez...

— Desde que não seja uma fêmea da mesma espécie!

— O Ben faz lembrar... todos aqueles povos diferentes que outrora viveram na Terra... Devem estar algures dentro de nós...

— Todos prontos a saltar! Mas talvez não nos apercebamos deles quando isso acontece — disse Dorothy.

— Porque não queremos — comentou Harriet.

— Eu de certeza que não quero — respondeu Dorothy.

— Nunca depois de ter visto o Ben... Harriet, tu e o David já se deram conta de que ele já não é uma criança? Nós tratamo-lo como tal, mas...

Aqueles dois anos antes de Ben poder ir para a escola secundária foram maus para ele. Estava solitário, mas sabia que estava? Harriet estava muito solitária, e sabia que

estava...

Tal como Paul, quando se encontrava em casa, agora era Ben que ia logo para a frente da televisão quando chegava da escola. Por vezes, ficava a vê-la desde as quatro horas da tarde até às nove ou dez da noite. Não parecia gostar mais de um programa do que de outro. Não percebia que alguns dos programas eram para crianças e outros para adultos.

— Qual era a história do filme, Ben?

— História...

Ele tentava a palavra, com a sua voz grossa e desajeitada. E os seus olhos fitavam a cara dela para descobrir o que ela queria.

— O que é que aconteceu no filme, naquele que acabaste de ver?

— Carros grandes — dizia ele. — Uma moto. A rapariga a chorar. Carro atrás do homem.

Uma vez, para ver se Ben aprendia com Paul, ela perguntou a este:

— Qual era a história do filme?

— Era sobre assaltantes de bancos, não era? — disse Paul, cheio de desdém pelo estúpido Ben, que ouvia com os seus olhos passando da cara da mãe para a do irmão. — Eles planearam roubar o banco através de um túnel. Quase chegaram ao cofre, mas a polícia apanhou-os numa armadilha. Foram para a prisão, mas a maior parte deles fugiu. Dois deles foram mortos pela polícia.

Ben ouvira cuidadosamente.

— Contas-me a história do filme, Ben?

— Assaltantes de bancos — disse Ben.

E repetiu o que Paul dissera, gaguejando à procura exatamente das mesmas palavras.

— Mas isso foi só porque eu lhe disse — refilou Paul.

Os olhos de Ben chamejavam, mas ficavam frios quando dizia para si próprio — supunha Harriet «Não posso fazer mal a ninguém. Se fizer, levam-me para aquele lugar.» Harriet sabia tudo o que Paul pensava, sentia. Mas para Ben... tinha de tentar adivinhar.

Seria que Paul podia ensinar Ben, sem que nenhum deles soubesse?

Ela lia uma história aos dois e pedia a Paul que repetisse a história. Depois Ben copiava Paul. Mas poucos minutos depois já a esquecera.

Ela fazia com Paul jogos como o jogo da Glória ou o Loto, e Ben via; e depois, quando Paul estava com a sua outra família, ela convidava Ben a tentar. Mas ele não conseguia perceber a lógica do jogo.

No entanto, via certos filmes várias vezes e nunca se cansava deles. Tinham alugado um vídeo. Ele adorava filmes musicais: *Música no Coração*, *West Side Story*, *Oklahoma*, *Cats*.

Quando Harriet lhe perguntava:

— O que é que se está a passar agora, Ben? — Agora ela vai cantar — dizia-lhe ele. Ou:

— Vão dar voltas a dançar e depois ela vai cantar. Ou:

— Vão fazer mal àquela rapariga. A rapariga fugiu. Agora é uma festa.

Mas não conseguia contar a história do filme.

— Canta aquela canção, Ben. Canta para mim e para o Paul.

Mas ele não era capaz. Gostava da canção, mas só conseguia emitir um rugido áspero, não musical.

Harriet deu com Paul a fazer pouco de Ben: pedindo-lhe que cantasse uma canção e depois escarnecendo dele. Harriet viu a fúria brilhar nos olhos de Ben e disse a Paul para nunca mais fazer aquilo.

— Porque não? — gritou Paul. — Porque não? É sempre o Ben, o Ben, o Ben...

Bateu com os braços em Ben. Os olhos deste relampejaram. Estava prestes a saltar sobre Paul...

— Ben — avisou Harriet.

A ela parecia-lhe que estes esforços que fazia para o humanizar o arrastavam para dentro de si mesmo, onde ele... mas o quê?, recordava?, sonhava?, a sua espécie.

Uma vez, quando sabia que ele estava em casa mas não conseguia encontrá-lo, subiu aos vários andares procurando nos quartos. O primeiro andar ainda era habitado por ela, David, Ben e Paul, embora três dos quartos estivessem vazios, com as camas sempre prontas, almofadas frescas espalhadas e roupa lavada. O segundo andar tinha os seus quartos vazios e limpos. O terceiro andar: quanto tempo desde que as vozes das crianças, os seus risos, enchiam este andar e se espalhavam pelas janelas abertas por todo o jardim? Mas Ben não estava em nenhum daqueles quartos. Ela foi silenciosamente até ao sótão. A porta estava aberta. Através da alta claraboia infiltrava-se um retângulo distorcido de luz, e dentro dele estava Ben, fixando a ténue luz do Sol. Ela não conseguia imaginar o que ele queria, o que ele sentia... Ele ouviu-a, e então ela viu o Ben que aquela vida que ele tinha de levar mantinha submetido: de um salto ele passara para o escuro, para um canto dos beirais, e desaparecera. Tudo o que ela conseguia ver era a escuridão de um sótão que parecia sem limites. Não ouvia nada. Ele estava agachado ali, olhando fixamente para ela... Sentiu os cabelos a levantarem-se, sentiu arrepios — instintivos, pois racionalmente não tinha medo dele. Estava rígida de terror.

— Ben — disse ela suavemente, embora a voz lhe tremesse. — Ben...

Ela punha nesta palavra o seu apelo humano sobre ele, naquele sítio selvagem e perigoso onde ele regressara a um passado muito distante que não conhecia seres humanos.

Nenhuma resposta. Nada. Uma erupção de sombra atenuou momentaneamente a luz fina e suja por baixo da claraboia: tinha passado um pássaro, no seu caminho de uma árvore para outra.

Ela desceu e sentou-se fria e sozinha na cozinha a beber chá quente.

Um pouco antes de Ben ir para a moderna escola secundária local, a única que evidentemente o aceitava, houve umas férias de verão quase como as do passado. As pessoas tinham escrito umas às outras, tinham telefonado: «Aqueles coitados, vamos lá, pelo menos uma semana...» «Coitado do David...» Era sempre assim, Harriet sabia. Às vezes, raramente: «Coitada da Harriet...» Com mais frequência: «Harriet irresponsável, Harriet egoísta, Harriet maluca...»

Que não tinha deixado que Ben fosse assassinado, defendia-se ela com todas as forças, mas em pensamento, nunca em voz alta. Por tudo o que eles — a sociedade a que ela pertencia — defendiam, em que acreditavam, ela não tinha outra alternativa senão trazer Ben de volta daquele lugar. Mas porque o fizera, e o salvara da morte, destruíra a sua família. Prejudicara a sua vida... a de David... a de Luke, Helen, Jane... e a de Paul. Paul, o pior.

Os seus pensamentos encalhavam neste círculo.

David continuava a dizer que ela, pura e simplesmente, não devia ter lá ido... Mas como é que ela podia *não* ter ido, sendo Harriet? E, se não tivesse ido, ela acreditava que David o teria feito.

Um bode expiatório. Ela era o bode expiatório: Harriet,

a destruidora da família.

Mas outra corrente de pensamentos, ou sentimentos, deslizava mais profundamente. Ela disse a David:

— Estamos a ser castigados, é tudo.

— Por causa de quê? — perguntou ele, já a defender-se, porque havia um tom na voz dela que ele odiava.

— Por arrogância. Por pensarmos que poderíamos ser felizes. Felizes porque *nós* decidimos que iríamos ser.

— Que disparate — exclamou ele, irritado; aquela Harriet irritava-o. — Foi um acaso. Qualquer pessoa podia ter tido o Ben. Foi um gene accidental, é tudo.

— Não acho — persistiu ela, obstinadamente. — Nós vamos ser felizes! Ninguém o é, ou pelo menos eu nunca encontrei ninguém, mas nós vamos ser. E assim lá caiu o raio!

— Pára com isso, Harriet! Não sabes a que é que levam esses pensamentos? A massacres e castigos, feitiçarias queimadas e deuses irados!

Ele estava a gritar com ela.

— E bodes expiatórios — disse Harriet. — Não te esqueças dos bodes expiatórios.

— Deuses vingativos, de há milhares de anos — concordou ele acalorado, profundamente perturbado, como ela podia ver. — Deuses castigadores, distribuindo punições por insubordinação...

— Mas quem éramos *nós* para decidirmos que íamos ser isto ou aquilo?

— Quem? *Nós* éramos a Harriet e o David. *Nós* aceitámos a responsabilidade daquilo em que acreditávamos e fizemo-lo. E depois... pouca sorte. É tudo. Facilmente podíamos ter conseguido. Podíamos ter tido o que planeámos. Oito filhos nesta casa e toda a gente feliz... Bem, tanto quanto possível.

— E quem é que pagava isso? O James. E a Dorothy, de uma forma diferente... Olha, estou só a apontar factos, David, não estou a criticar-te...

Mas há muito tempo que isto deixara de ser um ponto para David, que disse:

— O James e a Jessica têm tanto dinheiro que não teriam dado pela falta de três vezes mais. De qualquer modo, eles adoravam fazer isso. E a Dorothy... queixava-se de ser usada mas tem sido a ama da Amy desde que se fartou de nós.

— Só queríamos ser melhores do que os outros todos, foi isso. Pensávamos que éramos.

— Não, isso é como agora dás a volta. Tudo o que queríamos era sermos nós próprios.

— Oh, só isso — disse Harriet, aérea, desdenhosa.

— Só isso.

— Sim. Não faças isso, Harriet, pára... Se não parares, se tiveres de o fazer, então deixa-me fora disso. Não vou ser arrastado de volta para a Idade Média.

— Foi para aí que fomos arrastados?

Molly e Frederick foram, levando Helen. Eles não tinham perdoado, nem perdoariam Harriet, mas Helen precisava de ser levada em conta. Ia bem na escola, uma rapariguinha de dezasseis anos, atraente e autossuficiente. Mas fria, distante.

James levou Luke, um rapaz esbelto, com dezoito anos, tranquilo, seguro, firme. Queria ser construtor de barcos, como o avô. Era atento, observador, como o pai.

Dorothy foi com Jane, que tinha catorze anos. Não era intelectual, mas «não era pior por isso», como insistia Dorothy. Dizia «Eu nunca consegui passar um exame.» O «e olhem para mim» não era pronunciado, mas Dorothy desafiava-os simplesmente com a sua presença; esta já não

era tão boa como fora, pois ela estava muito magra ultimamente e sentava-se bastante.

Paul, com onze anos de idade, era histriônico, histérico, sempre a chamar a atenção. Falava muito acerca da nova escola, com aulas durante todo o dia, que ele detestava. Queria saber porque é que não podia ir para um colégio interno como todos os outros. David disse, antecipando-se a James com um olhar orgulhoso, que haveria de pagá-lo.

— É claro que já é altura de venderem esta casa — comentou Molly.

Mas o que estava a dizer à sua nora egoísta era:

«E depois o meu filho já pode deixar de se matar a trabalhar para ti.»

David aproximou-se rapidamente para apoiar Harriet:

— Concorde com a Harriet, não devemos vender ainda a casa.

— Bem, o que é que vocês acham que vai mudar? — perguntou Molly, fria. — De certeza que não é o Ben!

Mas, a sós, David disse uma coisa diferente. Gostaria de vender a casa.

— A questão é ficar numa casa pequena com o Ben. Só de pensar nisso... — disse Harriet.

— Não teria de ser uma casa pequena. Mas é preciso ter o tamanho de um hotel?

David sabia que mesmo agora, embora fosse palermice, ela não conseguia finalmente desistir do sonho de voltar a ter a vida antiga.

Depois essas férias acabaram. Foram um êxito, na sua globalidade, pois toda a gente se esforçara bastante. Exceto Molly, segundo achava Harriet. Mas foi triste para os dois pais terem de ficar a ouvir conversas acerca de pessoas que não conheciam, apenas tinham ouvido falar. Luke e Helen visitavam famílias de amigos da escola; e essas pessoas

nunca poderiam ser convidadas para ir ali.

Em setembro do ano em que completou os onze, Ben foi para a escola secundária. Estava-se em 1986.

Harriet preparou-se para o telefonema que devia receber do diretor. Haveria de ser, pensou ela, por volta do fim do primeiro período. A nova escola deveria ter recebido um relatório sobre Ben da diretora que tão persistentemente recusara reconhecer que havia algo de diferente nele. «Ben Lovatt não é um bom estudante, mas...» Mas o quê? «Esforça-se bastante...» Teria sido isto? Mas há muito tempo que ele deixara de se esforçar para perceber o que lhe ensinavam; mal conseguia ler ou escrever, para além do seu nome. Ainda tentava integrar-se, imitar os outros.

Não houve telefonema, nem carta. Ben, a quem ela examinava à procura de nódoas negras todas as tardes quando ele chegava a casa, parecia ter entrado sem dificuldade no mundo difícil e muitas vezes brutal das escolas secundárias.

— Gostas desta escola, Ben?

— Sim.

— É melhor do que a outra?

— Sim.

Como toda a gente sabe, estas escolas têm sempre um grupo, como um sedimento, de ineducáveis, inassimiláveis, irremediáveis, que correm a escola de classe em classe à espera do feliz momento em que podem sair. E, na maior parte das vezes, são gazeteiros, para alívio dos professores. Ben tornara-se de imediato um destes.

Algumas semanas depois de ter entrado para a escola secundária, ele levou lá a casa um jovem corpulento, desgrenhado e moreno, de índole fácil. Harriet pensou: «John!» E depois: «Mas deve ser irmão do John!» Não. Ben

sentira-se atraído por este rapaz, evidentemente, primeiro que tudo pelas suas recordações daqueles tempos felizes com John. Mas o nome dele era Derek, e tinha quinze anos, em breve deixaria a escola. Porque é que alinhava com Ben, alguns anos mais novo do que ele? Harriet observava-os enquanto eles iam buscar comida ao frigorífico, faziam chá, sentavam-se em frente da televisão, conversando mais do que olhando para lá. Com efeito, Ben parecia mais velho do que Derek. Eles ignoravam-na. Tal como quando Ben era a mascote, o bicho de estimação do bando de jovens, do bando de John, e parecia só ver John, agora a sua atenção era para Derek. E daí a pouco para Billy, para Elvis e para Vic, que vinham em grupo depois da escola e se sentavam e se serviam do frigorífico.

Porque é que estes rapazes já crescidos gostavam de Ben?

Ela olhava para eles, porventura das escadas, quando descia para a sala: era um grupo de jovens, fortes, ou magros, ou gordos, morenos, louros, ou ruivos — e entre eles Ben, atarracado, poderoso, de ombros pesados, com o seu cabelo russo a crescer de forma esquisita, com os seus olhos observadores, estranhos. E então ela pensava: «Mas ele realmente não é mais novo do que eles! É muito mais baixo, sim, mas quase parece dominá-los.» Quando se sentavam à volta da grande mesa da família, falando à maneira deles, alta, roufenha, escarninha, jocosa, estavam sempre a olhar para Ben. No entanto, ele falava muito pouco. Quando dizia alguma coisa, nunca era muito mais do que «Sim!», ou «Não!», ou «Toma isto!», ou «Agarra naquilo!», ou «Dá-me...» — o que quer que fosse, uma sanduíche, uma garrafa de *Coca-Cola*. E ela observava-os cuidadosamente o tempo todo. Ele era o chefe daquele bando, quer eles soubessem quer não.

Eles eram um grupo de adolescentes desajeitados, borbulhentos, inseguros; Ben era um jovem adulto. Ela teve finalmente de concluir isto, embora por uns tempos tivesse pensado que aqueles pobres miúdos, que andavam juntos por os acharem estúpidos, estranhos e incapazes de se enquadrarem com os seus contemporâneos, gostavam de Ben porque ele era ainda mais desajeitado e mais desintegrado do que eles. Não! Ela descobriu que o «bando de Ben Lovatt» era o mais invejado da escola e que uma série de rapazes, não só os cábulas e os gazeteiros, queriam fazer parte dele.

Harriet observava Ben com os seus seguidores e tentava imaginá-lo num grupo da sua espécie, agachado numa gruta à volta de chamas crepitantes. Ou numa aldeia de cabanas numa floresta densa? Não, a gente de Ben estava à vontade sobre a terra, ela tinha a certeza, bem no fundo de cavernas escuras iluminadas por tochas — era mais assim. Provavelmente aqueles olhos peculiares que ele tinha estavam adaptados a condições de luz bastante diferentes.

Ela sentava-se muitas vezes na cozinha, sozinha, quando eles estavam do outro lado da parede divisória, na sala de estar, a ver televisão. Podiam escarrapachar-se ali horas seguidas, toda a tarde e toda a noite. Faziam chá, assaltavam o frigorífico, saíam para ir buscar tortas, ou batatas fritas, ou pizzas. Não pareciam importar-se com o que viam; gostavam das telenovelas da tarde, não desligavam nos programas para crianças; mas acima de tudo apreciavam o programa sangrento da noite. Tiroteios, mortes, torturas e lutas: isso é que os alimentava. Ela via-os a verem — mas era mais como se estivessem de facto a fazer parte das histórias no ecrã. Encolhiam-se e esticavam-se inconscientemente, com os rostos contraídos, ou triunfantes, ou cruéis; deixavam escapar grunhidos, ou

suspiros, ou gritos de excitação:

— Isso mesmo, faz isso mesmo! Esfrangalha-o! Mata-o! Corta-o aos bocados!

E havia murmúrios de participação excitada conforme as balas penetravam num corpo, o sangue borbotava, a vítima torturada gritava.

Por essa altura, os jornais locais traziam imensas notícias de desordens, assaltos, roubos. Por vezes, este bando, incluindo Ben, não ia a casa dos Lovatt durante um dia, dois, três.

— Onde é que estiveste, Ben?

Ele respondia, indiferente: — Com os meus amigos...

— Sim, mas onde?

— Por aí...

No parque, num café, no cinema e, quando conseguiam uma moto emprestada (ou roubada?), em alguma cidade da costa.

Ela lembrou-se de telefonar ao diretor, mas depois pensou: «Qual é o interesse? Se eu estivesse no lugar dele ficaria aliviada por eles se afastarem.»

A polícia? Ben nas mãos da polícia?

O bando parecia ter sempre muito dinheiro. Mais de uma vez, descontentes com o que encontraram no frigorífico, foram buscar banquetes de comida, que consumiram durante toda a noite. Derek (Ben nunca!) costumava oferecer-lhe:

— Queres um bocadinho de comida feita, amor?

Ela aceitava, mas sentava-se afastada deles, pois sabia que não a queriam por perto.

Havia violações, também, entre aquelas notícias recentes...

Ela examinava aquelas caras, tentando identificá-las com o que lera. Eram rostos vulgares de rapazes; todos

pareciam ter mais de quinze, dezasseis anos. Derek tinha uma característica um pouco louca: nos piores momentos do ecrã, ria-se muito, de uma forma fraca e excitada. Elvis era um jovem magro, louro, muito educado, mas uma visita terrível, pensou ela, com olhos tão frios como os de Ben. Billy era um brutamontes, estúpido, agressivo em cada movimento. Ficava tão perdido com a violência no aparelho que saltava para o chão e quase parecia desaparecer no ecrã — e então os outros gozavam com ele, que se apercebia do que tinha feito e voltava a sentar-se. Metia-lhe medo. Todos lhe metiam medo. Mas, pensou ela, eles não eram lá muito inteligentes. Talvez Elvis fosse... Se andassem a roubar (ou pior), então quem é que planeava tudo e os dirigia?

Ben? «Ele não sabe a força que tem.» Esta fórmula acompanhava-o na escola. Como é que ele controlava as fúrias que ela sabia que o assaltavam? Ela andava sempre à procura de golpes, nódoas negras, feridas. Todos as tinham, mas não eram nada de importante.

Uma manhã, ao descer as escadas, ela encontrou Ben a tomar o pequeno-almoço com Derek. Dessa vez não disse nada, mas sabia que aquilo iria acontecer mais vezes. Daí a pouco, encontrou seis ao pequeno-almoço: ouvira-os, muito tarde, a treparem as escadas à procura de camas para se deitarem.

Encostada à mesa, olhou para eles corajosamente, pronta a enfrentá-los, e disse:

— Vocês não podem dormir aqui quando vos apetece...

Eles continuaram a comer, de cabeça baixa.

— Estou a falar a sério — insistiu ela.

Derek disse, rindo, pretendendo ser insolente:

— Oh, desculpe, desculpe, desculpe. Mas nós pensámos que não se importava.

— Importo-me, sim — respondeu ela.

— É uma casa grande — contestou Billy, o estúpido, aquele de quem ela tinha mais medo.

Ele não olhou para ela, mas encheu a boca de comida e fez barulho a comer.

— A casa não é vossa — disse Harriet.

— Um dia havemos de lha tirar — respondeu Elvis, rindo alto.

— Ah, talvez o façam, sim.

Todos faziam destes comentários «revolucionários» quando se lembravam.

«Quando chegar a revolução, nós...» «Havemos de matar a merda dos ricos todos e depois...» «Há uma lei para os ricos e outra para os pobres, toda a gente sabe *isto...*» Diziam estas coisas amavelmente, com aquele ar que as pessoas satisfeitas usam quando estão a imitar os outros, quando fazem parte de uma tendência popular ou de um movimento.

Nessa altura, David chegava tarde do trabalho e às vezes nem ia. Ficava em casa de um dos colegas com quem trabalhava. Aconteceu que um dia chegou mais cedo e encontrou o bando, nove ou dez rapazes, a ver televisão, com latas de cerveja, caixas de comida rápida chinesa, papéis de peixe e batatas fritas, tudo espalhado pelo chão.

— Limpem essa porcaria — disse ele.

Lentamente, eles puseram-se de pé e limparam. Ele era um homem: o homem da casa. Ben também limpou com eles.

— Já chega — disse David. — E agora vão todos para casa.

Eles saíram, e Ben foi com eles. Nem Harriet nem David disseram fosse o que fosse para o impedir.

Há já algum tempo que eles não estavam sozinhos.

Semanas, pensou ela. Ele queria dizer qualquer coisa, mas estava receoso — receoso de despertar aquela sua ira perigosa?

— Não vês o que vai acontecer? — perguntou ele finalmente, sentando-se à mesa com um prato de qualquer coisa que conseguira arranjar no frigorífico.

— Queres dizer que vão cá ficar mais vezes?

— Sim, é isso. Não vês que devíamos vender esta casa?

— Sim, eu sei que devíamos — concordou ela calmamente, enganando-o com o seu tom de voz.

— Por amor de Deus, Harriet, do que é que tu podes estar à espera? É uma loucura...

— A única coisa em que consigo pensar agora é que as crianças poderiam gostar que a mantivéssemos...

— Nós não temos filhos, Harriet. Ou antes, eu não tenho filhos. Tu tens um filho...

Ela sentiu que ele não diria isto se estivesse em casa mais vezes.

— Há uma coisa que não estás a ver, David...

— E o que é?

— O Ben há de ir-se embora. Eles hão de todos ir-se embora, e o Ben irá com eles.

Ele refletiu sobre isto, sobre ela, com os maxilares a moverem-se lentamente enquanto comia. Parecia muito cansado, e também muito mais velho do que era: facilmente passava por sessenta anos em vez de cinquenta. Era um homem grisalho, encurvado, sombrio, com um ar tenso e um olhar cansado à espera de complicações, que era o que agora lhe dirigia a ela.

— Porquê? Podem vir para aqui quando querem, fazerem o que lhes apetece, servirem-se da comida...

— Porque para eles não é suficientemente excitante, é por isso. Penso que um dia vão partir para Londres ou

outra cidade grande. A semana passada ausentaram-se cinco dias.

— E achas que o Ben irá com eles?

— Sim, o Ben irá com eles.

— E tu não irás atrás dele para o trazeres de volta? Ela não respondeu. Isto era injusto, e ele devia sabê-lo. Após um ou dois segundos, ele disse:

— Desculpa, estou tão cansado que nem sei de que terra sou...

— Quando ele se for embora, talvez possamos ter umas férias juntos num sítio qualquer...

— Sim, talvez possamos...

Isto soou como se ele até acreditasse nisso, esperasse por isso.

Mais tarde, quando estavam deitados lado a lado, não se tocando, conversaram sobre os preparativos para visitarem Jane na sua escola. E também Paul, em cuja escola se festejava o Dia da Visita dos Pais.

Estavam sozinhos no quarto grande onde todos os filhos exceto Ben tinham nascido. Por cima deles, o vazio dos andares superiores e o sótão. Por baixo, a sala de estar vazia e a cozinha. Tinham trancado as portas. Se Ben decidisse ir para casa nessa noite teria de tocar.

Ela disse:

— Depois de o Ben se ir embora, podíamos vender esta casa e comprar outra mais razoável algures. Talvez as crianças gostassem de nos visitar se ele não estivesse lá.

Não houve resposta: David estava a dormir.

Pouco depois disso, Ben e os outros andaram por fora novamente durante alguns dias. Ela viu-os na televisão. Havia tumultos no Norte de Londres. Tinham sido previstas «complicações». Eles não estavam entre os que atiravam tijolos, ferros, pedras, mas formavam um grupo à parte,

rindo, gozando e gritando incitamentos.

No dia seguinte voltaram, mas não sossegaram a ver televisão. Estavam inquietos, e saíram novamente. Na manhã seguinte havia notícias de que fora assaltada uma pequena loja, uma que tinha um balcão dos Correios. Tinham sido roubadas cerca de quatrocentas libras. O vendedor fora atado e amordaçado. A funcionária dos Correios fora espancada e deixada inconsciente.

Eles chegaram à tarde, por volta das sete horas. À exceção de Ben, todos estavam muito excitados e realizados. Quando a viram, trocaram olhares, gozando o segredo que ela não partilhava. Ela viu-os puxarem de maços de notas, manuseando-as, voltando a pô-las nos bolsos. Se fosse da polícia, ela suspeitaria da força exultante deles, dos seus rostos febris.

Ben não estava efervescente como os outros. Estava como sempre. Podia pensar-se que não tinha tomado parte no... que quer que fosse. Mas ele estivera nos tumultos, ela vira-o.

Tentou:

— Vi-os a todos na televisão, vocês estavam em Whitestone Estates.

— Ah, sim, estivemos lá — orgulhou-se Billy.

— Éramos nós — confirmou Derek, erguendo os polegares para si próprio em sinal de aprovação.

Elvis tinha um olhar penetrante e conhecedor. Havia outros rapazes com eles, daqueles que só lá iam às vezes, não eram habituais, que também pareciam satisfeitos.

Uns dias mais tarde, ela informou:

— Penso que vocês devem saber que esta casa vai ser vendida... não já, mas daqui a pouco tempo.

Ela olhava especialmente para Ben, mas este, ao mesmo tempo que virou os olhos para ela e — supôs ela —

assimilou a notícia, não disse nada.

— Então vão vender, não é? — comentou Derek, mais por delicadeza do que por qualquer outra razão, achou ela.

Esperou que Ben se referisse a isso, mas ele não o fez. Seria que a sua identificação com o bando era agora tão forte que ele não sentia aquela casa como sendo sua?

Ela disse-lhe, quando ele estava fora do alcance do ouvido dos outros:

— Ben, se por qualquer motivo não conseguires encontrar-me aqui, vou dar-te uma morada onde me poderás sempre contactar.

Enquanto falava, sentia que David estava a observá-la de forma satírica, reprovadora. «Muito bem», disse ela em pensamento para o David invisível, «mas eu sei que tu farias o mesmo, se eu não o fizesse... Somos assim, e não podemos fazer nada contra isso, para o pior ou para o melhor.»

Ben agarrou no bocado de papel onde ela tinha escrito o nome: «Harriet Lovatt, ao cuidado de Molly e Frederick Burke», e a morada deles de Oxford, o que lhe dera um certo prazer maldoso. Mas ela encontrou o papel esquecido ou descuidado no chão do quarto dele e não tentou outra vez.

Foi a primavera, depois o verão, e eles apareciam menos, por vezes não iam lá durante dias seguidos. Derek adquirira uma moto.

Agora, sempre que sabia de um assalto, ou de uma agressão, ou de uma violação algures, ela culpava-os a eles; mas depois pensava que estava a ser injusta. Eles não podiam ter a culpa de tudo! Entretanto, ansiava que se fossem embora. Tinha uma necessidade urgente de começar uma vida nova. Queria acabar de vez com aquela casa de infelicidade e com os pensamentos que a acompanhavam.

Mas eles às vezes apareciam. Como se não tivessem estado ausentes muito tempo, nunca dizendo onde, dirigiam-se para a sala de estar e sentavam-se à volta da televisão, uns quatro ou cinco, por vezes uns dez ou onze. Agora já não assaltavam o frigorífico: nessa altura havia lá muito pouca coisa. Levavam grandes quantidades de variados géneros alimentares, originários de uma dúzia de países. Pizas e quiches, comida chinesa e indiana; pão de piteira recheado com salada; tacos, tortilhas, chamuças, chili com carne; tortas, pastelões e sanduíches. Seriam estes os ingleses convencionais e acanhados, sem preparação para comer nada que os seus pais não conhecessem? Parecia que não se importavam com o que comiam, desde que houvesse muito, e podiam atirar migalhas, côdeas e cartuchos de papel por todo o lado e não terem de limpar nada.

Ela limpava depois e pensava: «Não é por muito tempo.»

Ela costumava sentar-se sozinha na mesa grande enquanto eles se esparramavam do outro lado da parede baixa, e os barulhos da televisão eram a contracorrente das suas vozes altas, ruidosas, rancorosas — as vozes de uma tribo alienada, não compreendida e hostil.

A extensão da mesa acalmou-a. Quando fora comprada, uma mesa de talho abandonada, tinha uma superfície áspera, cheia de cortes, mas depois fora aplainada, e nessa etapa da sua vida mostrara logo uma nova camada de madeira branca leitosa. Ela e David tinham-na encerado. Desde então, milhares de mãos, dedos, mangas, os braços despidos do verão, as faces das crianças que tinham caído para a frente adormecidas ao colo dos adultos, os pezinhos rechonchudos dos bebés cambaleantes auxiliados no seu caminhar, com toda a gente a aplaudir: tudo isto, a suavidade e as carícias de vinte anos, dera àquela vasta

tábua — era uma só peça, cortada há muito tempo de um carvalho gigante — uma superfície acetinada e brilhante, tão suave que os dedos escorregavam sobre ela. Debaixo desta pele, os nós e as estrias ficavam submersos, formando um padrão que ela conhecia intimamente. No entanto, a pele fora marcada por cicatrizes. Aqui estava um semicírculo castanho onde Dorothy assentara uma panela quente e, furiosa consigo mesma, logo a levantara. Ali havia um vergão negro encurvado, mas Harriet não conseguia lembrar-se de como fora feito. Se se olhasse de um certo ângulo, viam-se zonas de pequeninas depressões ou mossas, onde tinham ficado os tripés que afastavam o calor das travessas da preciosa superfície.

Quando se inclinou para a frente, pôde ver-se a si própria no reflexo — embotado, mas suficiente para a fazer recostar-se outra vez, longe da vista. Tinha o mesmo aspeto de David: velha. Ninguém diria que tinha quarenta e cinco anos. Mas não era o envelhecimento vulgar do cabelo grisalho, da pele cansada: fora-lhe retirada uma essência invisível; escoara-se um ingrediente que toda a gente tinha como certo, que era como uma camada de gordura mas sem ser material.

Recostada de forma a não poder ver a sua imagem toldada, imaginou como, outrora, aquela mesa tinha sido preparada para festas e alegrias, para... a vida de família. Recriou cenas de vinte, quinze, doze, dez anos atrás, os estádios da tábua Lovatt, primeiro David e ela, inocentes, corajosos, com os pais dele, e Dorothy, e as irmãs dela... Depois os bebés a aparecerem e a tornarem-se crianças pequenas... Novos bebés... Vinte pessoas, trinta, tinham-se agrupado à volta daquela superfície reluzente e nela se haviam visto ao espelho... Tinham acrescentado outras mesas à ponta, alargando-a com tábuas assentes em

suportes... Viu a mesa estender-se e alargar-se, e a massa de rostos à sua volta, sempre sorridentes, pois aquele sonho não podia incluir crítica ou discórdia... E os bebês... As crianças... Ouviu o riso das criancinhas, as suas vozes... E depois o vasto brilho da mesa pareceu escurecer: chegara Ben, o estranho, o destruidor.

Ela voltou a cabeça com cautela, receosa de alertar nele sensações que sabia que ele possuía, e viu-o ali, na sua cadeira. Sentava-se à parte dos outros, sempre à parte; e, como sempre, os seus olhos fixavam os rostos dos outros, observando-os. Olhos frios? Sempre os achara frios, mas o que é que viam? Pensativos? Podia-se acreditar que estava a pensar, recolhendo informações do que via e classificando-as — mas segundo modelos interiores que nem ela nem ninguém conseguia adivinhar. Comparado com os jovens inexperientes e incompletos, ele era um ser maduro, acabado, completo. Ela sentiu que, através dele, estava a ver uma raça que atingira o seu vértice milhares e milhares de anos antes de a humanidade, qualquer que fosse o significado, chegar ao seu estádio atual. Seria que o povo de Ben vivia em grutas debaixo da terra enquanto a idade do gelo se mantinha cá em cima, comendo peixe de escuros rios subterrâneos ou esgueirando-se até à neve fria para preparar armadilhas a ursos ou a aves — ou até mesmo a pessoas, aos seus (de Harriet) ancestrais? O seu povo violaria as mulheres dos antepassados da humanidade? Fazendo assim novas raças, que tinham florescido e partido, mas deixando talvez as suas sementes na matriz humana, aqui e ali, para aparecerem novamente, como Ben? (E talvez os genes de Ben estivessem já em algum feto lutando por nascer?)

Sentiria ele o seu olhar, tal como um ser humano? Por vezes, ele olhava para ela quando ela olhava para ele —

não muito frequentemente, mas já acontecera os seus olhares encontrarem-se. Ela costumava pôr na sua contemplação estas especulações, estas perguntas, a sua necessidade, a sua *paixão* por saber mais sobre ele — a quem, afinal, dera o ser, transportara durante oito meses, embora ele quase a tivesse matado —, mas ele não sentia as interrogações que ela lhe fazia. Indiferente, despreocupado, olhava novamente para outro lado, e os seus olhos viravam-se para os rostos dos seus companheiros, dos seus seguidores.

E viam... o quê?

Seria que alguma vez ele se lembrava de que ela, a sua mãe — mas o que significava isto para ele? —, o encontrara naquele lugar e o levara de volta para casa?, o encontrara transformado numa infeliz criatura meio morta metida numa camisa de forças? Saberia que, por tê-lo levado para casa, esta ficara vazia, e todos tinham partido, deixando-a sozinha?

Aos círculos e círculos e círculos: «Se eu o tivesse deixado morrer, então todos nós, tanta gente, teríamos sido felizes, mas eu não consegui fazê-lo, e por isso...»

E o que é que aconteceria agora a Ben? Ele já conhecia os prédios meio abandonados, as caves, as grutas e os abrigos das grandes cidades, onde viviam pessoas que não conseguiam encontrar um sítio nas casas normais: ele devia conhecer, pois em que outros lugares poderia ter permanecido durante os períodos de dias ou semanas que passara fora de casa? Dentro de pouco tempo, se fizesse muitas vezes parte das grandes multidões, dos elementos à procura de excitação em tumultos, em lutas de rua, ele e os seus amigos seriam conhecidos da polícia. Ele era alguém que não passava facilmente despercebido... Mas porque é que ela dizia isto? As autoridades não tinham visto Ben

desde que ele nascera... Quando ela o vira na televisão, no meio da multidão, ele usava um blusão com a gola levantada e um cachecol. Parecia um irmão mais velho, talvez, de Derek. Parecia um estudante intrépido. Teria vestido aquelas roupas para se disfarçar? Isso queria dizer que ele sabia do seu aspeto? Como é que ele se via a si próprio?

Acaso as pessoas se recusariam sempre a vê-lo, a reconhecer como ele era?

Não seria, não poderia ser, ninguém da autoridade, que depois teria de assumir a responsabilidade. Nenhum professor, nem médico, nem especialista fora capaz de dizer: «É isto o que ele é!» E tal não podia acontecer com um polícia, um médico da polícia ou um assistente social. Mas suponha-se que um dia alguém que fosse um amador da condição humana, talvez um antropólogo diferente, reparasse mesmo em Ben, digamos, estando ele na rua com os companheiros, ou num tribunal da polícia, e admitisse a verdade. Curiosidade admitida... e então? Ben podia acabar sacrificado à ciência? O que lhe iriam fazer? Cortá-lo aos bocados? Examinar aqueles ossos que pareciam bastões, aqueles olhos, e descobrir porque é que a sua fala era tão grossa e estranha?

Se isto não acontecesse — e a experiência com ele até agora dizia-lhe que era pouco provável —, então o que ela previa era ainda pior. O bando continuaria a viver do roubo, e mais cedo ou mais tarde seriam apanhados. Ben também. Nas mãos da polícia, haveria de lutar, rugir, bater com os pés e urrar, descontrolado de raiva, e eles iriam drogá-lo, porque tinham de o fazer, e pouco tempo depois estaria como quando ela o encontrara, a morrer, parecendo uma lesma gigante, pálido e flácido na sua mortalha.

Ou talvez conseguisse evitar ser preso? Seria

suficientemente esperto? Aqueles companheiros dele, o seu bando, de certeza que não o eram, denunciando-se pela excitação, pela soberba.

Harriet deixou-se estar ali calmamente sentada, com os sons da televisão e das vozes deles vindo do outro lado da parede. Por vezes, olhava rapidamente para Ben; e depois desviava o olhar. E perguntou a si própria quando é que todos eles se iriam embora, não sabendo talvez que não voltariam. Ela sentar-se-ia ali, ao pé do brilho calmo da lagoa que era a mesa, esperando que eles regressassem, mas eles não regressariam.

E porque haveriam de ficar no país? Poderiam muito bem arrancar e desaparecer para qualquer uma das grandes cidades do mundo, juntar-se ao submundo de lá e viver dos seus expedientes. Talvez daí a pouco tempo, na casa nova onde iria viver (sozinha) com David, estivesse a olhar para a televisão, e ali, nos apontamentos das notícias de Berlim, Madrid, Los Angeles, Buenos Aires, visse Ben, afastado da multidão, fixando a câmara com os seus olhos de gnomo, ou procurando descobrir nos rostos da multidão outro da sua espécie...